CARTAS DE AMOR

POR MARIANA

3 1761 06184649 9

PQ
1799
G795
A6167
1914
c.1
ROBARTS

CARTA DE GUIA DE CASADOS

POR D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

COLECÇÃO LUSITÂNIA

SÓROR MARIANA

CARTAS DE AMOR

D. FRANCISCO MANUEL DE MÉLO

CARTA DE GUIA DE CASADOS

Colecção Lusitánia

Esta colecção, de que já estão publicados 68 volumes, é a mais selecta, económica e elegante de quantas se têem editado em português, e destina-se a vulgarizar, não só as obras primas da literatura pátria, como também, em cuidadas traduções, as melhores da literatura estrangeira.

Possuir a Colecção Lusitánia completa o mesmo é que possuir uma pequena biblioteca.

SÓROR MARIANA

SÓROR MARIANA

Cartas de Amor

AO

CAVALEIRO DE CHAMILLY

Tradução do MORGADO DE MATEUS, com um prólogo por JÚLIO BRANDÃO

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

CARTA DE GUIA DE CASADOS

Nova edição, com prefácio biográfico por CAMILO CASTELO BRANCO e notas por TEÓFILO BRAGA

LIVRARIA LELLO & IRMÃO, EDITORES
144, Rua das Carmelitas — PÔRTO
AILLAUD & LELLOS, LIMITADA
76, Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

LIBRARY
AUG 2 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

Pôrto — Artes Gráficas

CARTAS DE AMOR

CARTAS DE AMOR

PRÓLOGO

O estudo definitivo sôbre a autenticidade das Cartas da Freira portuguesa; a existencia, em Beja, da grande e desventurada amorosa; e até se fôra ou não o senhor de Chamilly quem ateára êsses arroubos de paixão esbraseante, — tudo isso só está irrefragàvelmente esclarecido desde 1888. Foi pelo trabalho precioso de Luciano Cordeiro que a questão ficou posta a tôda a luz. Tudo o leitor aí encontra minuciosamente explanado — mais de dois séculos depois do aparecimento das Cartas!*

Portugal tem sido sempre um país de maravilhas — e de desleixados. Em letras e belas-artes é quási criminoso o que se deixou esfarrapar e esboroar. Quando um grito se erguia reclamando documentos ou elucidando-os, êsse apêlo ou essa lição perdia-se fatigadamente entre o encolher de ombros dum desdém quási geral. O tempo que

---

* Sóror Mariana — a Freira portuguesa.

levou a aparecer um estudo completo ácêrca da autenticidade das Cartas de Sóror Mariana é um exemplo característico da nossa vélha incúria.

Em 1669 apareciam pala primeira vez impressas, traduzidas em francês, sem nome do tradutor nem da pessoa a quem eram dirigidas, as cinco Cartas admiráveis. *

«Nos primeiros dias de janeiro daquele ano, Cláudio Barbin, o célebre livreiro parisiense — au Palais, sur le second perron de la Sainte Chapelle, — *lançava nos salões e alcovas que continuavam a câmara azul da senhora de Rambouillet, um pequenino livro anónimo, que naquele meio galante, artificioso e frívolo, era, certo, como a mancha rude e sombria dum monge de Zurbaran, caindo inopinadamente numa pastoral mimosa de Watteau ou Boucher».*

O êxito é prodigioso. Tôdas as almas apaixonadas ou delicadas querem crestar-se na labareda fulgurante daquelas cinco Cartas. Ás edições sucedem-se. Logo aparecem outras Cartas, desta vez dum mundanismo enternecido — «Lettres de la Dame portugaise», — *e editam-se* Respostas e Novas respostas, *tudo evidentemente apócrifo, para atiçar o fogo, aproveitando o entusiasmo e a comoção nascida com a leitura das Cartas autênticas da Freira — e as Respostas talvez para atenuarem o egoismo e a atitude antipática de Chamilly . . .*

A voga aumenta estupendamente. Essas cinco mararáias correm mundo, e constituem um monumento litevilho e passional verdadeiramente incomparável.

O nome do destinatário das Cartas e o do tradutor só

---

* *Lettres portugaises, traduites en françois.*

foram impressos pela primeira vez na edição francesa de 1690. «O nome daquele a quem foram enviadas estas Cartas é o cavalheiro de Chamilly, e o nome de quem lhe fez a tradução é Guilleragues.» E a autora? Quem escrevera com sangue e com lágrimas essas Cartas eternas? Até 1810 sabe-se apenas que se chamava Mariana . . . É então que o ilustre Boissonade (a quem devemos a versão do «Hissope»), descobre num exemplar da edição original das Cartas uma nota escrita por mão contemporânea, dizendo o nome completo da extraordinária amorosa: — Mariana Alcoforado.

Pois bem: só em 1888 Luciano Cordeiro documentou a existência de Mariana. É certo que antes d'ele Felner, Juromenha e depois Pinheiro Chagas tentaram documentar a existência em Beja, da grande apaixonada; mas nada puderam concluir das suas investigações. Não havia documentos. Só uma lenda esvoaçava vagamente, semelhante a alguma réstia de luar triste sôbre um túmulo quimérico . . .

O problema, com efeito, dificilmente se podia desenredar. Dada a influência e representação da família Alcoforado no século XVII, era natural que se tentasse apagar o nome de Mariana de tudo o que mais ou menos evocasse êsse episódio ardente dos seus amores. Nas pesquizas a que procedeu, Luciano Cordeiro «sentiu positivamente *mão desconhecida*, que tivesse andado a apagar a memória de Mariana»; *o caso religioso também impunha reservas; as crónicas monásticas não se alargam em comentários mundanais; um ou outro arquivo importante conservava-se fechado a sete chaves ou de há muito esfarrapado e disperso . . . Uma agulha em palheiro!*

No entanto, não havia dúvidas: as Cartas haviam

sido dirigidas a Chamtlly. Além da edição de 1690, contemporâneos ilustres categòricamente o afirmavam, como Saint-Simon e Duclos — apesar do sr. Beauvois, publicista de Beaune, vir, dois séculos depois, dizer que não: as Cartas, segundo êsse homem singular, não podiam ter sido endereçadas ao futuro marquês e marechal de França, de quem faz o panegírico como militar e católico, e a quem considera incapaz de seduzir uma religiosa. É claro que é delicioso êste sr. Beauvois.

Consoante pensa, as Cartas deviam ter sido escritas em francês, para gáudio dum editor esperto. Acha que elas são «un parfait secrétaire des amants . . .» Aqui resvala em tolo.

Luciano Cordeiro atura-o, e discute esmagadoramente com o piedoso paladino do capitão de cavalos. Tempo bem empregado!

*Sousa Botelho (Morgado de Mateus), que em 1824 fez em Paris a retroversão das «*Cartas portuguesas*», como Filinto Elísio fizera cinco anos antes, mas misturando as autênticas e as apócrifas, Sousa Botelho afirma: — «Um português, ou seja quem fôr que conheça bem esta língua, não poderá duvidar de que as Cinco Cartas da Religiosa* tenham sido traduzidas quási literalmente dum original português. *A construção de muitas frases é tal, que retraduzindo-as palavra a palavra em português, encontrar-se hão inteiramente no génio e no carácter desta língua.» O sr. dr. Teófilo Braga é do mesmo alvitre.*

Por cá havia uma ou outra opinião ilustre de que as Cartas houvessem sido originalmente escritas em francês. Camilo Castelo Branco diz: — O torneio, a índole e a contextura da frase rescendem as olorosas meiguices do género epistolar francês.» A isto responde com razão

Luciano Cordeiro : — «*Que nos perdôe o grande escritor, nosso mestre e amigo, mas é exactamente a isso que nos parece, e tem parecido a muitos, pudéramos dizer que a todos, que elas nem longinquamente rescendem.*» *Evidentemente Camilo não se tinha dado à canseira de estudar o caso. Elas são tam vivas e humanas, que a nenhum outro escrito poderemos aplicar com mais justeza aquele admirável dizer de Emerson* : «*Cortai-lhe as palavras: de tal maneira são vasculares e vivas, que elas deitarão sangue . . .*»

Tudo leva a crer que a tradução francesa (ou talvez uma revisão definitiva sôbre uma versão do próprio Chamilly) fôsse feita por Guilleragues. O abade Mercier de Saint-Léger, na edição das «Cartas portuguesas» *de Delance de 1776, atribue a versão a Subligny,* «*advogado segundo uns, actor segundo outros, pai da menina Subligny, famosa dançarina da Ópera, o qual, além de outros trabalhos, escreveu em 1668 uma comédia crítica contra a célebre tragédia* «Andrómaca», *de Racine.*» *Ora tôdas as edições que indicam o tradutor chamam-lhe Guilleragues. Não seria Subligny o auctor das* «Lettres de la Dame portugaise» *e das primeiras Respostas? pergunta Eugénio Asse.*

«*Lavergne de Guilleragues, ou o conde Lavergne de Guilleragues, era um gentil-homem gascão, secretário da câmara e do gabinete do rei, relacionado com Racine, Boileau, a senhora Sévigné, etc., e, segundo Saint-Simon,* «*gloitão, agradável, com muito espírito, fazendo excelente companhia, tendo muitos amigos, e vivendo à custa dêles, porque tudo esbanjára.*»

O retrato de Boileau, seu amigo, é mais lisonjeiro:

« Esprit né pour la cour et maître en l'art de plaire
Guilleragues, qui sait et parler et se taire. »

Dirigiu algum tempo a « Gazette de France », *onde fez o necrologio de Turene. Fôra íntimo da senhora de Maintenon, quando ela era ainda a senhora Scarron. Segundo Saint-Simon foi esta circunstância que lhe valeu, em 1677, a embaixada de Constantinopla « pour se remplumer ».*

Tudo indica, pois, que fôsse Guilleragues o tradutor ou revisor literário das cinco prodigiosas Cartas, com que o futuro marquês de Chamilly conseguiu, num gesto de fatuidade quási ridiculo, imortalizar o seu nome . . . Mas sem a fatuidade dêsse capitão de cavalos, ter-se-iam apagado para sempre as estrêlas mais vivas, e por isso eternas, de tôda a nossa literatura de amor!

As cinco Cartas foram efectivamente escritas por Mariana Alcoforado, e dirigidas ao oficial francês. Foi o que Luciano Cordeiro apurou no seu estudo vasto e valiosíssimo. Tudo o que diz respeito à adorável apaixonada ficou irrefutàvelmente esclarecido. É êsse trabalho que indicamos aos leitores que se interessem pelo assunto. Tudo aí está, repetimos — incluindo uma larga bibliografia das Cartas. Os mais notáveis homens de letras portugueses felicitaram sinceramente o crítico ilustre. Oliveira Martins diz-lhe: — « V. fez um milagre. O livro das Cartas que V. fez é verdadeiramente definitivo; não há nada mais a dizer. Esgotou a erudição e a crítica: não há que rebuscar nem que observar mais. Está definido o caso patológico e determinado o concurso de circunstâncias em que se deu. »

* * *

«*Nos fins de 1660 chega Schomberg a Portugal, para nos auxiliar nas nossas lutas contra a Espanha. É-lhe passada a patente de mestre do campo general da província do Alentejo, cargo vago pela promoção do conde de Atouguia. Em 1663 Schomberg é elevado a governador das armas do Alentejo: e terminada a campanha, em 1668, recebe o título de conde de Mértola, para êle e seus descendentes, com a respectiva pensão, que foi como que a* lembrança *com que, em frases extremamente elogiosas, o presenteou na despedida o govêrno português.*»

Noël Bouton de Chamilly, ao tempo conde de Saint-Léger, — o herói das Cartas — não viera com o valente e simpático general, como se tem afirmado. Só em 1663 aparece, naturalmente patrocinado por Turene, que activamente apoiava as intenções do cardeal Mazarino a favor da nossa independência, e que já havia indicado o conde de Schomberg.

Beja era o centro dum constante movimento militar, «uma espécie de grande depósito e aquartelamento do exército do Alentejo». Chamilly é nomeado capitão no regimento de cavalaria organizado por Briquemault. Esteve no cêrco de Valença de Alcântara e na derrota dos espanhóis em Castelo Rodrigo (1664), na batalha de Montes-Claros e no combate do rio Xevora (1665), na tomada de Benses, Guardia, Paimogo e São Lucar. Também tomou parte, em 1667, na investida do chamado Castelo de Ferreira. Entretanto o nome e a memória de Chamilly — frisa o sr. Luciano Cordeiro, de quem nos valemos ao traçar estas notas — não aparece nos nossos arquivos e cronistas dos sucessos do tempo. É pelos seus «états de

service», *reproduzidos por Pinard, que sabemos onde esteve o futuro marechal de França. É certo que uma grande parte dos nossos documentos militares da época, — incluindo a correspondência de Schomberg — desapareceram provàvelmente na devastação, no abandôno dos arquivos, e na venda dos documnetos acumulados em muitas casas herdeiras de algumas das principais personagens do século XVII.*

Como acontece o mesmo com Mariana Alcoforado, não nos parece estranho que seja proposital o silêncio sôbre os dois nomes, atendendo ao escândalo dêsses amores e ao relêvo da situação dos dois amantes. Luciano Cordeiro chega a acreditar qur Juromenha não quis também aclarar o caso que investigou, como dissemos, por motivos exclusivamente religiosos.

Seja vomo fôr, o que está averiguado é que os feitos de armas de Chamilly, entre nós, não deram na vista. O «Mercúrio Português» *não diz nada; os historiadores franceses, a tal respeito, são discretos.*

* * *

Foi no convento da Conceição de Beja, «da varanda donde se vêem as portas de Mértola», que Mariana Alcoforada se sentiu prêsa de Chamilly.

«Adivinhavam-se ainda, lá em baixo, os campos planos e assoalhados, em que há 220 anos, naquele dia fatal, *se exercitavam os soldados de Chamilly, ou êste galopava cheio de mocidade e de petulância, à frente da sua companhia. Daquele lado voltava êle, talvez, alegre e triunfante, da expedição de S. Lucar. Dali veriam as pobres raparigas enclausuradas manobrar os terços com os seus*

uniformes variados e scintilantes: escarlates uns, verdes outros, alguns cobertos de passamanes multicores, outros ostentando os brasões heráldicos dos generais, — e caracolando em volta, e exercitando-se nas cargas impetuosas, e desennovelando-se como longas serpes reluzentes, as companhias de cavalos, *com os seus pelos oficiais, moços quási todos, cujos olhares atrevidos e cápidos iriam por vezes alvoroçar estranhamente, através das rejas do balcão — se é que as tinha já, — o bando das pombas do Senhor.»*

Àquela como que aparição de encanto, seguem-se os capítulos rápidos e ardentes da novela amorosa (1666--1667). Chamilly tem 30 anos; Mariana 26. Chamilly, segundo Duclos, é bem parecido, elegante; é militar ousado; a sua farda esplende. Arteiro de certo em aventuras de sabreur *fidalgo e decorativo; intelectualmente quási bronco, conforme se depreende de Saint-Simon. Tudo vantagens! Já Sainte-Beuve ambicionava uma farda, vendo-se provàvelmente ao espelho, calvo, com aquela fisionomia de sacristão solerte.*

Nós estamos a vê-lo, ao herói das Cartas, aparecer depois, deslumbradoramente, aos olhos namorados de Mariana — na penumbra da igreja, a cabeleira fulva em anéis, na mão o largo chapéu de plumas variegadas ... Era uma clara mancha de vida e de sangue moço, a arder na luz frouxa e mística. Todo êle devia de resplandecer, tocado da beleza em que o amor enquadra as aparições maravilhosas. Aquele homem de guerra, que ela veria do côro austero, onde os lampadários bruxuleavam como soluços, onde as grandes estantes de cantochão bocejavam, era um pouco a vélha esfinge tentadora e demoníaca (e quási sempre, por isso mesmo, intensamente humana); era a expressão da vida, misteriosa e marulhosa, uma

flor de oiro e sangue que abrisse num sepulcro. Para os olhos virgens e ardentes de Mariana, êle surgia no scenário monacal, enfadonho e baço, como um príncipe de lenda, leal e forte, criado para os longos êxtasis e para as aventuras longas, avezado a galopar por noites estreladas, profundas, nupciais . . . Como seriam doces os segredos de amor no locutório! Como a vida tôda se transfiguraria para Mariana, num ressurgimento estranho! Era um novo Génesis!

Ela passaria então no claustro levada numa nuvem embaladora, ao mesmo tempo casta e voluptuária; sob o hábito escuro e triste da ordem, o coração desperto dir-se-ia doer-lhe de ventura; as pinturas da abóbada, os azulejos claros, teriam feiticeiras tintas, nunca por ela vistas; a arquitectura manuelina como que se espiritualizava, a mostrar-lhe, no alto, o largo céu, onde batiam asas livres; e enebriada por êsse perfume estranho e forte, que é um primeiro e grande amor, aos seus ouvidos cantaria o queixume epitalâmico da água — «a ninfa pérfida, e fugitiva como a vida . . .»

. . . . . .

Chamilly desvaira Mariana; pèrfidamente a enlaça em cadeias de sedução deliciosas: — «Eu era môça, era crédula, tinha-me encerrado desde criança neste convento, não vira senão gente desagradável, nunca ouvira as lisonjas que o sr. constantemente me dizia; parecia-me dever-lhe os atractivos e a beleza que me achava, e em que me fazia reparar; ouvira dizer bem de si, tôda a gente me falava em seu abôno . . . e o snr. tudo me fazia para me despertar amor . . .»

Êle teria o esmalte superficial da gente da sua classe, que andava galanteando por Versailles. Mariana era inteligente, mas ingénua e «crédula»; julgou-se since-

ramente amada. E amou, amou desvairadamente. As suas Cartas teem qualquer coisa ignea... Há periodos que ficam nos corações que amaram como um soluço imenso... Mas por entre êsse sofrimento tumultuário, que as torna por vezes estranhamente incoerentes para os analistas tranqüilos, como são fundas e admiráveis aquelas suas palavras: — «Terias experimentado que se é mais feliz, e que sentimos alguma coisa muito mais intensa quando amamos violentamente, do que quando se é amado...»

Chamilly jogava quási a frio. Un caprice de garnison, *como diz Maxime Caucher. É o que se averigua da sua atitude sêca, quando parte, da óptima disposição em que faz a viagem, do seu silêncio, da própria publicação das Cartas logo que chega a França, do seu futuro casamento com uma senhora excelente, rica e feia. Homem prático, Chamilly. Neste ponto de vista amoroso era um aventureiro antipático. Não tem volta a dar-lhe o sr. Beauvois!*

«Conheço agora a má fé de todos os teus transportes. Atraiçoavas-me sempre que dizias que o teu supremo encanto era estares comigo a sós. Consideravás a minha paixão apenas como uma vitória; o teu coração nunca foi profundamente penetrado por ela. Tinhas planeado, a sangue frio, incendiar-me de paixão!» *Que mais querem? É uma sedução em forma: uma burla de amor.*

E Mariana entrega-se, porque ama profundamente. A paixão absolve-a, e touca-a de flores eternas. Caiu, mas «num leito de circunstâncias atenuantes», como Donnap se exprime a propósito de Armanda Béjart. Mas no drama da Freira portuguesa há muito mais do que isso; há a divina tabareda amorosa que a purifica entregando-se.

Num momento tudo ela esfarrapa e perde pelo amante. Vem a pêlo transcrever (apenas no que possa referir-se à paixão de Mariana) um pensamento de Chamfort: «Quand un homme et une femme ont l'un pour l'autre une passion violente, il me semble toujours que, quels que soient les obstacles qui les séparent, les deux amants sont l'un à l'autre, de «par la nature»; qu'ils s'appartiennent «de droit divin», malgré les lois et les conventions humaines».

Êsse lume redentor é tam vivo, que as suas Cartas estremecem e escaldam — e ela resplandece constantemente desventurosa e aureolada. Nela fulgura o génio, porque o amor profundo é também génio; e êsse brilho é o único que hoje ainda alumia a figura trivial do marquês de Chamilly — reflexo da constelação mais fulgente da epistolografia amorosa.

Sainte-Beuve comenta, a propósito do auxílio que nos deu Luís XIV, dos combates que se travaram, dos voluntários que vieram bater-se, às ordens de Schomberg: — «Qui donc s'en soucie aujourd'hui? Mais le lecteur curieux que ne veut que son charme ne peut s'empêcher de dire que tout cela a été bon, puisque les lettres de la Réligieuse portugaise en devaient naître».

Tam certo é que na poeirada e na fumarada das coisas que se perdem, um grito profundo de amor acorda e embala sempre a alma torva dos homens!

* * *

Mariana Alcoforado nasceu em Beja, de família ilustre, em 1640 — precisamente no ano da nossa conspira-

ção libertadora. Faleceu a 28 de julho de 1723. Tinha 83 anos de idade, e mais de sessenta de claustro.

É curioso analisar a vida de Mariana, quanto nos podem elucidar os documentos encontrados. O seu perfil moral ressalta encantador a cada passo, recortado pàlidamente, como nos agiológios. É duma grande e comunicativa bondade. «Ninguém teve queixa dela: era muito benigna para todos» — conta a vélha madre escrivã. De rêsto, essa bondade áurea e forte, trasborda inalterável em tôdas as cinco Cartas. Ainda quando o orgulho ferido a sacode, e lhe dói como os cilícios futuros, logo na alma lhe esvoaçam os anjos do perdão e do afecto. Comove, na verdade, essa mulher abandonada, ludibriada, esquecida, e a quem a bondade conserva sempre puras as ondas da paixão mais revôlta, como o sal purifica as ondas dêsse Atlântico!

Como se vê das Cartas — a maravilha que o leitor vai ler — na primeira o pressentimento do abandôno anima-se ainda de esperança, à maneira de certas nuvens presàgas que o sol ainda irisa: — «Adeus, ama-me sempre, e faze-me ainda sofrer mais tormentos!» Pobre Mariana!

Depois vão-se acastelando as nuvens. Mariana sofre muito, adoece, definha-se. O coração estala-lhe no peito — quere voar para a França... Os seus gritos increpam o amante, para logo lhe suplicarem piedade, porque não quere magoá-lo... Mas o destino vai-lhe aparecendo como um emblema fúnebre; lembra-se do suicídio; e no pavor do seu esmagamento moral, as incoerências ressaltam dêsse coração que fica nú e sublime como uma labareda que procura apagar-se e que esfusia, num claro-escuro de génio, sublime de desartifício e de verdade.

Todos o estimam, sempre. Dela irradia, com a suges-

tão do nome, da mocidade, da gentileza, outra coisa mais duradoira e mais bela — a bondade divina e contagiosa. Por isso a desventura a nimba de rosas tristes a esfolharem-se . . . No convento não se agastam contra a «pecadora»; pelo contrário, a acarinham. Fazem-na porteira, para a distraírem. É inútil. Como o naufrago, que se agarra a uma tábua pôdre que flutua, ela enleva-se ainda ouvindo o nome de seu amado; e de certo nos seus ouvidos perpassa uma doce música àquele nome pérfido, como nos êxtasis religiosos. Algumas freiras mais compadecidas falam-lhe dêle muitas vezes — e Mariana deixa-se ainda sonhar num embalo mágico, como deveria ser o das sereias aos vélhos nautas jónicos.

Mas o tempo passa; a juventude passa; as ilusões desfolham-se. Êle não voltará de França! E Mariana começa a sentir na alma cândida os estremecimentos dum remorso — à maneira dum vento frio que encrespa um pouco as águas duma lagoa límpida . . . Então começam também, certamente, aqueles «trinta anos em que fez ásperas penitências», *segundo reza um documento a seu respeito. Como se ela tivesse pecado! E cada vez a sua bondade é mais vasta, e é mais profunda e bela a sua tristeza!*

Como acontece com suas irmãs, como em regra com os Alcoforados, é grande a resistência física de Mariana. Doente, penitenciada, melancólica, ela passa na clausura tocada duma claridade singular . . . Essa paixão foi uma tempestade oceânica; é-o ainda durante um longo escoar de tempo; no entanto Mariana vai sentindo, a rasgar-lhe os negrumes do drama, a réstia de luar etéreo que lhe alumia e transfigura a vida inteira. Oiçam o que ela diz no fecho da terceira Carta, a mais bela, talvez: — «Agradeço-te, contudo, do fundo do meu coração, o deses-

pêro que me causas, e detesto a tranqüilidade em que vivi antes de conhecer-te».

Estas palavras podem servir de tema a uns versos que escrevemos há tempos, e que vem a propósito reproduzir:

Aos setenta anos, entre as religiosas,
Sóror Mariana evoca o seu passado.
Aves presas e lindas, a seu lado
As freiras palram, riem buliçosas.

Tal quem remexe em cartas amorosas
E ainda sente um perfume evaporado;
Ou nas cinzas dum lume sopitado
E as brasas abrem num florir de rosas;

Sóror Mariana aviva a calentura
Dessa paixão que lhe alumiou cavernas,
E deu a tudo um vago amor de mãe...

«Amar na terra é amar a Deus na altura!
(Consigo diz) «Ó lágrimas eternas,
Quem fôra eu sem êsse amor. Ninguém!»

Com efeito, das grades dêsse convento da Conceição, só talvez ela pôde pressentir o mistério profundo das cousas. A dôr e o amor são as lanternas encantadas que iluminam a Vida.

JÚLIO BRANDÃO.

CARTA PRIMEIRA

CARTAS DE AMOR

I

Considera, meu Amor, quam excessivo foi o teu descuido de prever o que havia de suceder-nos!

Ah, infeliz! foste enganado, e me traiste, por lisonjeiras esperanças mentirosas.

Uma afeição sôbre que tinhas fundado tantos projectos deleitosos, e da qual te prometias infinito prazer, põe-te agora numa desesperação mortal, sòmente comparável em crueldade à da ausência, que é dela causa.

E há-de esta ausência, para a qual ainda a minha dôr, por mais engenhosa que seja, não soube achar nome assaz funesto, ¿ há-de ela privar-me de contemplar aqueles olhos em que divizava tanto amor, e que me faziam conhecer afectos, que enchiam meu peito de alegria, que eram tudo para mim, tudo supriam, e enfim me satisfaziam?

Ai de mim! os meus ficaram privados da única luz

que os animava, só lhes restam lágrimas ; nem eu lhes dou outro exercício senão o de chorar continuamente, desde o instante que soube estares resolvido a uma separação, para mim tam insofrível, que em breve tempo me acabará.

Parece-me, porém, que de algum modo me afeiçôo a infortúnios, dos quais és a única causa.

Dediquei-te a minha vida apenas te vi, e sinto algum gôsto em fazer-te dela sacrifício.

Milhares de vezes no dia a ti envio meus suspiros, que te procuram por tôda a parte, e não me trazem outra recompensa de tantas inquietações, mais do que um aviso, por demasia sincero, da minha má Fortuna, a qual cruamente não consente que eu me lisonjeie, mas repete-me a cada instante : « Cessa, cessa, ó Mariana desditosa, de consumir-te em vão, e de procurar um amante que jâmais tornarás a ver, que passou os mares para fugir de ti, que vive em França entregue ás suas delícias, e que nem um só momento cuida nas tuas mágoas, que te dispensa de todos êsses transportes, e não sabe agradecer-tos . . . »

Mas não, eu não posso resolver-me a formar de ti um conceito tam afrontoso, e tenho nímio interêsse em justificar-te. Não quero mesmo imaginar que te esqueceste de mim.

¿ E não sou eu já assaz desaventurada, sem que ainda me deixe atormentar por falsas suspeitas ?

¿ Para que fazer esforços para apagar da memória todos os desvelos, com que anelaste a dar-me provas do teu amor ?

Ah ! todos êstes desvelos tanto me encantaram, que eu seria uma ingrata, se não te amasse com o mesmo arrebatamento a que me impelia a minha paixão,

quando gozava dêsses testemunhos que me davas reciprocamente da tua.

¿ Como é possivel que lembranças de momentos tam agradáveis se tornassem tam crueis ? ¿ E que hajam de necessidade, em despeito da sua própria natureza, servir sòmente para tiranizar o meu coração ?

Ai de mim ! A tua última carta o reduziu a um estado miserando : as suas palpitações foram tam sensiveis, que pareciam-me como esforços para separar-se de mim, e reünir-se a ti.

Fiquei tam abatida destas comoções violentas, que caí em um desmaio por mais de três horas, perdidos os sentidos . . .

Lutava assim contra a vida que não queria recobrar, pois devo perdê-la por ti, já que não posso conservá-la para ti . . .

Enfim, tornei de mau grado a ver a luz . . .

Comprazia-me o sentir que morria de amor . . . e demais estimava cessar para sempre de sofrer as angustias de um coração, despedaçado pela dôr da tua ausência.

Depois dêste acidente, padeci muitas e diversas indisposições ; ¿ mas como posso eu existir sem males, enquanto não torno a ver-te ?

Sei suportá-los sem murmurar, porque de ti provêm.

Como ? ¿ É essa a retribuição que me dás por haver-te amado com tam extremada ternura ?

Não importa.

Estou resolvida a adorar-te tôda a minha vida, e a não ver mais pessoa alguma . . . e certifico-te que farias bem de não amar juntamente ninguém.

¿ Acaso poderias contentar-te com outra paixão menos ardente do que a minha ?

Encontrarias talvez mais formusura — ainda que em outro tempo me disseste que me não faltava gentileza, — mas nunca acharias tanto amor . . . e tudo o mais é nada.

Deixa de encher as tuas cartas de ociosidades : não me escrevas que me lembre de ti.

Eu não posso esquecer-te, nem tão pouco me esqueço da esperança, que me déste, de vir passar comigo algum tempo.

Ah ! ¿ porque não queres tu passar assim tôda a vida ?

Se me fôsse possivel sair desta amaldiçoada clausura, não esperaria certo em Portugal o cumprimento das tuas promessas ; mas partiria desconcertadamente a buscar-te, seguir-te, e amar-te por todo o mundo.

Não ouso lisonjear-me desta possibilidade, e não quero nutrir uma esperança, que me daria seguramente algum gôsto, pois só quero ser sensivel aos meus pesares.

Confesso, todavia, que meu irmão, oferecendo-me uma ocasião de escrever-te, causou-me a surprêsa de alguma sensação de alegria, e suspendeu por um instante a desesperação em que estou.

¿ Conjuro-te de dizer-me para que te aplicaste com tanta eficácia a encantar-me, como fizeste, sabendo mui bem que devias abandonar-me ?

Ah ! dize, ¿ porque motivo te assanhaste em fazer-me desgraçada ?

¿ Porque me não deixaste tranqüila no meu claustro ?

¿ Que injúria ou mal te havia eu feito ! ?

Mas perdôa.

Não te imputo culpa alguma.

Não me sinto fôrças de cuidar na minha vingança: acuso ùnicamente o rigor de meu acerbo destino.

Parece-me que, separando-nos, fez-nos todo o mal que podiamos temer.

Separar nossos corações não poderia. O amor, mais poderoso do que êle, os ligou por tôda a nossa vida.

Se tens algum interêsse na conservação da minha, escreve freqüentemente.

Bem mereço atenção e cuidado de me participares o estado de teu coração, e da tua fortuna.

Sobretudo . . . vem a ver-me.

Adeus! não posso largar êste papel, que há-de ir ás tuas mãos.

Bem quisera ter a mesma dita . . .

Ai! que loucura é a minha! Percebo, ainda mal, que isso não é possivel . . .

Adeus! não posso mais . . .

Adeus!

Ama-me constantemente, e faze-me padecer inda maiores males.

CARTA SEGUNDA

II

O teu tenente acaba de dizer-me que fôras obrigado a arribar, por fôrça de uma tormenta, no reino do Algarve.

Receio que sofresses muito sôbre o mar, e esta apreensão se apoderou de mim tam vivamente, que não cuidei mais nos meus males . . .

¿ Estás tu bem persuadido, que o teu tenente toma mais interêsse do que eu, em tudo o que te acontéce ?...

¿ Porque razão teve êle esta informação antes de mim ? . . . Finalmente, ¿ porque não me escreveste ?...

Sou bem desgraçada, se nenhuma ocasião encontraste para o fazer depois da tua partida, e mais desgraçada ainda, se tendo ocasião, me não escreveste ! . . .

A tua injustiça e a tua ingratidão são extremas ; mas afligir-me-ia desesperadamente, se te careassem algum infortúnio ; pois antes quero que delas não recebas o castigo, do que ver-me vingada.

Resisto a tôdas as aparências que deveriam persuadir-se de que mui pouco amor me tens e sinto maior propensão a abandonar-me cegamente à minha paixão, do que às razões que me ofereces para queixar-me da tua falta de atenção e cuidado.

Quantas inquietações me terias poupado se o teu procedimento fôsse tam remisso e lânguido nos primeiros dias que te vi, como me parece agora, e desde algum tempo! . . .

¿ Mas quem não deixaria enganar-se como eu, por tantos desvêlos, e a quem não pareceriam êles sinceros ? . . .

Quanto custa resolver-nos a suspeitar longamente da bôa fé daqueles que amâmos! . . .

Vejo muito bem que a menor desculpa te satisfaz, e antes que tu atendas a dar-mas, o amor que tenho por ti serve-te com tanta fidelidade, que não posso consentir em descobrir-te culpas, senão para gozar do sensível prazer de justificar-te eu mesma!

Consumiste-me com as tuas assíduas perseverenças, inflamaste-me com os teus transportes, encantaste-me com as tuas finezas, asseguraste-me com os teus juramentos, a minha inclinação violenta seduziu-me, e as conseqüências dêstes começos tam agradáveis e tam venturosos não são mais do que lágrimas, gemidos, e uma funesta morte, sem que possa achar-lhe algum remédio!

Verdade é que, amando-te, gozei deleitações maravilhosas, mas custam-me hoje penas extraordinárias!...

Tôdas as comoções que me causas são extremas . . .

Se eu tivesse resistido ao teu amor, se te houvesse dado qualquer motivo de enfado e de ciúme, para mais inflamar-te ; — se tivesses notado no meu proceder al-

guma reserva artificiosa ; — se eu, enfim, tivesse querido opôr a razão à inclinação natural que para ti sentia, e da qual cedo me advertiste, — posto que os meus esforços sem dúvida teriam sido inúteis ; — poderias castigar-me severamente, servindo-te de todo o teu poderio.

Mas pareceste-me amável ; antes de me haveres dito que me amavas, juraste sentir por mim a maior paixão ; fiquei de gôsto absorta e entreguei-me a amar-te perdidamente . . .

Tu não estavas, como eu, vendado ; ¿ porque sofreste pois que eu caísse no estado em que me acho ? . . .

¿ Que querias tu fazer dos meus enlevamentos, que não podiam deixar de ser-te muito importunos ? . . .

Tu bem sabias que não havias de ficar sempre em Portugal ; ¿ e porque a belprazer me escolheste aqui, para fazer-me tam desgraçada ? Neste país terias sem dúvida encontrado outra qualquer mulher mais formosa, com a qual terias desfrutado iguais divertimentos, pois só os grosseiros procuravas ; — que te teria amado com fidelidade enquanto estivesses presente à sua vista, e que o tempo teria podido consolar fàcilmente da tua ausência, e que tu terias podido abandonar sem perfídia e sem crueldade . . .

Semelhante procedimento é mais próprio de um tirano afincado a perseguir, do que de um amante, que só deve pôr cuidado em agradar.

Ai de mim ! ¿ porque tratas com tanto rigor um coração todo teu ?

Vejo claramente que és tam fácil em deixar-te persuadir contra mim, como eu o fui em deixar-me persuadir a favor de ti.

Eu teria resistido, sem o estímulo de todo o meu

amor, e sem o mais leve pensamento de ter feito alguma façanha, a razões maiores do que as que pudéram obrigar-te a deixar-me . . .

Tôdas me teriam parecido mui fracas, e nenhumas teriam tido a fôrça de arrancar-ne de teu lado . . .

Mas tu quiseste aproveitar os pretextos que pudeste achar para voltar a França . . .

Um navio partia . . .

Deixá-lo partir ! . . .

A tua família te havia escrito . . .

¿ Ignoras tu as perseguições que eu sofri da minha ? . . .

A honra obrigava-te a me abandonar . . .

¿ Curei eu da minha ? . . .

Tinhas obrigação de ir servir o teu rei . . .

Se tudo que dêle dizem é verdade, podia escusar os teus serviços, e saberia desculpar-te.

Teria sido nimiamente afortunada se juntos tivéssemos passado a vida ; mas já que era forçoso que uma ausência cruel nos separasse, parece-me que devo sentir grande satisfação de não ter sido infiel, e não quisera, por quanto há no mundo, ter cometido uma acção tam feia . . .

Como ! . . . Conheceste o fundo do meu coração e extrêmo da minha ternura, e pudeste resolver-te a deixar-me para todo sempre, e a expôr-me aos sustos que devem assaltar-me do teu esquecimento, ou ao receio de que me lembres sòmente de mim para sacrificar-me a uma nova paixão ? ! . . .

Bem vejo que te amo como uma louca.

Contudo não me queixo de todos os ímpetos violentos do meu coração.

Habituo-me ás suas perseguições, e mal poderia vi-

ver sem um particular prazer que descubro e desfruto, amando-te entre mil dores e pezares . . .

Mas o que me mortifica sem cessar é o enôjo e aversão, que tenho para tudo . . .

A minha familia, os meus amigos, êste convento, são-me insuportáveis. Tudo que de obrigação devo ver, tudo que de necessidade devo fazer, me é odioso . . .

Tam zelosa sou da minha paixão, que, a meu parecer, tôdas as minhas acções, todos os meus deveres te dizem respeito . . .

Sim, faço algum escrúpulo se não emprégo por ti todos os momentos da minha vida . . .

Que faria, ai de mim ! sem tamanho ódio e tamanho amor, quais enchem o meu coração ! ¿ Poderia eu sobreviver ao que me occupa continuadamente, para levar uma vida tranqüila e lânguida ? . . .

Não, semelhante vácuo, e tal insensibilidade, não me convêm.

Todos reparam na mudança completa do meu génio, do meu modo, e de tôda a minha pessoa . . .

Minha mãe falou-me nisto ao principio com desabrimento, depois com alguma bondade . . .

Não sei o que lhe respondi.

Parece-me que tudo lhe confessei . . .

As mais austeras religiosas compadecem-se do estado em que me vêem : mesmo é causa de mostrarem certa consideração e melindre para comigo.

Todos se comovem do meu insano amor . . . e tu só, tu permaneces em profunda indiferença . . . sem escrever-me senão cartas frias, cheias de cansadas repetições, que nem enchem a metade do papel, dando a conhecer grosseiramente que morrias da impaciência de findá-las . . .

D. Brites perseguiu-me, há alguns dias, para fazer-me sair do meu aposento, e julgando divertir-me, levou-me à varanda donde se vê Mértola . . .

Segui-a, sim ; mas ali fui assaltada imediatamente por uma cruel lembrança, que me fez derramar lágrimas todo o resto do dia.

Reconduziu-me ; e apenas chegada deitei-me sôbre a cama, aonde fiz mil reflexões sôbre a pouca aparência que vejo de jàmais sarar . . . Tudo que fazem, para aliviar-me, exaspera a minha dôr, e nos mesmos remédios acho motivos particulares de afligir-me . . .

Naquele logar te vi passar muitas vezes com um garbo e gentileza que me encantavam. Achava-me sôbre esta varanda no dia fatal em que comecei a sentir os primeiros efeitos da minha desditosa paixão.

Pareceu-me que desejavas agradar-me, ainda sem me conheceres.

Persuadi-me que me tinhas distinguido entre tôdas as minhas companheiras.

Imaginei, quando te demoravas, que tinhas gôsto de que eu admirasse a destreza e bizarria com que arremessavas o teu cavalo. Surpreendeu-me mesmo o susto que experimentei, quando o fizeste passar por um sitio escabroso.

Enfim, interessava-me secretamente em tôdas as tuas acções.

Bem sentia que não me eras indiferente, e tomava para mim tudo o que fazias.

Tu conheces em demasia as conseqüências dêstes começos, e ainda que não tenha a guardar respeitos, não devo contudo referir-tas, receando de aumentar os teus crimes, e de argüir-me de tantas diligências inúteis para obrigar-te a ser-me fiel . . .

Não o serás, ingrato ! . .

¿ Como posso eu esperar das minhas cartas, e dos meus queixumes, o que o meu amor e inteiro abandôno não puderam vencer da tua ingratidão ?

Estou mais que certa da minha infelicidade, o teu iniquo procedimento não me deixa a menor razão para duvidar dela ; tudo devo apreender, pois me abandonaste !

¿ Os teus atractivos terão porventura só poder sôbre mim ? ¿ Deixarás tu de parecer bem a outros olhos ?

Creio que não desestimaria que os sentimentos dos outros justificassem de algum modo os meus, e quisera que tôdas as damas de França te reputassem amável, que nenhuma te amasse, e que nenhuma te agradasse.

Êste projecto fantástico é ridículo e impossível ; não obstante saber assaz de própria experiência quam pouco és capaz de uma tenaz afeição, e que para esquecer-me não careces de auxílio algum, nem de sêr constrangido por uma nova paixão.

Talvez desejava conhecer-te algum pretexto com lume de razão . . . Verdade é que eu seria mais desgraçada, mas tu menos culpável.

Vejo, ainda mal, que te demorarás em França, sem grande contentamento, com plena liberdade.

As fadigas de uma viagem longa, quaisquer pequeninas obrigações, e o pejo de não saber corresponder aos meus transportes, são as causas que te retêm.

Ah ! não me temas . . .

Contentar-me hei com ver-te de tempos a tempos, e saber ùnicamente que vivemos no mesmo sítio, e respiramos o mesmo ar.

Mas quiçá lisonjeio-me, a severidade e rigores de

outra mulher te comoveram mais do que te comoveram os meus favores . . .

¿ Será possível que maus tratos tenham a eficácia de incender-te ?

Reflecte, porém, antes de enlear-te em uma grande paixão, e atende o excesso das minhas dolorosas aflições, a incerteza de todos meus projectos, a diversidade das agitações de minha alma, a extravagância das minhas cartas, as minhas confianças, as minhas desespeções, os meus anelantes desejos, os meus ciúmes . . .

Ah ! guarda-te da infelicidade que te espera . . .

Conjuro-te de tirar proveito do estado em que eu caí, para que, ao menos, o que sofro por ti não te seja inútil.

Haverá cinco ou seis meses fizeste-me uma confidência molesta, confessando-me, com demasiada sinceridade, que tinhas amado uma dama no teu país . . .

Se é ela quem te impede de voltar aqui, dize-mo sem disfarce, para que cesse de finar-me lentamente.

Algum resto de esperança sustenta-me ainda ; mas se êste deve ser frustrado, estimaria mais perdê-la inteiramente, e perder-me com ela . . .

Manda-me o seu retrato, e algumas das suas cartas.

Escreve-me tudo o que ela te diz.

Talvez descobrirei motivos de consolar-me, ou de ainda mais afligir-me.

Não posso aturar por mais tempo êste trabalhoso estado em que permaneço : tôda mudança me será favorável . . .

Quisera também possuir o de teu irmão, e o de tua cunhada.

Tudo que te pertence me é por extremo caro ; e sou perfeitamente devota a tudo que te diz respeito.

Nada reservei para mim, nenhuma disposição de mim mesma . . .

Há momentos nos quais me parece que seria capaz de submeter-me até a servir aquela que amas . . .

Tanto os teus maus tratos e desprezos me tem abatido, que não ouso às vezes nem sequer cogitar que poderia, a meu parecer, demandar-te ciúmes sem desagradar-te, e que creio obrar com a maior semrazão em dirigir-te reproches . . .

Muitas vezes deixo-me convencer que não devo manifestar-te com insano furor, como faço, sentimentos que tu desdenhas.

Há muito tempo que um oficial espera por esta carta . . .

Tinha resolvido escrevê-la de modo que pudesses recebê-la sem desgôsto, mas é demasiado extravagante . . . é necessário terminá-la.

Ai de mim ! não me sinto fôrças para tomar esta resolução. Parece-me que te falo quando te escrevo, e que me estás algum tanto mais presente . . .

A primeira que te escrever não será nem tam extensa, nem tam enfadonha. Poderás abri-la e lê-la fiado na minhá palavra.

Verdade é que não devo falar-te de uma paixão que te é desagradável, e dela mais não te falarei.

Daqui a poucos dias fará um ano que me abandonei tôda a ti, sem alguma consideração e comedimento !

O teu amor parecia-me muito fervoroso e jàmais teria pensado, nem por sombras, que os meus favores te desgostassem, até obrigarem-te a fazer quinhentas léguas e a expôr-te a naufrágios, só para te alongares de mim.

De ninguém era de esperar semelhante tratamento ! . . .

Podes lembrar-te do meu pudor, da minha confusão, da minha desordem . . . mas tu não te lembras de cousa alguma, que haja de obrigar-me, mau grado teu, a amar-me !

O oficial, que deve levar-te a minha carta, avisa-me pela quarta vez que quere partir.

Que pressa tem ! . . .

Abandona certamente alguma pobre desgraçada neste país.

Adeus.

Custa-me mais acabar esta carta, do que te custou deixar-me, talvez para sempre.

Adeus.

Não me atrevo a dar-te mil ternos nomes, nem abandonar-me, livre de qualquer constrangimento, a todos os meus afectos . . .

Amo-te mil vezes mais que a própria vida, e mil vezes mais do que imagino.

Quanto me és caro, e quanto és cruel para mim ! . . .

Tu não me escreves ! . . .

Não pude coibir-me de repetir-te ainda isto . . .

Torno a principiar, e o oficial partirá . . .

¿ Que importa ? . . . Parta embora . . .

Eu escrevo mais para mim do que para ti . . . Não procuro senão desabafar ; assim também o comprimento da minha carta te há-de meter mêdo . . .

Não a lerás . . .

¿ Que fiz eu para ser tão desditosa ? . . . ¿ E porque inficionaste com veneno a minha vida ? . . .

Ah ! ¿ porque não nasci em outra terra ? . . .
Adeus ; desculpa-me . . .
Não ouso rogar-te que me ames . . .
Vêde a que termos me reduziu o meu destino ! . . .
Adeus !

CARTA TERCEIRA

III

¿ Que será de mim ? . . . ¿ e que queres tu que eu faça ? . . .

Vejo-me bem longe de tudo o que tinha imaginado !

Esperava que me escrevesses de todos os logares por onde passasses ; que as tuas cartas seriam mui extensas ; que alimentarias a minha paixão com as esperanças de ainda ver-te ; que uma inteira confiança na tua fidelidade me daria alguma espécie de repouso ; e que ficaria assim em um estado assaz suportável, sem extrema dôr.

Tinha até formado alguns leves projectos de fazer os esforços que me fôssem possiveis para curar-me, no caso de saber com certeza que me tinhas esquecido completamente.

A tua ausência, alguns toques de devoção, o receio natural de arruinar totalmente a pouca saúde que me

resta por cansadas vigílias e tantas inquietações, a escassa aparência da tua volta, a frieza da tua afeição e dos teus últimos adeuses, a tua partida fundada em frívolos pretextos, mil outras razões mais que bôas e demasiado inúteis, pareciam prometer-me um auxílio assaz certo, se me viesse a ser necessário.

Não tendo enfim a combater senão comigo, mal podia desconfiar de tôdas as minhas fraquezas, nem apreender tudo o que hoje sofro . . .

Oh triste de mim ! Quanta compaixão mereço, visto não sermos ambos participantes das penas, mas eu só a desgraçada ! . . .

Êste pensamento mata-me, e morro de susto de que jàmais tenhas sido extremamente sensível a todos os nossos prazeres.

Agora sim, conheço a má fé de todos os teus afectos . . .

Enganavas-me tôdas as vezes que me dizias ter sumo gôsto de estar só comigo . . .

As minhas importunações devo sòmente os teus desvêlos e transportes . . .

De sangue frio formaste a tenção de me abrasar, e consideraste a minha paixão como um troféu, sem que o teu coração jàmais fôsse comovido entranhavelmente . . .

¿ Não deves tu ser bem infeliz, e ter bem pouca delicadeza, para nunca haver sabido colhêr outro fruto dos meus enlevamentos ? . . .

¿ E como é possível que com tanto amor eu não tenha podido fazer-te completamente venturoso ? . . .

Lamento, por amor de ti sòmente, as deleitações infinitas que perdeste . . .

¿ Porque fatalidade não quiseste desfrutá-las ? . . .

Ah! se as conhecesses, acharias sem dúvida que são mais sensíveis de que a satisfação de me ter seduzido, e terias experimentado que somos mais felizes, e sentimos qualquer coisa de mais fino mimo em amar ardentemente, do que em ser amados.

Não sei nem o que sou, nem o que faço, nem o que desejo...

Mil tormentos contrários me despedaçam!...

¿ Quem poderá imaginar um estado mais deplorável ?...

Amo-te como uma perdida, e modero-me ainda assim contigo, até não ousar talvez desejar-te as mesmas tribulações, os mesmos transportes que me agitam...

Matar-me-ia, ou a não fazê-lo, morreria de dôr, se estivesse certa que nunca tinhas repouso, que a tua vida era uma contínua desordem e perturbação, que não cessavas de derramar lágrimas, e que tudo aborrecias...

Eu não me sinto fôrças para os meus males, ¿ como poderia suportar a dôr que me causariam os teus, mil vezes mais penetrantes ?...

Contudo não posso do mesmo modo resolver-me a desejar que não me tragas no pensamento, e para falar-te sinceramente, sinto com furor ciúmes de tudo quanto possa causar-te alegria, comover o teu coração, e dar-te gôsto em França.

Ignoro porque motivo te escrevo...

Vejo que apenas terás dó de mim, e eu rejeito a tua compaixão, e nada quero dela.

Enfado-me contra mim mesma, quando faço reflexão sôbre tudo o que te sacrifiquei...

Perdi a minha reputação, expus-me aos furores de

meus pais e parentes, às severas leis dêste Reino contra as religiosas . . . e à tua ingratidão, que me parece a maior de tôdas as desgraças . . .

Ainda assim eu sinto que os meus remosos não são verdadeiros, e que do íntimo de meu coração quisera ter corrido muito maiores perigos por amor de ti, e provo um funesto prazer de ter arriscado por ti vida e honra.

¿ Tudo o que me é mais precioso não devia eu entregá-lo à tua disposição ? . . .

¿ E não devo eu ter muita satisfação de o ter empregado como fiz ? . . .

Parece-me até não estar contente, nem das minha mágoas, nem do excesso de meu amor, ainda que, a de mim ! não possa, mal pecado, lisonjear-me de estar contente de ti . . .

Vivo, e como desleal, faço tanto por conservar a vida, quanto perdê-la ! . . .

Morro de vergonha . . . ¿ acaso a minha desesperação existe sòmente nas minhas cartas ? . . .

¿ Se eu te amasse com aquele extremo que milhares de vezes te disse, não teria eu já de longo tempo cessado de viver ? . . .

Enganei-te . . . tens tôda a razão de queixar-te de mim . . . Ah ! ¿ porque não te queixas ? . . .

Vi-te partir ; nenhumas esperanças posso ter de mais ver-te, e ainda respiro ! . . . É uma traição . . .

Peço-te dela o perdão.

Mas não mo concedas . . .

Trata-me rigorosamente.

Não julgues os meus sentimentos assaz veementes . . .

Sê mais difícil de contentar . . .

Ordena-me nas tuas cartas que morra de amor por ti. . .

Oh ! conjuro-te de me dar êsse auxílio, para poder vencer a fraqueza do meu sexo, e pôr termo às minhas irresoluções, por um golpe de verdadeira desesperação.

Um fim trágico obrigar-te-ia, sem dúvida, a pensar muitas vezes em mim . . .

A minha memória te seria cara, e quiçá esta morte extraordinária te causaria uma sensível comoção.

¿ E a morte não é porventura preferível ao estado a que me abaixaste ? . . .

Adeus !

Muito quisera nunca haver posto os olhos em ti.

Ah ! sinto vivamente a falsidade dêste sentimento, e conheço neste mesmo instante em que te escrevo, quanto prefiro e prézo mais ser infeliz amando-te, do que não te haver jàmais visto.

Cedo sem murmurar á minha malfadada sorte, já que tu não quiseste tornál-a melhor. Adeus.

Promete-me de conservar uma terna e maviosa saüdade de mim, se eu falecer de dôr ; e assim possa ao menos a violência da minha paixão inspirar-te desgôsto e afastar-te de tudo !

Esta consolação me será suficiente, e se é fôrça que te abandone para sempre, desejára muito não deixar-te a outra.

Dize, ¿ não seria nímia crueldade a tua, se te servisses da minha desesperação para pareceres mais amável, mostrando que acendeste a maior paixão que houve no mundo ?

Adeus outra vez . . .

Escrevo-te cartas excessivamente longas, o que é uma falta de consideração para ti : peço-te mil perdões,

e atrevo-me a esperar que terás alguma indulgência para com uma pobre insensata, que o não era, como tu bem sabes, antes de amar-te.

Adeus.

Parece-me que demasiadas vezes me dilato em falar do estado insuportável em que estou.

Contudo agradeço-te, do íntimo do meu coração, a desesperação que me causas, e aborreço o sossêgo em que vivi antes de conhecer-te . . .

Adeus.

A minha paixão cresce a cada momento. Ah ! quantas cousas tinha ainda para dizer-te ! . . .

CARTA QUARTA

IV

Parece-me que faço grão menoscabo dos sentimentos do meu coração, em procurar dar-te dêles um perfeito conhecimento, escrevendo-os.

Quam venturosa seria eu, se tu pudesses avaliá-los justamente pela veemência dos teus!

Mas tu não és capaz de os julgar, nem eu devo pôr em ti essa confiança; assim vejo-me obrigada a dizer-te, e ainda menos vivamente do que o sinto, que não devias maltratar-me como fazes, mostrando um esquecimento de mim que me desespera por extremo, e mesmo a ti serve de vitupério.

É bem justo, ao menos, que toleres os meus queixumes dos infortúnios por mim previstos, desde que soube a tua resolução de me deixar.

Bem conheço que me enganei em pensar que terias comigo um procedimento de melhor fé do que é costume; porque me parecia que o meu excessivo amor

fazia-me superior a tôdas e quaisquer suspeitas, e merecia de ti uma fidelidade além da que se encontra de ordinário; mas tua propensão para trair-me venceu enfim a justiça que devias a tudo quanto por ti havia feito.

Não deixaria ainda de ser bem desafortunada, se soubesse que me amavas ùnicamente porque eu te amo, pois quisera tudo dever à tua própria inclinação.

Porém tam longe estou de um tal estado, que são passados seis meses em que nem uma só carta recebi de ti!

Tôdas estas desgraças atribuo à cegueira com que me abandonei a amar-te.

¿ Não devia eu prever que todo o meu contentamento feneceria mais de-pressa que o meu amor?

¿ Podia eu esperar que te demorasses tôda a vida em Portugal, e que renunciasses a tua fortuna e o teu país para te ocupar sòmente de mim?

As minhas penas não podem admitir alívio algum, e a lembrança dos meus prazeres remata a minha desesperação.

¿ Como assim? ¿ Todos os meus desejos se frustrarão, e não tornarei mais a ver-te na minha cela arrebatado da ardente paixão que me mostravas?

Mas ai de mim! quanto me engano! Em demasia conheço agora que todos os alvoroços que se apoderavam da minha cabeça e do meu coração, em ti eram excitados sòmente por alguns deleitos que acabavam tam rápidamente como êles.

Era-me necessário nesses momentos felicíssimos implorar o auxílio da minha razão, para moderar o funesto excesso das minhas delícias, e para anunciar-me tudo o que sofro presentemente.

Mas entregava-me tôda a ti, e não me achava em estado de pensar no que podia amargurar o meu júbilo, e impedir-me de gozar plenamente das fervorosas demonstrações da tua afeição.

Sentia demasiada satisfação de estar contigo, para poder lembrar-me de que um dia te acharias longe de mim.

Lembra-me, contudo, de haver-te dito algumas vezes que me farias desgraçada, mas êstes receios desvaneciam-se imediatamente, e comprazia-me em fazer-te dêles o sacrifício, e em abandonar-me ao encanto e à má fé das tuas protestações.

Diviso mui bem qual seria o remédio eficaz para os meus males, e dêles me veria cedo livre, se cessasse de amar-te ; mas ai de mim ! que remédio cruel !...

Não. Antes quero sofrê-los, e muitos mais ainda, do que esquecer-te...

Ai ! ¿ depende isso de mim ?

Não posso acusar-me de ter um só momento desejado não te amar.

Pode-se ter de ti mais dó que de mim ; mais vale padecer quanto padeço, do que gozar dos lânguidos prazeres que te dão as tuas amigas de França.

Não invejo a tua indiferença, — fazes-me lástima !...

Desafio-te a esquecer-me inteiramente...

Lisonjeio-me de te haver reduzido ao estado de não teres sem mim gôsto que não seja imperfeito, e sou mais feliz do que tu, porque tenho mais ocupação.

Há pouco tempo nomearam-me porteira neste convento.

Tôdas as pessoas que tratam comigo presumem que estou louca. Não sei o que lhes respondo e é necessário que as Religiosas sejam tam insensatas como

eu, para me julgarem capaz de algum emprêgo e cuidado.

Oh! quanto invejo a sorte do Manuel e do Francisco.

¿ Porque não estou como êles sempre contigo ?

Teria partido em tua companhia, e te serviria seguramente de melhor vontade.

Nada apeteço neste mundo senão ver-te.

Ao menos lembra-te de mim!

Contento-me com a tua lembrança, mas não ouso mesmo averiguar a certeza dela.

Em outro tempo não punha eu êsse têrmo às minhas esperanças, quando te via todos os dias : mas ensinaste-me bem a necessidade da perfeita submissão a tôdas as tuas vontades.

Não me arrependo, contudo, de haver-te adorado.

Folgo mesmo que me seduzisses.

A tua ausência rigorosa, quiçá eterna, em nada diminue a veemência da minha paixão.

Quero que todos o saibam ; não faço mistérios dela, e tenho a maior satisfação de tudo quanto fiz por amor de ti, contra tôdas as regras do decoro.

Não faço consistir a minha honra e devoção mais do que em amar-te perdidamente tôda a minha vida, já que comecei a amar-te.

Não te digo tôdas estas cousas para obrigar-te a escrever-me.

Ah! não te faças violência!

Nada quero de ti que não seja espontâneo e de teu próprio movimento — rejeito tôdas as provas de amor que constrangido me déres.

Comprazer-me-ia em desculpar-te, pela razão que te comprazerias talvez em evitar o trabalho de escre-

ver-me : tam profunda é a minha disposição para perdoar-te tôdas as tuas faltas !

Um oficial francês teve a caridade de passar três horas, ou mais, comigo, falando-me de ti : disse-me que a paz da França estava feita.

¿ Se assim é, não poderias tu vir aqui ver-me, e levar-me contigo para França ? . . . Mas tanto não mereço . . . faze tudo o que te agradar . . .

O meu amor já agora não depende do modo por que me tratares . . .

Desde a tua partida, não tenho tido um só momento de saúde, nem sinto alivio senão em repetir o teu nome mil vezes no dia.

Algumas religiosas que sabem o estado deplorável a que me reduziste, falam-me de ti freqüentemente.

Saio o menos que me é possivel da minha cela, aonde vieste tantas e tantas vezes, e ai contemplo o teu retrato, que me é mais caro mil vezes do que a própria vida.

Dêle recebo algum contentamento, mas a êste sucede uma dolorosa tristeza, quando reflito que não tornarei talvez mais a ver-te.

¿ Porque fatalidade será possivel que nunca mais te veja ? . . .

¿ Acaso me abandonaste para sempre ? . . .

Estou desesperada . . .

A tua pobre Mariana não pode mais . . .

Desfalece acabando esta carta . . .

Adeus. Adeus . . .

Tem compaixão de mim.

CARTA QUINTA E ÚLTIMA

V

Esta é a última carta que te escrevo e espero fazer-te conhecer pela diferença dos termos e do estilo dela, que me persuadiste enfim que não me amavas, e portanto que devo cessar de amar-te.

Aproveitei, pois, a primeira ocasião para mandar-te o que me resta de ti . . .

Não arreceies que te escreva, porque mesmo não porei o teu nome no sobrescrito.

De tôdas particularidades encarreguei D. Brites, a qual eu tinha acostumado a confidências mui diversas desta . . .

Os seus cuidados me serão menos suspeitos que os meus.

Ela há-de usar de tôdas as cautelas precisas, a fim de poder assegurar-me que recebeste o retrato e pulseiras que me déste.

Quero porêm que saibas que desde alguns dias me

sinto em estado de poder rasgar e queimar os penhores do teu amor, que tam extremosamente queridos tinha; mas dei-te a conhecer tanta fraqueza, que jámais terias acreditado que eu chegasse a ser capaz de uma tal extremidade . . .

Quero assim comprazer-me em tôda a pena, que experimentei, separando-me dêles e causar-te ao menos qualquer agastamento.

Confesso com vergonha minha e tua, que me achei mais apegada do que quero dizê-lo, a estas ninharias, e que senti serem-me de novo necessárias tôdas as minhas reflexões para desembaraçar-me de cada uma em particular, quando já me lisonjeava de não ser-te mais afeiçoada.

Mas tudo se consegue, sendo aí a vontade ajudada de tantas razões.

Entreguei-as a D. Brites . . . Quantas lágrimas me custou esta resolução!

Depois de mil agitações, mil incertezas que tu não conheces e de que não te darei conta seguramente, pedi-lhe com as maiores instâncias de não me falar mais nelas, de não restituir-mas, ainda quando lhas pedisse sòmente para as ver uma derradeira vez, e de enviá-las finalmente, sem dar-me aviso.

Só conheci bem o excesso do meu amor, depois que quis fazer todos os esforços para curar-me dêle, e creio que não teria ousado tentá-lo, se tivesse antevisto tamanhas dificuldades e tantas violências.

Estou persuadida que teria sentido perturbações menos desagradáveis, amando-te, ingrato como és, do que despedindo-me de ti para todo sempre.

Experimentei que te queria menos do que a minha paixão, e tive extraordinário trabalho em combatê-la,

depois que os teus injuriosos procedimentos me fizeram a tua pessoa odiosa.

A altivez, própria do meu sexo, não me ajudou a tomar estas resoluções contra ti.

Ai de mim!

Tenho sofrido os teus desprezos, teria suportado o teu ódio, e até o negro ciúme que me causasse a tua afeição para outra; pois teria tido ao menos alguma paixão com que pelejar, mas a tua indiferença me é insuportável!...

As tuas impertinentes protestações de amizade e os ridículos cumprimentos da tua última carta me fizeram ver que tinhas recebido tôdas as que te escrevi, que não moveram no teu coração nenhuns afectos, e que todavia as lêste!...

Ingrato!...

Tal é ainda a minha loucura, que me desespero por não poder lisonjear-me que elas não chegassem até aí, ou que não te fôssem entregues.

Detesto a tua lhaneza...

¿Porventura tinha-te pedido de me participares singelamente a verdade?...

¿Porque me não deixavas as ilusões da minha paixão?...

Bastava não me escrever: eu não procurava ser alumiada e desenganada.

¿Não é grande desdita a minha, quando vejo que não pude obrigar-te sequer a usar de alguma precaução, para continuar a trazer-me em doce engano, e que assim não sei mais como desculpar-te?...

Sabe pois que percebo enfim seres indigno de todos os meus sentimentos, e conheço tôdas as tuas ruins qualidades.

Porem se tudo quanto obrei por amor de ti pode merecer que dês alguma, ainda que ténue, atenção ao favor que imploro, conjuro-te de não me escrever mais, e de ajudar-me a perder inteiramente de ti a memória.

Se levemente mesmo me afirmasses ter sentido algum pezar, lendo esta carta, talvez te acreditaria, e talvez também a tua confissão e o teu consentimento me causariam despeito e ira, e tudo isto poderia atear em mim de novo a chama.

Não te embaraces pois com a minha conduta; derribarias todos os meus projectos, de qualquer modo que te quisesses ingerir neles.

Não quero saber o sucesso desta carta: não venhas perturbar aquele estado para o qual me disponho.

Parece-me que podes estar satisfeito dos males que já me causas, qualquer que fôsse o teu primeiro intento de fazer-me desgraçada.

Não me prives da minha incerteza; espero com tempo alcançar por meio dela alguma tranqüilidade.

Prometo de não aborrecer-te; desconfio demasiadamente de todo sentimento violento, para ousar intentá-lo.

Estou persuadida que acharia neste país um amante mais fiel... mas ai! ¿ quem poderia dar-me amor?

¿ A paixão de outrem teria acaso virtude de ocupar-me?... ¿ Que poder teve a minha sôbre ti?

¿ Não fiz eu a experiencia, que um coração enternecido não esquece mais o que o fez descobrir transportes que não conhecia, e de que era capaz? — ¿ que todos seus afectos e movimentos estão profundamente arraigados ao ídolo que erigiu para a sua adoração? — ¿ que as suas primeiras feridas não podem ser nem cicatrizadas, nem extintas? — ¿ que tôdas as paixões

que lhe oferecem socorro, e com tôdas suas fôrças tentam enchê-lo e contentá-lo, lhe prometem vãmente uma sensibilidade que não recupera mais ?.— ¿ que todos os prazeres que procura, sem desejo de os encontrar, não servem senão para convencê-lo, que nada lhe é tam caro como a lembrança das suas penas ?

¿ Para que me fizeste conhecer a imperfeição e desagrado de uma paixão, que não deve durar eternamente, e os infortúnios que acompanham um amor violento, quando não é reciproco ?

¿ E porque causa uma inclinação cega e um cruel destino se aferram de ordinário em decidir-nos por aqueles que nos desamam, e que seriam sensiveis a outros amores ?

Quando mesmo eu pudesse esperar qualquer distracção e recreio de uma nova afeição, em encontrar um homem sincero ao qual me liasse, tenho tanto dó de mim, que faria muito escrúpulo de pôr o mais ínfimo de todos no estado de miséria á que me reduziste ; é ainda que eu nenhuma obrigação tenha de poupar-te, não poderia resolver-me a exercitar sôbre ti uma vingança tam cruel, no caso mesmo que ela dependesse de mim, por uma mudança que não prevejo.

Procuro actualmente desculpar-te, e compreendo perfeitamente que uma religiosa é em geral pouco amável.

Contudo parece que, se os homens fôssem susceptiveis de razão nas escolhas que fazem, deveriam antes namorar-se delas do que das outras mulheres.

Nada as estorva de pensar constantemente na sua paixão ; nenhuma das mil cousas que no século servem de ocupação e divertimento as distraem.

Parece-me que não deve ser muito agradável ver

as damas que amam sempre distraídas por mil bagatélas, e que é preciso ter bem pouca delicadeza para sofrer, sem uma desesperada impaciência, que elas falem tam sòmente de assembleias, atavios, e passeios . . .

Êles estão expostos incessantemente a novos ciúmes, sendo elas obrigadas a obsequiosas atenções, a complacências e conversações infinitas.

¿ Quem pode assegurar-se de que em tôdas estas ocasiões não sentem algum deleite, e de que suportam sempre todos os deveres de seu estado com extremo enôjo e nenhum consentimento ? . . .

Ah ! quanto devem elas desconfiar de um amante que lhes não pede contas bem exactas de tudo, que acredita fàcilmente, sem inquietação, quanto elas lhe dizem, e que com muita confiança e tranqüilidade as vê sujeitas a tôdas estas obrigações !

Mas não pretendo provar-te com bôas razões que devias amar-me. Êstes meios são péssimos, e outros muito melhores empreguei eu, que me não aproveitaram.

Conheço demasiadamente qual é a força do meu destino, para diligenciar superá-lo . . .

Hei-de ser infeliz tôda a minha vida ! . . .

¿ Não o era eu quando te via todos os dias ?

Morria de susto de que não me fôsses fiel.

Queria ver-te a cada instante, o que não era possível.

Perturbava-me o perigo a que te arriscavas, entrando neste convento . . .

Não vivia quando estavas no exército.

Desesperava por não ter mais formusura, e ser mais digna de ti,

Murmurava contra a mediocridade da minha condição.

Imaginava muitas vezes que o amor, que parecias ter por mim, poderia de algum modo prejudicar-te.

Julgava, a meu parecer, que não te amava suficientemente; atemorizava-me a ira dos meus parentes contra ti.

Estava, enfim, em um estado tam lastimoso como aquele em que, presentemente, me acho.

Se me tivesses dado algumas provas da tua paixão, depois que estás ausente de Portugal, teria feito todos os esforços para saír também dêle, e disfarçada em outros trajos, ir encontrar-me contigo . . .

Ai! ¿ que teria sido de mim se depois de chegar à França, tu ali de mim nenhum caso fizesses?

Que desordem! que desatino! que cúmulo de vergonha para a minha família, que tam cara me é depois que não te amo!

Bem vês que, a sangue frio, conheço que era possível chegar a ser ainda mais miserável e mais digna de comiseração do que o sou, e que ao menos te falo uma vez na vida de bom siso . . .

Quanto a minha moderação te será grata!

Quanto ficarás contente de mim!

Não quero sabê-lo . . .

Já te pedi de não tornar a escrever-me, e de novo te suplico com a maior instância o mesmo.

¿ Acaso nunca fizeste alguma reflexão sôbre o modo por que me tens tratado?

¿ Não te vem ao pensamento jàmais as muitas obrigações que me deves, com preferência a tôdas as pessoas do mundo?

Amei-te como uma louca! . . .

Que desprêzo tinha para tôdas as cousas! . . .

O teu procedimento não é de um homem honrado . . .

A não teres tido aversão natural para mim, era forçoso que me amasses descomedidamente.

Deixei-me encantar por qualidades muito medíocres! . . .

¿ Que obraste tu jàmais que houvesse de agradar-me? . . .

¿ Que sacrifícios me fizeste? . . .

¿ Não correste após mil divertimentos? . . .

¿ Descontinuaste porventura o jôgo e a caça? . . .

¿ Não foste tu o primeiro a partir para o exército? . . .

¿ Não foste o derradeiro a de lá voltar? . . . Expuseste ali loucamente a tua vida, apesar de haver-te rogado tanto de a poupar por amor de mim . . .

Não procuraste com diligência os meios de estabelecer-te em Portugal, aonde eras estimado.

Uma carta de teu irmão decidiu-te a partir, sem a menor hesitação.

¿ E não soube eu que durante a viagem conservaste a mais alegre disposição?

Forçoso é o confessar que tenho obrigação de aborrecer-te mortalmente.

Ah! eu mesma careei tôdas as minhas desgraças . . .

Acostumei-te logo no princípio a uma grande paixão com demasiada candideza, e é necessário artifício para ser amada.

É necessário procurar com destreza os meios de inflamar: — o amor por si só não chama amor.

Pretendias que eu te amasse, e como tinhas formado êste desígnio, estavas resoluto a empregar todos

os expedientes para conseguir o teu intento, até mesmo a amar-me de-véras, se necessário fôsse.

Mas cedo conheceste que podias sair bem da empresa, sem te deixar levar de amor por mim, e que esta paixão era escusada.

Que perfídia! . . .

¿ Cuidas tu que pudeste impunemente enganar-me ? . . .

Declaro-te que se por algum acontecimento fortuito voltares a êste país, eu mesma te entregarei à vingança dos meus parentes.

Vivi muito tempo em um abandôno e em uma idolatria que me horrorizam, e os meus remorsos perseguem-me com um rigor insuportável.

Sinto vivamente a vergonha dos crimes que me fizeste cometer, e falta-me, ai de mim ! a paixão que me estorvava o conhecimento da enormidade dêles . . .

¿ Quando deixará o meu coração de ser dilacerado ? . . .

¿ Quando me verei eu livre dêste embaraço cruel ? . . .

Contudo creio que não te desejo mal algum, e que me resolveria a consentir que fôsses feliz . . .

¿ Mas como poderás tu sê-lo jàmais, se tens um bom e bem formado coração ?

Quero escrever-te outra carta para mostrar-te que poderei talvez estar mais tranqüila dentro dalgum tempo.

Que gôsto será o meu de poder então lançar-te em rosto os teus iníquos procedimentos, depois que êstes já me não causarem comoção, e de dar-te a conhecer que te desprézo, que falo com a maior indiferença da tua traição, que esqueci todos os meus prazeres e tôdas

as minhas penas, e que só me lembro de ti quando muito quero lembrar-me!

Convenho em que tens grandes vantagens sôbre mim, e que me inspiraste uma paixão que me fez perder todo o siso, mas pouco deves vangloriar-te disto...

Era jovem, era crédula, tinham-me encerrado desde a infância neste convento; aqui não tinha visto senão gente desagradável; jàmais tinha ouvido os louvores que me davas continuadamente; parecia-me que te devia os atractivos e a beleza que dizias admirar em mim, e que me fazias conhecer; ouvia dizer muito bem de ti; todos me falavam em teu favor, tu fazias tudo para espertar o amor...

Mas, enfim, quebrei êste encanto... verdade é que me déste poderosos auxílios, e confesso que dêles tinha extrema necessidade.

Ao remeter-te as cartas, que tinha tôdas, guardarei cuidadosamente as duas últimas, e as tornarei a lêr ainda mais vezes do que li as primeiras, como preservativo de recair nas minhas fraquezas. Ah! quanto estas me custam caro, e quanto teria sido feliz se houvesses querido sofrer que eu te amasse sempre!...

Conheço mui bem que ainda com alguma demasia atendo à tua infidelidade e às minhas argüições queixosas; mas recorda-te que eu me tenho prometido um estado mais sossegado, e que hei-de alcançá-lo, ou hei-de tomar contra mim alguma resolução violenta, cujo êxito conhecerás sem muito desprazer...

Mas de ti nada mais quero...

Sou uma insensata em repetir-te as mesmas cousas tantas vezes...

É necessário deixar-te, e desviar de ti para sempre o pensamento.

Creio mesmo que não tornarei a escrever-te . . .

¿ Acaso tenho obrigação de dar-te exacta conta de todos os diversos movimentos do meu coração ?

FIM DAS CARTAS DE AMOR.

D. FRANCISCO MANUEL DE MÊLO

CARTA DE GUIA DE CASADOS

Nova edição, com prefácio biográfico por
CAMILO CASTELLO BRANCO, e notas por TEÓFILO BRAGA

PREFÁCIO BIOGRÁFICO

I

D. Francisco Manuel de Mello tem duas celebridades : a do talento e a da desgraça.

Da fama que lhe apregôa o espírito mais culto e universal do seu tempo, temos a prova perpetuada em livros numerosos, ainda hoje relidos com prazer e por estudo.

Da que lhe vem do infortúnio sabe-se pouco e nubelosamente.

Grande parte de suas obras é datada no cárcere.

O delito de que a justiça a argüiu, praticado ou aleivosamente atribuido, não o esclarecem os seus biógrafos mais esmerilhadores.

Quem mais colheu na tradição, e em documentos coevos, foi o snr. Alexandre Herculano.

Socorreu-se o eminente historiador de um manuscrito inédito que o autor da *Biblioteca Lusitana* tinha

visto, e de que o snr. Inocêncio Francisco da Silva teve alguma notícia.

O snr. Herculano publicou dois extensos fragmentos daquele inédito, que o encaminhou em conjecturas tam judiciosamente depreendidas, quanto competia a espírito de tanta lucidez e rara intuição. *

Sem embargo, a causa da prisão de D. Francisco Manuel de Melo não ficou dilucidada.

Também eu possuo o inédito, cujos fragmentos o snr. A. Herculano acompanhou de louvores tam dignos quanto honradores da memória de D. Francisco.

E, se outros documentos escritos por mão coetânea me não ilucidassem, êste bosquejo biográfico não iria adiantar nada ao que é já sabido âcêrca do grande escritor, prêso tantos anos, e não poucos desterrado.

As notícias, que encontrei, desatam tôdas as dúvidas, alumiam os pontos obscuros de vingança tam prolongada e desacostumada com fidalgos do porte de D. Francisco Manuel de Melo, ainda parente da casa de Bragança.

Posso afoitamente dizer que tenho bem travadas as scenas do drama em que tam inocente e ilustre vítima foi imolada.

II

Abstenho-me de esmiuçar os lanços mais notórios da vida do insigne soldado, diplomata e escritor.

São de sobra conhecidos das relações do abade de

---

* Veja *Panorama* (de 1840) pag. 170 e 294.

Sevér, de Costa e Silva, e do laborioso bibliófilo o snr. Inocêncio Francisco da Silva, relações que muito convém ampliar com os acrescentamentos do snr. Alexandre Herculano, no citado periódico.

O meu propósito é deter-me tam sòmente na parte desconhecida ou hipotética da sua história, a causa bem esquadrinhada da sua desgraça — a prisão de dôze anos, funestamente continuados no destêrro.

Os passos mais gloriosos de sua vida, referidos por êle mesmo, devem ser lidos muito mais agradàvelmente. Relata-os a D. João IV, com a verdade usada naquele tempo com os reis. Não podia desmentir-lhos o monarca, sendo invocado a depôr na veracidade dêles. Os honrados serviços de D. Francisco Manuel de Melo tinham de si mesmos o galardão de poderem ousadamente entrar ao paço, e humilharem o rei que autorizava os afrontamentos e as vilanias.

É o que o leitor vai julgar do *Memorial* em parte já conhecido dos extractos do snr. A. Herculano. Dou cópia inteira dêsse honroso documento, do qual escreveu aquele perspicaz historiador . . . « é talvez o mais eloqüente arrazoado, escrito na língua portuguesa, e que nunca se imprimiu. Dêle tirámos o pedaço que acima ficou transcrito, e outro que vamos apresentar, como um modêlo de veemência, sentimento, e estilo, para que de caminho se veja quam rica e bela é esta nossa língua portuguesa, que para exprimir afectos nem carece de neologismos, nem de enredar-se de arcaísmos

---

* Veja *Biblioteca Lusitana*, tom. II. *Ensaio biog. e crítico*, tom. VIII, e *Dic bibliogr.*, tom. II, pag. 437 e seguintes.

e de torcer-se no estilo metafísico-bárbaro dos rudes escritores do 15.º século.»

Dêste manuscrito faz menção o snr. Inocêncio Francisco da Silva em duas partes da sua resenha das obras de D. Francisco Manuel.

Primeiramente diz: «E, se havemos de estar pelas tradições e memórias da época, nada menos verdadeiro que o delito que lhe imputavam. Além do que a êste respeito se tem dito desde muito tempo, o snr. dr. J. C. Aires de Campos acaba de comunicar-me uma nota muito curiosa, lançada por mão contemporânea em um dos interessantes livros manuscritos que o mesmo senhor possue. Dela consta explicitamente que o motivo oculto da perseguição feita a D. Francisco fôra um encontro nocturno, que êste tivera com o próprio soberano, em casa de uma dama de alta qualidade (cujo nome a decência manda calar) *senhora de muito bem fazer a quem lho pedia*, que um e outro requestavam; e pela qual nessa ocasião vieram ambos às mãos, desembainhando as espadas, e acutilando-se mùtuamente. Parece que a vantagem ficára então da parte de D Francisco. Mas pouco depois da noute fatal, aparecendo assassinado um criado da fidalga, a complacente justiça tirou azo dêste sucesso para desagravar a majestade ofendida, lançando o assassinio à conta do seu atrevido competidor.»

Volta o snr. Inocêncio F. da Silva a citar o mesmo documento, quando no catálogo das obras inéditas de D. Francisco Manuel, escreve desta fórma:

Panorama citado.

— *Justificação de suas acções ante Deus, ante Sua Majestade, e ante o mundo contra as falsas calúnias impostas dos seus inimigos.* — Diz Barbosa que era um memorial, que êle viu, dirigido a el-rei D. João IV, começando pelas palavras : « Senhor : os romanos costumavam ouvir em seu senado os réus, etc.» e acabando com as seguintes : « Isto quero, isto promulgo, isto espero fazer. » Não sei se porventura será êste o mesmo de que me dá notícia o snr. dr. J. C. Aires de Campos, declarando ter dêle cópia em um dos seus volumes de miscelânias manuscritas, onde tem o título : *Memorial a el-rei D. João IV, nosso Senhor. Oferece Francisco Manuel de Melo, prêso há seis anos por parte da justiça.* •

É, com tôda a certeza, o mesmo. Também o meu manuscrito, intitulado das duas maneiras em que o tem o snr. dr. Aires de Campos, e em que o viu o autor da *Biblioteca*, principia e termina pelas frases citadas por Barbosa, e contém a mesma nota que o snr Inocêncio da Silva indica, no que respeita ao motivo da prisão.

Agora segue o traslado da justificação de D. Francisco Manuel de Melo.

• *Dic. bibliogr.*

MÉMORIAL *

A EL-REI D. JOÃO IV N. S.

OFERECE

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

Préso há seis anos por parte da Sua Justiça.

Justificação de suas acções, ante Deus, ante Vossa Majestade, e ante o mundo, contra as falsas calúnias impostas por seus inimigos.

Qui ambulat simpliciter ambulat confidenter: qui autem depravat vias suas manifestus erit:

---

* Barbosa Machado apontando na Biblioteca lusitana as obras inéditas de D. Francisco Manuel cita um manuscrito intitulado: *Justificação de suas acções ante Deus, ante Sua Majestade e ante o mundo contra as falsas calúnias impostas dos seus inimigos.*

Dêste inédito tirou Herculano dois excertos, que publicou no *Panorama* em 1840, pelo seu valor autobiográfico. Barbosa o considerou um *Memorial* dirigido a D. João IV, e como tal o tomaram Camilo e Prestage, porque nas cópias da *Justificação*, lhe encabeçaram êsse título. São duas peças diferentes: D. Francisco Manuel de Melo, na sua Carta de 28 de Janeiro de 1650 ao Conde Camareiro-mór, declara: «eu fiz dois papeis, *um longuissimo* (porque não pude acabar menos com a minha dôr) *outro brevissimo*, mas certíssimos *ambos*.» O extenso, que é a *Justificação*, que se divulgou por cópias particulares, foi substituido por um resumo, condição a que teve de submeter-se D. Francisco Manuel de Melo, para poder ser lido pelo ministro e na melhor esperança pelo rei. Êste *Memorial*: — ao mui alto e muito poderoso rei nosso senhor D. João IV, aos doutíssimos e meretíssimos Senadores por Sua Majestade consultados, — ficou absolutamente ignorado, e descoberto pelo

SENHOR

Os romanos costumavam ouvir em seu senado aos réus. Entendiam que a justificação própria de ordinário periga na pena, ou na voz alheia.

Maior documento é o de Deus, que não só ouviu as desculpas que Adão não tinha que lhe dar; mas ainda o chamou para que lhas desse.

Os príncipes cristãos que se desviaram dêsse antigo e bom costume, parece que tàcitamente prometeram usar maior piedade com aqueles que não ouviam: essa pode ser que fôsse a causa de se mudar êste costume.

Apadrinham tamanhos exemplos a ousadia que tomo em aparecer por estas letras aos Reais pés de V. Majestade.

Quanto e mais, Senhor, que aos príncipes não menos os engrandece quem lhes pede justiça, que quem lhes pede mercês; pois por ambas estas acções lhes dão ocasião de exercitarem o grande poder deDeus na terra.

É presente a V. Majestade, é notório a todos como

Dr. Prestage no Arquivo da Casa da Silvã, ficou publicado no seu livro *D. Francisco Manuel de Melo*, pag. 223 e 234. Prestage pôs-lhe a rubrica de — *Primeiro Memorial* de D. Francisco Manuel de Melo e cita em tôda a sua obra a *Justificação* como *2.º Memorial*, que não foi, sendo aliás escrito antes do pròpriamente Memorial. E mesmo era absurdo que em ambos os Memoriais, um em que se diz *prêso há cinco anos*, e noutro *prêso há seis anos*, no espaço de um ano recopiasse a Carta de Luís XIV intercedendo pelo seu livramento, e suprimisse o facto, até hoje ignorado, do falso testamento do seu criado João Vicente. O *Memorial* dirigia-se aos Juízes da *Terceira Instância*, que julgaram em 22 de Março de 1650, antes de completar os *cinco anos* de prisão.

estou prêso há seis anos. Qual a causa, qual a prova, quais os respeitos, que tal o sofrimento, que tam esquisito o rigor com que ordenou a minha fortuna fôsse e seja tratado.

Não só no glorioso reinado de V. Majestade, mas em muitos outros antecedentes, se não tem visto — por semelhante acusação — prisão tam longa, sentenças tam rigorosas.

Eu fôra ditosíssimo se V. Majestade se mandasse informar desta verdade; de que poderiam avisar os tribunais, e os ministros.

E por que suposto que a minha justiça foi tantas vezes ventilada, quam poucas foi ditosa! E de tôdas seriam a V. Majestade sòmente referidos pelos juízes seus pareceres sem que apresentassem os motivos em que os fundaram. Permitta-me V. Majestade agora por princípio da clemência que invoco, represente aqui eu brevissimamente o processo da minha causa.

Pela morte de Francisco Cardoso foram os matadores achados, e condenados à morte e o mostrador dêle a galés.

Em a tal sentença se toma por fundamento cometerem aquele delito por mandado de certa pessoa, que os réus vária e injuridicamente deram a entender ser eu.

Mas a sentença por ser dada entre outras pessoas não pode resultar em meu dano conforme e resolução do Direito tam vulgar, que até eu sei está assim escrito na ordenação, Lib. 3.º, art. 81.

Com tal pretexto de réu, fui prêso pelas justiças seculares, que depois de vários incidentes, remeteram a causa ao tribunal da corôa, porque ali se determinasse o ponto da jurisdição; o qual sendo julgado a meu favor, fui remetido ao juízo dos cavaleiros.

Pedi então nêle se pronunciasse sôbre a prisão, a que ainda não estava pronunciado, e que para êste provimento, o juiz se regulasse pela devassa geral, que era só o acto legítimo donde podia, ou não, resultar-me culpa.

Suspendeu a deliberação dêsse requerimento, enquanto se ventilava a matéria do assassínio, em que aquele quis envolver sua acusação com igual falência que na de mandante.

Finalmente declarou o juiz não continha o caso assassinamento, anulando o sumário, e procedimentos dos actos, deixando porém as chamadas culpas em sua realidade.

Esta sentença se confirmou em segunda e terceira instância.

Por quais sentenças parece sem dúvida haverem usado de fundamentos contrários, porque não pode o sumário, e procedimentos do juízo secular serem nulos, sem que também o ficassem sendo as culpas, que me formavam por êles.

Assim, sendo julgada a nulidade do processo, se anulou também a validade da culpa, porque de causa notòriamente nula se não pode produzir algum efeito jurídico, e que vàlidamente prejudique : o que não só mostram as leis, mas tôda a bôa razão.

Sendo, enfim, entregue ao juiz dos cavaleiros, e havendo êle então de pronunciar sôbre a prisão (como no despacho antecedente havia prevenido) pois já se decidira o não haver assassínio — declarou — não sei por que causa, me livrasse em seu juízo da prisão em que estava.

E por que se veja a violência, que alí padeceu minha justiça, é de saber, que ainda que a sentença do

juiz se confirmou, foi sòmente quanto à questão do assassínio, de que por então sòmente se tratava ; e não quanto à validade das culpas e pronunciação.

Isto é claro, por que se o juiz, antes de averiguado aquele ponto, não quis deferir ao requerimento da pronunciação ; ¿ como podia a mesa, e a instância, adiantar-se a julgarem em mais do que se litigava de presente ?

Assim, a título de réu, fui acusado pela via ordinária, pela culpa de mandante.

Pois se pelas três sentenças estava livre do assassínio, que era mandar matar por dinheiro, ou cousa que o valesse, bem se segue que também fiquei livre de o haver mandado matar.

Por que as circunstâncias que se aniquilaram e destruiram pelas três sentenças, por se presumir mandara matar por dinheiro, eram as próprias que estavam já nulas, e sem algum crédito por se presumir que mandaram matar sem êle.

E não constando de tal mandado, nem podendo ser de efeito em meu prejuizo as declarações dos réus, várias e nulas, bem se segue haver sido mal condenado pelo juiz dos cavaleiros em degrêdo perpétuo para a África, mil cruzados para a parte, duzentos para as despesas da mesa, e cento para seu juízo.

Prova-se melhor o excessivo rigor desta sentença, se o seguinte se considera.

Admitiu-me o juiz a defesa, condenou-me como indefeso : disseram contra nim os réus incerta e vàriamente : disseram em minha defesa quarenta testemunhas : êles convencidos por duas sentenças da Relação, no mesmo caso por falsários, havendo envolvido nêle outras pessoas ; as testemunhas que juraram por mim

tôdas de grande crédito. Nunca se deu causa contra mim desta morte. *Eu provei uma tam justificada, como era vingar o matador o adultério que o morto lhe tinha feito.*

Os mesmos e maiores fundamentos havia para não haver de ser pela mesa, como fui condenado em perpétuo degrêdo para a Índia ; privação da comenda, dois mil cruzados para a parte, quinhentos para as despesas do tribunal, e cento para as do juízo : cuja execução em maior parte está já feita.

Conhece-se qual seja o ódio da parte que me persegue, não por verdadeira queixa, mas com ruim vontade, pois sendo esta sentença tam notàvelmente rigorosa, — como disse a voz pública — ainda apelou dela, pedindo igualmente comigo a V. Majestade 3.ª instância.

Permissão clara de Deus, que nas mãos de V. Majestade havia posto o remédio duma tam grande semrazão, para que visse o mundo, que nem ainda aquele a cujo favor se dirigia, queria nela consentir, para que de nenhuma sorte houvesse efeito.

Concedeu-me V. Majestade a 3.ª instância, consultaram a V. Majestade já os juízes ; pende agora do árbitro Real a resolução.

A essa causa são os votos dêstes juízes consultivos, e não definitivos.

Êste suave estilo guardaram sempre os mestres da nossa ordem, — e das outras — e lhes foi assinado pelos Sumos Pontífices, não certo para se aterem ao parecer dos sucessores ; pois a clemência do Príncipe está sôbre tôda a autoridade ; mas para se justificarem com os súbditos, em qualquer acção rigorosa, quando a pedissem as qualidades do réu, e do delito.

Considere V. Majestade se com viva esperança, posso estar de que sendo V. Majestade o árbitro, o Senhor, e o Mestre, haja de emendar o êrro alheio, de que êles que tam sem causa justa criminaram minha inocência, hajam de moderar o excesso a que subiram meu castigo.

Veja-se com olhos de prudência, se do mais perdido homem da República se pode crer semelhante feito, quanto mais de um, a quem pela bondade de Deus, antes dêste, se não impôs algum outro leve desconcêrto.

Ninguém ignora a paixão de que fizeram motivo alguns dos que me julgaram, para me condenarem; cujo efeito, eu mais adivinhei, que mereci, prevenindo dêle a V. Majestade muito antes de ser julgado por que sabia, que me tinha a paixão certo do dano naquele mesmo logar, onde a razão me mandava buscar o remédio.

Não houve naquela sentença uma só clausula, que não provasse o que dela referiu o público sentimento.

Não só excede a pena à mensura da culpa, nem havida nem provada, mas ainda esquecida a lei, pela qual não há degrêdo nem um assinado para a Índia, fez como todos se lembrassem da causa, por que a lei se esquecia.

Condena em degrêdo perpétuo, pena impraticável, senão contra o hereje, de cuja presença se deve velar a república.

Manda-me pagar maior quantia do que vale quanto possuo.

Castiga com privação de comenda, cousa tam sem exemplo, como sem razão; por que jâmais se viu que por crime de qualidade não exceptuada, fôsse algum

réu por algum título privado, nem do chapéu, nem do vestido que possue.

É a razão jurídica, por que em tais casos, a pena da condenação, sòmente pode alegar a quantidade e não o esbulho e menos a total privação que não esteja, como não está, admitida por direito expresso.

Enfim, Senhor, tais as passadas sentenças, que não receberam menos benefícios, que eu próprio na emenda delas, as consciências dalguns que me julgaram e maior ainda as almas de outros, que já podem delas estar tam arrependidos, quanto necessitados de que a justiça de V. Majestade os alivie dêste encargo.

Mas porque a experiência me tem mostrado, que com armas mais dobres, além desta acusação, que estejam contra mim meus inimigos, impondo-me diante de V. Magestade várias, e falsíssimas calúnias, lícito me deve ser, Senhor, tomando de V. Majestade a devida licença, tornar sequer esta vez por meus procedimentos, dando minhas obras a minhas palavras tanta confiança, como razão.

Sei não se esquece V. Majestade das obrigações em que nasci, e em que vivi com a serenissima casa de Bragança.

Depois que nela entrou o snr. Infante D. Duarte, bisavó de V. Majestade por casamento com a snr.ª Infante D. Isabel, até o dia presente, posso verificar que nenhum dos senhores desta real casa deixou nascer, e se criar nos braços de meus parentes.

Irmãos foram, primos, e sobrinhos, de meu bisavó, e pai, D. Diogo de Noronha, D. António, D. Luís, D. Afonso, e D. Cristóvão, outro D. António, D. Luís, e D. Rodrigo de Mello, D. Diogo, D. António, D. Gomes, e D. Francisco, que todos viveram e morreram no ser-

viço da serenissima casa de Bragança, e nela ocuparam com honra e fidelidade os maiores logares.

Primeiro e não com menos vantagens os Manueis, que com meus passados, e comigo tinham quási igual parentesco, e entraram no serviço, e debaixo da protecção dos serenissimos principes avós de V. Majestade quando o segundo casamento do snr. duque D. Jaime, com a snr.ª duquesa D. Joana de Maiorca. Assim D. Francisco Manuel, D. Cristóvão, D. Diogo, D. Rodrigo, e outros que todos adquiriram para si, e para os seus, a honra de criados, e confidentes da serenissima casa.

E, se estas são as causas por que entre os humanos se contrái obrigação, se produz confiança, também não são para esquecer, e basta que se não finjam, outros mais poderosos, e não menos certos principios: cuja memória só obriga a que V. Majestade tam liberalmente honre a muitos, e dêles se confie.

Sabem todos os que professam o estudo da antiguidade, era D. Maria Melo, mãe de meu bisavô D. Gomes de Melo, filha de D. Francisco de Faro, segundo filho do primeiro conde de Faro, D. Afonso, que foi irmão do 2.º serenissimo Duque D. Fernando.

Bastava por certo a honra desta lembrança, para me fazer que adorasse quanto mais que amasse a Real Pessoa, vida, e Estado de V. Majestade, e sobejamente para se ter por firme o coração de um homem, que sempre trouxe a honra diante dos olhos, como sabem amigos e inimigos.

Se o meu procedimento desmentiu a minha obrigação, eu quero ser o primeiro que o acuse. Permita-me V. Majestade lhe represente minhas acções, por ver se dalguma delas fui contra aquilo que devia.

Não deixará V. Majestade de se lembrar que no

mesmo tempo em que outros lhe faltaram, faltando as grandes mercês e benefícios, eu próprio, êste mesmo caluniado e perseguido D. Francisco, só pela mercê de se lembrar V. Majestade para se servir de mim, me dispus com todo o ânimo a fazê-lo na maior, e mais importante ocasião, e negócio, que à Real casa de V. Majestade havia acontecido.

Vive António Pereira que era então agente de V. Majestade na côrte de Madrid, por cujas mãos V. Majestade foi servido dirigir-me as ordens, como me devia empregar naquela acção, quando no ano de 1637 sucederam neste Reino as alterações de Évora. Creio também é vivo um Mateus Álvares que a V. Majestade servia nestas jornadas, e as fez várias vezes à côrte, e à minha pousada, levando, e trazendo segredos, e confianças.

Não tinha V. Majestade a êsse tempo outro criado em Madrid, que António Pereira, e tinha — como é de crer — muitos émulos, muitos fiscais, e muitos olheiros para as suas acções.

Satisfiz eu segundo meu pouco cabedal, a grande honra que V. Majestade me havia feito, dando cartas e informações ao Rei, valido, e ministros; avisando a V. Majestade dos secretos e expedientes que se tomavam nas juntas e conselhos, âcêrca daquele negócio, conforme o observava, e por minha indústria podia alcançar dos ministros com quem tinha suficiente entrada; serviu-se V. Majestade agradecer-me por carta de 20... de 1637.

Nada tomou do instrumento o bom sucesso. E nem por eu ser inferior a tamanha causa, deixa de ser presente a V. Majestade e ao mundo, como se acertou em tudo o que convinha.

Sei que se deve à prudência com que V. Majestade o dispôs, não à diligência com que eu o solicitei. Mas nem por isto deixa de conhecer-se qual foi meu ânimo, e a minha diligência.

Pois, Senhor, ¿ que prémios ? ¿ que vantagens ? ¿ que interesses me obrigaram a padecer tanto, como devia então ? E agora quando incomparáveis os podia esperar das Reais mãos de V. Majestade — ¿ quem fez que me desobrigasse de os merecer ? ¿ ou como depois os desmereci ?

Foi mandado o conde de Linhares a Évora, e eu em sua companhia a Vila Viçosa, com aquele fim que se podia esperar pudesse ter então em seus desígnios a côrte castelhana dirigida por um ministro industrioso, e político, qual era o conde-duque.

¿ E que era eu então, senão um requerente, que em tudo dependia do bom semblante de ministro tam poderoso ?

Tam pouco a idade me favorecia. A honra supria por tudo.

Porventura o galardão que podia esperar de comprazer àquele ministro, os sinais que êle não dissimulava, de desejar lhe revelasse alguns segredos dos que passavam neste reino, foram bastantes para me meter nos beiços outras razões, que aquelas que me ditava a obrigação, e o amor que tinha, e guardei sempre à real pessoa de V. Majestade, e a seu estado.

Se eu o finjo, se agora vãmente o alego a V. Majestade por serviço, fale por mim o efeito.

¿ Haverá, Senhor, quem pese em justa balança êste serviço e êste procedimento com os dos que mais na feliz aclamação de V. Majestade se adiantaram, que

deixe de ter estas provas por muito iguais às daquela fidelidade ?

¿ Não se sabe que o ser católico em Inglaterra, é maior fineza, que o ser cristão em Roma ? ¿ Ser português entre os castelhanos, há quem diga que é menos do que ser português entre os portugueses ?

Viu-se bem o efeito ; porque apenas chegou a Castela a nova da aclamação felicíssima de V. Majestade quando por primeira diligência me mandou prender el-rei D. Filipe à Catalunha onde estava servindo com bom logar e aplauso.

Nenhum outro motivo teve aquele desconfiança, que as informações que poucos tempos antes eu havia dado na côrte àcêrca dos ânimos de Portugal, pois principalmente daqueles que nas ocasiões da passada suspeita me foram mandados observar.

V. Majestade sabe quais eram, e Deus sabe se mo pagaram. Quis-me Deus salvar a vida para empregar melhor os riscos dela no serviço de V. M. a quem não tardei em oferecê-la ; mais que o que se tardou em me darem liberdade.

¿ Quam alheios são, Senhor, êstes passos, de poder esperar por êles o cativeiro, a injúria, e a miséria daquela mesma vida ?

Soltaram-me, e não sem prémio, e honra, como constou a V. Majestade, pelos despachos que pus — quando vim — nas mãos reais de V. Majestade.

¿ Acaso cuidei, ou duvidei, se havia de vir logo entregar essa liberdade que gozava no império de V. Majestade ? Não por certo. O primeiro fui, que rompendo dificuldades, e deixando cómodos, vim a êste reino.

Antes de chegar a êle comecei a servir a V. Majestade, pois, entrando nos estados de Holanda, fui al

encarregado em nome de V. Majestade pelo embaixador Tristão de Mendonça do govêrno daquela armada que êle lá prevenira para socorro dêste reino.

Governei-a, e a conduzi a Lisboa, sendo aquele um dos maiores socorros que em seu pôrto entraram à custa de imenso trabalho meu; pela contrariedade dos tempos e falta de todos os meios necessários.

Justifiquei e assino particular o ânimo com que vinha, por só alcançar a honra de vassalo de V. Majestade fazendo por estudo de não pedir mercê alguma, por que desejava primeiro merecê-las.

Os postos para que V. Majestade foi servido destinar-me por sua real grandeza, se movia a fazer mercê dêles não por algum género de diligência minha.

Aqueles em que todos cuidaram poderia ser empregado, se desviaram. Eu observando como pude o semblante de minha fortuna, em nenhum posto falei jamais, e dalguns procurei humildemente escusar-me; por que conhecia convir assim naquele tempo, tanto ao serviço de V. Majestade, como à minha conservação, até que o mesmo tempo qualificasse meus procedimentos, com o que, a prazer de todos, podia merecer outros logares.

Fui depois, em fôro de soldado, servir a V. M. a Alentejo. O como servi e obrei em um ano de assistência, dirão os cabos debaixo de cuja mão servia. Vivos são, honrados são, estou pelo que disserem.

No mesmo dia em que eu estava diante dum esquadrão, governando-o contra os inimigos de V. M. estava alguma pessoa, — que desta prática já haverá dado a Deus conta — nesse Paço, persuadindo a V. M. me mandasse prender, por que eu sem dúvida, — a juízo

da sua bondade — ia com ânimo de me passar a Castela.

Fundava bem esta sua suspeita em me haver eu escusado de testemunhar contra Francisco de Lucena aquilo que eu não sabia. E êste tal, queria por fôrça que eu o soubesse, com pena de me ter a mim, e querer que me tivesse V. Majestade, e o mundo naquela conta em que êle tinha aquele ministro.

Fui desta acção avisado, por que a prática não parou nos ouvidos de V. M. Então por satisfação minha, tomando a ousadia da verdade, escrevi a V. M. uma carta a que V. M. com singular clemência foi servido de me mandar responder com outra, firmada da Real mão, em 4 de janeiro de 1642, servindo-se V. M. de honrar-me tanto, que se acham nela escritas estas palavras: «me pareceu dizer-vos que de vossos procedimentos tenho a devida satisfação. E fico certo que em tudo o mais que se oferecer de meu serviço procedereis sempre muito como deveis às obrigações de quem sois, e à confiança que eu faço de vossa pessoa».

Não houve ocasião, conselho, negócio, ou confiança naquele exército, em que os cabos dêle a não fizessem de mim mui particular: pois será V. Majestade lembrado fui bôa parte para se resolver a campanha daquele ano, tam bem lograda, como todos viram.

Sabem todos se não deu fórma àquele primeiro exército sem meus papeis, parecer, e indústria. Examine-se bem quais destas acções foram simuladas. Veja-se em que faltei com a pessoa, com o juízo, e com a fazenda. E se para êstes empregos se achou outro mais diligente, ou mais oferecido.

Serviu-se V. Majestade depois de me mandar encarregar a condução de tôdas as tropas rendidas por

suas armas em Castela, tirando-me para êsse efeito do exército em virtude duma sua Real carta, em que V. Majestade, depois de considerar a importância dêste serviço, houve por bem de que se continuasse.

« Confiando de vós, e do amor com que me servis, procedereis nesta ocasião como sempre fizestes em tudo o que se vos encarregou ». E mais abaixo :

« Sendo certo que êste serviço que ora me ides fazer, se há-de avaliar em vossas pretenções como se fôra feito no exército, em que com tanta satisfação minha o estáveis fazendo ». Foi esta carta escrita em Évora a 17 de setembro de 1643.

Representei eu então a V. Majestade as razões que havia para que V. Majestade me escusasse de misturar com aquela gente, por que sem falta, isto seria dar novas asas com que voasse o ódio de meus inimigos.

V. Majestade o não houve assim por bem, mandando-me responder por bôca de seus ministros, podia estar seguro que a confiança que V. M. de mim fazia, se não embaraçava com semelhantes calúnias.

Concluido aquele negócio, que então era não de pequeno cuidado, se deu V. Majestade por tam servido do modo porque nêle me houvera, que fez mercê de mandar escrever por carta de 5 de Outubro de 1643, o seguinte :

« Agradeço-vos muito o trabalho, e o acêrto com que tendes concluido êste negócio ».

Algumas, e várias vezes me escreveu V. M. mandando-me assistir em algumas juntas, com os maiores ministros, sôbre matérias de guerra, politica, e conveniência : como se vê dos bilhetes por que fui chamado, mado, que em meu poder tenho.

Vivos são, e ao lado de V. M. assistem alguns dos

sujeitos que ali concorreram, e ouviram meus pareceres; testifiquem do zêlo, e amor ao real serviço com que sempre tratei aquelas matérias.

Pareceu a V. M. podia bem empregar-me a servi-lo na condução e cómodos dos soldados reformados de Flandres e Catalunha, que andavam na côrte; mandou-me assim V. M. por seu real decreto de 5 de novembro de 1641, e em muito breves dias, por minha indústria, despejei a côrte de requerentes, e povoei as fronteiras de reformados.

O expediente que depois se tomou sôbre seus soldos, conservando-se-lhes algum âparte, eu fui o primeiro que o arbitrei a V. M. por um papel, que para isso ofereci, muito tempo antes que se resolvesse.

E enfim se praticou na mesma fórma que eu o havia proposto.

Mandou-me V. Majestade por decreto de 16 de novembro de 1643 recebesse em seu serviço os soldados que andavam vagos na côrte, daquelas tropas dos rendidos de Castela, das quais por minhas diligências, desfiz mais de setecentos homens, que para o poder do inimigo não voltaram, e dêstes reconduzi a V. M. em menos de três dias, uma leva de quinhentos soldados vélhos, que fui remetendo aos almazens, segundo V. M. me ordenara.

Não é para esquecer (nem creio que a V. M. esquecerá), que achando-se quási tôda a nobreza dêste Reino na campanha de Badajoz, fui eu escolhido dos generais para vir dar conta a V. M. de bôca, dos designios e potências de suas armas, e receber de V. Majestade as ordens de como se servia, elas se empregassem em seus progressos.

Entendia V. Majestade ser obrigado a dar fórma de

vida a Mamede Pereira de Lacerda, môço fidalgo de sua casa, filho de D. Maria da Cunha, camareira que hoje é da Rainha nossa Senhora.

Para êste efeito, sabendo que eu passava por mestre de campo para Flandres, e levantava gente neste reino, houve V. M. por bem escrever-me encomendando-me por carta sua e escrita em Vila Viçosa a . . . de . . . que pelas obrigações que tinha a Mamede Pereira, desejava V. M. que eu me encarregasse do seu cômodo : assisti-lhe de maneira, que sem que êle houvesse alguma hora saído da côrte de V. Majestade, o fiz prover duma companhia de infantaria, o levei e deixei em Flandres encaminhado a tal fortuna que se não resolveu êle a deixál-a, nem ainda quando no crescimento da grandeza de V. M., se lhe estavam prometendo muitos aumentos.

Neste próprio tempo e ocasião me encarregou V. M. outro tal cômodo, para a pessoa de Teodósio Tavares, também criado de V. M. ; e sem que êle houvesse servido na guerra, só por obedecer a V. M. o provi duma bandeira. Foi, e esteve em Flandres, donde veio digno de V. Majestade o fazer sargento-mór de um têrço desta cidade.

Foi V. Majestade encarregado do govêrno das armas dêste Reino ; posto (ao que então se pode observar) solicitado pelos inimigos de V. Majestade em cujo exercício, a êste respeito, convinha haver grande vigilância. E por que aquelas matérias não eram muito presentes a V. Majestade, quis V. Majestade que lhe apontasse o modo por que se devia haver na direcção das armas ; e sem embargo de estar ausente enviei a V. Majestade um papel pelo qual oferecia a V. Majestade tôdas as advertências não só competentes ao posto,

mas à conservação da autoridade de sua Real pessoa, que tam bem se logrou depois.

Dois dos maiores negócios externos competentes à conservação desta corôa, foi V. Majestade servido de me querer encarregar dentro em uma semana estando em Évora.

Um se serviu V. Majestade de comunicar-me em sua Real presença; outro me mandou V. Majestade tratar pelo secretário de estado, que por ambos haverem contido segrêdo não declaro, nos quais, não fiz a V. Majestade menor serviço (havendo representado minha insuficiência) de que o fizera encarregando-me de cada um dêles, donde nasceu encarregarem-se a outras pessoas capazes, que dêles deram mui bôa conta; devido em alguma maneira àquela útil e humilde desistência que em mim acharam, fundado no conhecimento que de mim tinha de que V. Majestade se deu por muito satisfeito.

Êstes foram, senhores, meus progressos em dois anos e meio que assisti sôlto, na côrte, e no exército de V. M. Mande V. M. agora a meus émulos, que declarem quais foram os outros por que me caluniam. Quais foram meus desígnios vistos por minhas obras, ou vindicados por elas nestes seis anos de minha prisão.

Daqui donde não podia servir a V. M. com a pessoa na maneira que me era possível, jámais estive ocioso em seu serviço.

Achar-se hão nas secretarias de V. M. papeis, cartas, e lembranças minhas, prevenindo, lembrando, e pedindo a V. M. aquilo que, a meu fraco juízo, parecia mais conveniente nas presentes ocorrências.

Publicaram os inimigos dêste reino, e de V. M. livros, e invectivas contra a honra dêle e seu real direito,

tomei a pena e me opus a seu desconcêrto, e escrevendo contra os émulos na maneira que o mundo sabe.

Por semelhantes serviços fez V. M. avantajadas mercês e pela escrita dum só livro, em matéria discutida, e abundante, se serviu V. M. de dar o seu desembargo do Paço ao dr. Francisco Vaz de Gouveia.

Do crédito que os estrangeiros deram a meus escritos, não é inventora a vaidade; mas testemunha a experiência, vê-se a conta que dêles se tem feito, achando-se alegados largamente em comprovação dos procedimentos violentíssimos dos émulos de V. M., donde êles, e sua voz, recebem a confusão que se conhece.

Apenas tive notícia de que V. M. gostaria vêr escritas as vidas dos serenissimos Reis Portugueses, para correrem com suas medalhas pelo mundo, logo me dispus a fazer a V. M. êste serviço; cuja execução está bem próxima, que por minha parte se não retarda.

Sucedeu o milagroso caso quando Deus nos guardou a vida de V. M. (que guarde, e prospere por muitos anos). Houve V. M. de o fazer assim manifesto às gentes, e houve esta própria pena de ser uma das que o publicaram, servindo-se V. M., que o meu papel por direcção de seus ministros fôsse aos ministros, Príncipes, e Nações amigas, em cujas línguas corre há muito convertido; sendo êste um meio por onde novamente se conhece a justiça de V. M. pelo grande cuidado com que Deus guarda a sua pessoa, e inocência.

Havendo hoje neste Reino tantos sujeitos grandes, teve V. M. por bem, que sendo eu o menor dêles, me ocupasse em historiar a vida, e feitos do snr. Duque D. Teodósio que Deus haja seu pai serenissimo.

Senhor, se estas são minhas acções exteriores, exa-

minem-se as interiores ; pelas quais logo o ânimo dos homens é reconhecido.

¿ Quais são os meus tratos ? ¿ Qual o ânimo ? ¿ Que sofrimento ? ¿ Que pesar ou alegria com os bons, os maus sucessos públicos ? ¿ Que pessoas são as da minha amizade ? ¿ Que tais as razões que me são ouvidas ?

Constará que minhas correspondências são com os sujeitos mais graves dêste reino, e de maior religião, e virtude ; que aqueles com quem tenho mais estreita amizade, e me fazem graça de a quererem ter comigo, são os ministros, e criados de V. Majestade mais confidentes, e mais para o serem.

Fóra de Portugal, aqueles que de mim tem alguma lembrança, e eu a conservo para com êles, são os embaixadores, residentes, secretários, e outras pessoas de quem V. Majestade faz tôda a conta, e estimação.

Meus comércios são as letras, e os livros, em que maior piedade, e honra se acha, como é notório.

Meu sentimento e alegria é aquele e aquela que um bom e zeloso vassalo deve ter nos prósperos, e adversos acontecimentos da sua pátria.

É constante, que sucedendo neste reino, depois que eu a êle vim, quási todos os casos de infelicidade (sem os quais não quis Deus conceder a glória de vermos a V. Majestade em seu trono) foi também êle, servido por sua infinita Bondade, que havendo-se enredado naquelas matérias muitas pessoas com culpa, ou sem ela, não fui eu nenhuma dessas.

Não é menos certo que em nove anos de Portugal, em seis de prisão e em quási todos de perseguição foi sempre tam claro, e tam singelo, o meu procedimento que apesar do artifício dos émulos não houve nunca logar de me ocasionarem esta última ruína.

¿ Onde se achará, Snr., no mundo um mau que assim saiba, e assim possa reprimir a sua malícia ? ¿ E por que se não acabará de crer que é bom, quem por tantas obras, e por tantos anos o tem mostrado ?

¿ Que maldade não comete, quem contra um proceder tam justificado pretende opôr sombra de maliciosos pensamentos ?

Dou todos por testemunhas da moderação com que levo mêus trabalhos.

¿ Acaso vêr-me enterrado vivo, no melhor da minha idade, quando pudera esperar possuir o que vejo desperdiçar aos outros, tirou alguma hora de mim uma só queixa, uma só palavra impaciente ?

Vendo encaminhar a uma total ruina minha justiça, e tendo por certo havia pessoas, que folgariam de ma não achar, e chegando a tanto, que ma não acharam, ¿ foi porventura tamanha causa bastante para que eu quebrasse êstes cadeados de bons respeitos que voluntàriamente havia lançado em minha própria bôca ?

Cansei a V. Majestade alguma hora, com petições de melhoras, ou alivio de prisão, senão que padecendo meus males, e trabalhos, me acomodei sempre de tal sorte com a prisão que V. Majestade me assinou, que já pode ser que pela conformidade com que a levava, houvesse quem dessa temperança quisesse fazer artifício.

¿ Ouviu alguém o meu nome antes de agora pelos tribunais, acusado de algum delito ?

Esta observação é um dos incentivos que mais estimula a meus contrários, a fazerem hoje contra mim todo o esfôrço da sua malícia.

Sabem, que livrando-me Deus desta acusação, não

acharam, nem acharão outra em que poderem empecer-me.

Não incluída só em Portugal a fama da violência, com que de meus inimigos era tratada minha justiça, voou tanto, que chegando aos ouvidos do Cristianíssimo Rei de França, como verdadeiro irmão, e fiel amigo de V. Majestade procurou concorrer com sua autoridade Real, escreveu a V. Majestade a seguinte carta, não sei se mais em recomendação da minha causa, que em desagravo da justiça dêste reino :

« Muito alto, muito excelente, muito poderoso Príncipe, nosso muito caro, e muito amado bom irmão, e primo.

O snr. D. Francisco Manuel, vassalo de V. Majestade, e que de presente está prêso na tôrre vélha de Lisbôa por causa duma falsa acusação, que lhe foi levantada por seus inimigos, os quais aproveitando-se de sua retenção com escurecer manifestamente a verdade, acertaram de maneira, que por êsse respeito êle foi condenado a servir a V. Majestade na Índia. Mas por quanto é fidalgo de merecimentos e que os serviços que nos fez, em nossos exércitos, nos convidam a compadecer-mo-nos da desgraça que lhe há sucedido, escrevemos esta carta a V. Majestade para lhe rogar com tôda a afeição que nos é possível, lhe queira conceder a graça que lhe é necessária, para que êle não satisfaça tal condenação, o que me será testemunho da conta que V. M. quer ter da minha recomendação, que por êste sujeito se emprega de tam bôa vontade como eu peço a Deus, muito alto, muito excelente, e muito poderoso príncipe nosso muito caro, e muito amado bom

irmão, e primo, tenha a V. M. em sua santa e digna guarda.

Escrita em Paris a 6 dias de novembro de 1648. Vosso bom irmão e primo.

Luís.»

Foi tão atento ao grande decoro que devia à justiça de V. Majestade, que havendo eu recebido esta carta de el-rei cristianíssimo para V. Majestade de que com tanta razão podia confiar muito, desviei que ela se apresentasse a V. Majestade por mãos de algum ministro de França, oferecendo-a eu a V. Majestade pelas do secretário do expediente, afim de não obrigar a V. Majestade contra o seu ditame, a alguma correspondência com aquela corôa, ainda a trôco da minha utilidade.

Presentemente deixei de valer-me da intercessão dos Príncipes Palatinos, com quem tinha algum conhecimento de Inglaterra, e da Rainha sua mãe, e irmãos quando me achei em Holanda, sendo de alguma maneira invitado com sua autoridade para êsse efeito, só por me não parecer justo oprimir as resoluções de V. Majestade com extraordinárias diligências.

Desejava, e desejo de alcançar o benefício de que necessita minha fortuna, ou da grandeza de V. M. ou da virtude da minha justiça.

Mas se depois de tam vivas razões particulares, podem ter logar as comuns, por singular favor peço a V. Majestade se sirva de mandar ouvir o que ácêrca de minha causa, procedimentos, e pessoa, diz o povo, de quem se afirma por sua bôca fala Deus.

Mande V. Majestade ouvir os soldados, os virtuo-

sos, os amigos de letras ; ouça V. Majestade os bons, como melhores que são e mais dignos de serem ouvidos, e de serem criados dos príncipes, ouçam-se aqueles em cujo poder estou há seis anos. Mande-se V. Majestade de todos êles informar àcêrca de minha vida, ditos, e feitos : mande V. Majestade contar o número de meus amigos, e de meus inimigos.

¿ Que artifício será aquele que tanto saiba fingir ? ¿ que indústria a que de tantos se recate, e a todos engabe ?

¿ Não é, Senhor, mais próprio, mais prudente, e mais cristão discurso, entender que erram um ou dois primeiro que tantos ? ¿ que se enganam os poucos antes que os muitos ? ¿ E que podem fingir os inimigos aquilo que não podem fingir todos ?

Um ano inteiro estive preparado para haver de ir ao Brasil (como se entendia) : não foi V. Majestade servido que assim fôsse. E com me vêr ficar incertamente, haver gastado, e ter perdido o pouco que tinha de meu, nem por isso fiz a V. M. alguma lembrança, nem outra diligência : não se ouviu que eu neste caso me queixasse mais da minha fortuna.

Era obrigado a crêr e sem dúvida cria, que no real peito de V. Majestade, se tinha tomado comigo resolução justa, e conveniente.

Seria grave crime meu, se sabendo (como sei) se não esquecesse V. Majestade das verdades que aqui refiro, esperasse da sua real mão, menos que uma deliberação em tudo de V. Majestade, como tôda de V. M. há-de ser ; e eu por essa a hei-de seguir, e venerar.

À vista desta modéstia, e quando cuidava me entrava a clemência pelas portas, e o fim dos trabalhos

padecidos, me vejo de novo apertado, e oprimido, donde é bem para sentir mais a causa, que o efeito.

A confusa notícia que se me deu dos motivos desta novidade, é haver V. Majestade tido aviso, de que eu pretendia usar mal da confiança que de mim se fazia nesta prisão, e eu não desmereci, enquanto se passaram quatro anos que a gozei ; nem por algum excesso dei causa a repreensão, ou arrependimento de quem de mim a fazia.

Diferentes sobressaltos, mais urgentes perigos, tinha padecido minha justiça em todos os tempos passados, e em outros ânimos, que não eram o de V. Majestade, e mais fiei eu tanto dela, e do seu ânimo, que por nenhuma contingência me veio tal modo de remédio ao pensamento.

Pensamentos dificultosos são de provar ; mas só as obras tem por seus fiadores ; o que tenho obrado servirá de prova ao que tenho desejado.

Está hoje minha causa só pendente do arbítrio de V. Majestade, e ainda que essa razão me podia ter animado a lhe esperar bom sucesso, muito maior é a esperança que nasce das demonstrações, sendo V. Majestade servido de responder ao secretário do expediente, quando dêle recebeu a carta de el-Rei cristianíssimo, me assegurasse (como me assegura) se informaria V. Majestade com o mais favorável voto dos Acessores, ainda que êsse fôsse o único.

Esta própria luz observaram sempre da clemência de V. Majestade todos os ministros e pessoas grandes, que de mim compadecidos, ofereceram a V. Majestade como bons vassalos a lembrança da minha causa, por digna matéria, em que pudessem exercitar-se a grandeza e piedade como geral agradecimento.

¿ Quem seria logo tam sem fé, e sem juízo, que à vista desta real promessa, e destas benignas demonstrações houvesse de acobardar-se ?

¿ Como quereria perder aquele mérito, que se tem por adquirido sem dúvida, em o passado sofrimento ? O desconto do que padeci em seis anos de prisão, a que as leis, a razão, e a piedade tanto olham, que o reputam por uma grande parte do castigo.

Não havendo V. M. por bem de me mandar ao Brasil, como se dizia, cuidava justamente, podia entender que V. Majestade como rei, senhor, e mestre nosso, se movia a ter maior compaixão de meus trabalhos, e não vinha em querer se me dilatassem em um tam remoto destêrro.

¿ Como se conforma esta esperança, tam justamente fundada, com a desesperação de que, sem alguma causa, fui caluniado ?

Presentíssimo é a V. Magestade, como nestes mesmos dias, atentos os grandes apertos, e faltas de fazenda em que me vejo, fiz rogar instantemente a V. Majestade, e instantemente da minha parte, pelo conde de Redondo, e depois pelo padre António Vieira, fôsse V. Majestade servido de me mandar passar desta tôrre ao castelo de Lisbôa.

Foi esta pretenção tanto nos próprios dias em que a V. M. parece se devia dar aviso de movimento (ou por melhor dizer de meus inimigos) que juntas recebi as novas de que a V. Majestade estava proposta a mudança de minha prisão ; e de que V. M. ordenava fôsse apertado nesta.

Foi sem falta, misericórdia e providência de Deus (que aos injustamente perseguidos não desampara)

guardar-se para êste tempo esta calúnia ; por que fôsse ela mesmo quem por minha parte a convencesse.

Por que, Senhor, ¿ em que entendimento cabe, e pode ter entrada, que nos mesmos dias em que a V. M. disseram tratava eu de aproveitar-me das comodidades dêste logar, para me saír dêle, estivesse eu com repetidas instâncias nestes mesmos dias pedindo a V. M. me mandasse tirar daqui, e para parte donde parece que de todo se ficára impossibilitada a execução de tal pensamento, quando em mim o houvesse ?

Bem creio não duraria no ânimo de V. M. o crédito desta suspeita, (quando por minha desgraça o houvesse havido) mais que o que chegasse á memória de V. M. esta lembrança.

Eu deixei prémios por vir buscar a V. M., entreguei-lhe por eleição, e por amor a liberdade que possuia : nada disto se mudou, nem mudará em tôda a vida, porquanto nas pessoas de juízo, e cristandade, o castigo não induz desafeição da parte de quem o dá, nem da parte de quem o recebe : castiga o bom pai, e o bom senhor, e o que o não é deixa viver sem castigo ao filho, e ao súbdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.

Se eu o merecesse, e V. M. me castigasse, ânimo, e juízo me deu Deus para o saber agradecer ; se o não merecesse, e V. M. me castigasse, ânimo, e juízo me deu Deus para saber discernir as acções de V. M., das de meus inimigos ; e conhecer que sua malícia dêles inexcusavelmente obrigaria em vez de justiça a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.

Tenho inimigos descobertos e encobertos, sabe-o, conhece-o, e conhece-os V. M. Tomo a Deus por testemunha de que não mereço ódio de nenhum, nem de

ninguém. Todavia não descansam de fulminar meu dano. Não me vale para com êles, o calar, e o sofrer; mas para com Deus, e para com V. M. muito espero que me valha.

Verem que V. M. se detém, em consentir a ruína que êles me desejam, é um novo estímulo, que está concitando a mais crueis efeitos sua ruim vontade.

Conheceram, que já aqui não tinham outra alguma causa, com que criminar o meu procedimento; inventaram esta, por ser a causa que mais levemente se deve crêr de um prêso, o desejo da liberdade; sem saberem medir, que ela para mim por êste meio era mais dura que a prisão e destêrro, pois que me negava a esperança, que não perderei nunca, de alcançar algum tempo, a graça de V. Majestade, e o suave repouso da pátria, que sôbre tôdas as felicidades, é desejado dos homens.

Senhor, castigando-me V. M., perdoando-me, mandando-me para os fins da terra, tendo-me nêles, eu sou, e serei dos mais fieis, e verdadeiros vassalos dos que a V. Majestade amam, e obedecem.

Aquele que nunca faltou aos homens com a verdade, nunca enganou amigos, e conhecidos, nem ninguém do mundo, êste tal, senhor, é certo que tem feito largas provas para não haver de faltar a seu senhor, e a seu rei, a quem se deve mais verdade, a quem se ama mais, a quem se teme mais, e de quem mais que dos outros se espera e depende.

Mostrará o tempo o que prometo; verá V. Majestade: saberão êstes reinos se Deus me der vida, se V. Majestade ma deixar empregar em seu serviço, que castigado, desprezado, e cheio de trabalhos procedo tam alegre, e tam constante em minha obrigação, como aquele que mais possue favores, e prémios.

Espero, já que no estado próspero não pude obrar de sorte que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miséria obre de maneira, que a todos pareça digno de lástima, e perdão.

Ocasiões passadas houve, em que muitas vezes ofereci a V. Majestade o sangue, e a vida, que é sua. E assim como aquele que deve lhe não é lícito escusar-se de pagar sua dívida, a quem e a onde lhe manda seu acredor ; assim também ao bom vassalo, não é lícito escusar de dar sua vida na parte, e como lhe manda seu senhor.

Isto conheço ; isto promulgo. Isto protesto fazer.»

IV

As ilações mais relevantes que se colhem dêste *Memorial* são : 1.ª que um certo Francisco Cardoso fôra assassinado em vindita do adultério cometido com a mulher de um dos assassinos, ou, mais provàvelmente, do condenado a galés, por ter mandado os outros ; 2.ª que algum dos réus depusera que D. Francisco Manuel de Melo comprara os assassinos de Francisco Cardoso ; 3.ª que o réu se defendeu com testemunhas do maior crédito, provando, ao mesmo tempo, que o assassinado havia sido amante da mulher de um cúmplice já condenado como tal.

Estas razões, ainda robustecidas com outras, não impediram que D. Francisco fôsse condenado, na segunda instância, em degrêdo perpétuo para a Índia, e 2:600 cruzados de custas.

Não se compreende tamanha iniquidade. Há um

braço omnipotente que obriga os juízes a condenarem, a despeito das quarenta testemunhas que no tribunal se afrontam com o inimigo misterioso do prêso.

A vida do obscuro criado de certo fidalgo não podia ser tam preciosa quanto a condenação inculca, já mais se o conjurado na morte dêle é fidalgo de tanto tômo e com tantos serviços assinalados.

Não se dispensa, pois, que D. João IV seja o perseguidor mal rebuçado que de dia para dia vai engrossando os ferrolhos que encarceram o seu, já noutros tempos tam fiel amigo e partidário. Vem logo a tradição desvelar o segrêdo, referindo que o rei, concorrendo á mesma dama com D. Francisco, se travara com êle, no escuro de um pátio, e, de espada arrancada, disputára o acesso ao camarim da requestada.

Dado que assim fôsse, ¿ que tem que vêr o assassínio de Francisco Cardoso com o recontro nocturno do rei e do fidalgo ? ¿ Desceria D. João IV a solicitar dos magistrados que o desforçassem, colorindo a vingança ? ¿ Revelaria o seu desonesto segrêdo, tendo à real mão outros expedientes de vingança mais sumários ? ¿ Não se teria dito no processo, ou não diria D. Francisco Manuel no *Memorial* que razões de suspeita puderam incriminá-lo na morte de Francisco Cardoso ?

É escureza que a tradição deixou entenebrecer-se mais com o dobar dos anos. Se alguns genealógicos a puderam desfazer, enfreou-os o respeito, o mêdo, a transigência com certos decoros, sinónimos de certas desonras. Não obstante, como os linhagistas, fechados em seus gabinetes, não se temiam de escrever as volumosas costaneiras que hoje os seus descendentes trocam a romances, ou por um jantar — veniaga mais digna de indulto — aconteceu que a história do autor da

Carta de Guia de Casados ficou escrita minudenciosamente em um dos dez tomos de linhagens, que possuo, e foram escritos por Joseph de Cabedo e Vasconcelos, natural de Setúbal, e Manuel Monis de Castelo-Branco, natural de Vila de Fronteira, ambos contemporâneos de D. Francisco Manuel de Melo.

Antes de levantar de todo o capuz do mistério, quero dar a cópia da nota, que segue o meu traslado do *Memorial*, e que tem pontos de analogia com a do manuscrito do snr. dr. Aires de Campos, conforme a referida informação do snr. Inocêncio Francisco da Silva.

Diz assim :

ADVERTÊNCIA *

A sentença de que aqui se faz menção foi dada em uma segunda-feira, 2 de março de 1648, estando prêso

---

* A nota marginal que aparece transcrita em algumas cópias manuscritas da *Justificação* com o título de ADVERTÊNCIA, já tinha sido publicada por Inocêncio em 1859 no *Dicionário Bibliográfico* por comunicação do insigne filólogo Dr. Aires de Campos encontrada em um dos seus manuscritos ; Camilo transcreveu o texto dado por Inocêncio, o que autenticava a verdade do manuscrito a que dava publicidade, mas ainda assim o meticuloso crítico lembrou-se de julgar essa ADVERTÊNCIA como invenção romanesca de Camilo. Prestage encontrou-a copiada também no *Tacito português*, inédito de D. Francisco Manuel de Melo conservado na Biblioteca nacional.

Camilo não soube utilizar a luz contida na ADVERTÊNCIA, para determinar qual das três *Condessas de Vila Nova*, que fôram sucessivamente espôsas de D. Gregório, foi a dama objectivo do duelo nas trevas entre D. João IV e D. Francisco Manuel. A morte do criado do Conde Vila

(D. Francisco) na Tôrre da Cabeça Séca, perto de 4 anos; e, depois, em virtude dêste Memorial, a terceira instância que se lhe concedeu e outras diligências, estando mais 3 anos prêso, se lhe comutou o degrêdo da Índia para o Brasil, como consta da sua carta declamatória ao príncipe D. Teodósio. *

A morte que se fez foi a um Francisco Cardoso, criado do conde de Vila Nova, D. Gregório; foram enforcados três homens por ela, e um que entregou o morto aos homicidas foi condenado a galés.

Item: dizem que a má vontade com que el-rei D. João IV se mostrou nesta dependência de D. Francisco, procedera de se encontrar com êle uma noite em a porta do pátio das Colunas que está nas casas contíguas ao Limoeiro, em que morava então a condessa de Vila Nova, (senhora de muito bem fazer a quem lho pedia) e porque tinha dado ponto, senha e hora, uma noite, a D. Francisco Manuel, e deu a mesma em tudo a el-rei, que também era opositor, não sabendo um do outro, pretendendo subir a escada ambos ao mesmo tempo, e não querendo ceder qualquer dêles, vieram à contenda das espadas, brigando igualmente com esfôrço, e ventura; cansados, suspenderam a contenda, e, acudindo gente, se retiraram

---

Nova foi em 1643, depois do duelo: «*Sucedeu depois* a morte de Francisco Cardoso, criado da Condessa...»

Era então *D. Branca da Silveira*, a 2.ª espôsa do Conde de Vila Nova, que faleceu em 3 de Abril de 1649 (diz a ADVERTÊNCIA: *a sua lhe sobreveiu a ela dai a pouco tempo*).

Infelizmente Camilo não tendo notado estas circunstâncias, entregou-se às cegas ao êrro dos linhagistas Cabedo de Vasconcelos e Monís Castelo-Branco.

* Está impressa no volume intitulado *Aula Política, Curia militar, Epistola declamatória*, etc., de D. Francisco Manuel de Melo, desde a pag. 109 até 132.

ambos por não serem conhecidos; sem embargo que el-rei conheceu a D. Francisco, e D. Francisco não conheceu a el-rei, nem sabia que era opositor àquela empresa.

Sucedeu depois a morte de Francisco Cardoso, criado da condessa, e a sua lhe sobreveio a ela dai a pouco tempo, Na prisão é que D. Francisco soube quem fôra o rival, e bem se mostra a sua inocência nos livros que compôs estando préso, pondo em todos — QUARE? — *experimentando a ira do soberano com tanto rigor, não lho merecendo seus relevantes serviços, feitos a êle e à pátria, como refere. Se isto foi assim, mancha é na fama de tal príncipe, e tam heróico, que fórma paralelo com a de el-rei D. Manuel com Duarte Pacheco.*

Esta nota abre alguma luz; mas não nos desassombra a verêda, antes nos embaraça mais na relação que possa travar-se entre o rei, e D. Francisco, e o criado morto, e a condessa falecida pouco tempo depois do assassínio do criado.

É agora o ensejo de saír em pleno dia todo o enrêdo desta obscurecida tragédia.

V

D. Gregório Taumaturgo de Castelo-Branco, terceiro conde de Vila Nova de Portimão, guarda-mór da pessoa de el-rei D. João IV, e gentil-homem da câmara do príncipe D. Teodósio, casou com sua sobrinha D.

Brázia de Vilhena, * filha e herdeira de D. Luis da Silveira, conde da Sortelha.

Ao segundo ano de casado, o conde veio no conhecimento de que os tios não são os melhores maridos das sobrinhas, ou as sobrinhas não amam tanto quanto respeitam os tios. A denúncia dos desvios conjugais da condessa foi-lhe feita pelo seu pagem Francisco Cardoso. O conde fez recolher a espôsa ao mosteiro de Santa Ana, onde saûdades e desprezos a mataram, após dois anos de rigorosa reclusão.

Casou o conde, em segundas núpcias, com D. Guiomar da Silva, filha de D. Francisco de Faro, conde de Odemira, e de D. Mariana da Silveira.

Esta, bem que não fôsse sobrinha do marido, resvalou da inteireza dos bons costumes da casa brigantina

---

* Ao aproveitar a preciosa notícia das Linhagens compiladas por Cabedo e Monis Castelo-Branco, Camilo seguiu as interpolações na sucessão das três *Condessas de Vila Nova*; começa pela *segunda*, errando-lhe o nome *D. Brázia* de Vilhena, casada depois do regresso do tio a Portugal, de Castela, onde estivera refugiado, em 1640. Passa para a *primeira* espôsa D Guiomar da Silva, envenenada por D. Gregório, pelo que fugira para Espanha; e dá a *terceira* espôsa D. Mariana de Alencastre, que casára depois de 1650 e que sobreviveu ao Conde de Vila Nova falecido em 1662, convolando ela a segundas núpcias. Camilo veio a conhecer êste último facto na *Boémia do Espírito*, mas continuando a considerar esta terceira Condessa, que também se chamou *Condessa de Figueiró*, o motivo da rivalidade de D. João IV com D. Francisco Manuel de Melo, exercendo sôbre êle a vingança do prepotente.

Assim Camilo, depois do envenenamento de D. Guiomar da Silva, põe às costas de D. Gregório mais o envenenamento de D. Mariana de Alencastre, que lhe sobreviveu matrimoniando-se outra vez.

Prestage, não se entendendo no meio destas complicações inerentes aos factos que se tornam lendários, deixou intacto o problema capital da Vida de D. Francisco Manuel de Melo.

donde derivava, e deu-se a uns funestos amores que Francisco Cardoso espiava com o zêlo de leal servo de seu infeliz amo.

Patente o delito, D. Gregório Taumaturgo, que, ao envés do seu apelido, não fazia o milagre de achar mulher honrada, rompeu na ruim deliberação de matar a sua, com as necessárias cautelas. Assim o fez, mediante peçonha, que a dilacerou em poucas horas de agonia. Rumorejou-se, ao tempo, naquela inopinada morte, e atribuiu-se a mêdo dos parentes de sua mulher a saida do conde para Castela, donde se repatriou em 1640.

Casou o conde, terceira vez, com D. Mariana de Alencastre, filha de D. Lourenço de Alencastre, comendador de Coruche, e de Inês de Noronha.

Foi D. Mariana de peregrina formosura, e a mais cantada dos poetas fidalgos daquele tempo. D. Gregório não estava já em anos de poesia nem de amores, para tanto insistir em terceira experiência. Frizava-lhe já menos mal o epigrama que D. Francisco Manuel de Melo lhe fizera a êle ou a outro de análogo sestro :

Semprônio se descasou
de Lésbia, dela tal ser ;
porém, nada escarmentou :
tomou Lívia por mulher,
sôbre ela logo gritou.
Júlio, o sogro, acode à filha,
bradam todos ; e um doutor
quer pôr em paz a quadrilha,
dizendo que era o sabor
que se tomou da vazilha. *

* *Obras metricas*, pag. 234.

Esta terceira condessa parecia querer que a memória das suas antecessoras fôsse absolvida, ou então vingá-las da cruêza do marido.

Entre vários amadores, aceitou os requebros do rei, por que era D. João IV, e os de D. Francisco Manuel de Melo, por que era gentil, môço de trinta anos, corajoso e poeta, o primeiro e mais galã de quantos então abrilhantavam os saraus da primeira fidalguia.

Não é verdade que a condessa de Vila Nova de Portimão désse hora e senha ao rei e ao fidalgo conjuntamente. A hora era de D. João IV; mas D. Francisco, cioso e desconfiado, espreitava um rival quem quer que fôsse.

Estava êle acantoado no pátio do palácio, espaçoso vestíbulo, que se chamava o «Pátio das colunas» perto do Limoeiro, no terreno onde, mais de século e meio depois, o secretário da Regência, Salter de Mendonça, edificou o seu palácio, sôbre as ruínas do outro, arrasado pelo terramoto de 1755.

D. João IV entrou ao escuro recinto; e, quando subia a espaçosa escada, deu tento de um vulto, e do tinir da espada no talabarte. Arrancou da sua sem proferir palavra; mas conheceu o adversário com quem ia havê-las, por que D. Francisco perguntou ao desconhecido quem era.

O rei tinha bem de memória a voz do homem com quem, a miúdo, e aprazivelmente praticava.

Brigaram algum tempo, ferindo-se ligeiramente, e cessaram de esgrimir, quando no patamar da escada lampejou o clarão de uma luz, com que a sobressaltada condessa acudia ao tilintar dos ferros. Então, fugiram ambos a um tempo, e cada um por sua betêsga mais à mão. O conflito passou ignorado do marido para não

desmentir o provérbio, e de tôda a gente, exceptuados os dois paladinos ; mas só um dêstes possuía o trama completo da aventura.

No entanto, D. Francisco Manuel, acirrado pelo ciúme, descurou as vigilâncias com que se houvera até à certeza de ser atraiçoado. As assiduidades descautelosas expuseram-o à espionagem de Francisco Cardoso, que, àquele tempo, havia sido galardoado com a mordomia da casa.

Teve o conde aviso da perfídia, e interrogou a condessa com a severidade prenúncia de alguma catástrofe. D. Mariana de Alencastre, ameaçada na vida, afastou de si D. Francisco Manuel, revelando-lhe que Francisco Cardoso os espreitava e deletara ao conde.

Êste Cardoso andava de amores adulterinos com uma Catarina de Enxobregas, mulher de um arrendatário de foros da casa de Vila Nova, chamado Marco Ribeiro. Sabedor de sua desonra, êste marido peitou três criados que mataram a ferro o mordomo do conde.

Os assassinos foram presos ; e, postos a tormento, declararam quem os mandara. Não obstante, o conde, comunicando o seu terceiro revés a el-rei, atribuiu a morte do seu fiel criado e amigo a D. Francisco Manuel, por sugestão da condessa, cujo crime o mordomo assassinado lhe denunciara. O rei não impugnou a hipótese, antes a robusteceu consentindo no mesmo alvitre. Postos novamente a torturas os assassinos, a dôr, e a insinuação dos inquiridores, arrancaram-lhes a calúnia que envolvia D. Francisco Manuel de Melo na cumplicidade. Prêso, processado e condenado, o inocente estava irremediàvelmente perdido.

Todavia, o conde, descontente com vingança tam apoucada em comparação das que já tinha de vêze,

como guardasse ainda algum resíduo do veneno que matára D. Guiomar da Silva, ministrou-o a D. Mariana de Alencastre com igual êxito, vindo assim a condessa a morrer pouco tempo depois do denunciante.

Não podemos já desejar mais claridade no mistério que tanto deu que meditar e conjecturar no decurso de quási dous séculos e meio. Traslado-o pouco menos de textualmente copiado do códice genealógico de Cabêdo, que diz ter conhecido todos ou quási todos os figurantes da horrenda história, nomeando por seus nomes até os três matadores que morreram na forca, depois de haverem dito no oratório que não conheciam de nome nem de vista D. Francisco Manuel de Melo.

Êste desgraçado não esteve prêso sete ou oito anos, na Tôrre Vélha, como dizem os seus biógrafos; mas sim dôze como êle mesmo diz em uma de suas cartas: «Nos primeiros seis anos da minha prisão escrevi vinte e duas mil e seiscentas cartas. ¿ E que será hoje, *sendo dôze* os de prêso, seis os de desterrado, e muitos os de desditoso ?» *

Sofreu penúrias no cárcere, por que foi esbulhado de suas rendas. Provam a sua extrema pobreza as seguintes passagens da correspondência: «Sinto só o vêr-me em maneira que nem para estar aqui nem para saír daqui vejo meios; por que, faltando-me os com que me hei-de sustentar, não tenho sagrado a que apele, nem na paciência própria ... Sirva-se V. M. me mandar uma manta de lenha, que com essa incerteza estou desaviadíssimo para o inverno; e, segundo isto vai, levo geito de lhe queimar aqui todo o pinhal ... Os livros folgara

* Carta 1.ª do autor aos leitores — Cartas.

muito de comprar, quando os houvesse; mas estou mais para vender êstes que para comprar outros». *

As justiças zombavam dêle como de todos os encarcerados; mas, com êste prêso, o escárnio era mais de quebrar ânimo e esperanças, por que era D. João IV quem escarnecia: «Agora me mandaram crêr que me querem soltar. O mesmo me prometeram a semana passada. Já não me entendo com palavras de príncipes. Pode ser que com a semana se passe a memória de promessa». **

Ao fim de dôze anos, D. Francisco Manuel de Melo saiu da célula penitenciária da Tôrre Velha para o desterro, não a cumprir sentença lavrada no infame processo, senão a dessedentar a rancorosa sêde do rei. A pena de degrêdo para a África era assim comutada, sob color de indulto.

Saiu a vítima do inexorável devasso para o Brasil em 1655. No ano seguinte, morreu cá o rei, e desde logo o desterrado obteve licença de voltar à pátria. ***

---

* Carta XCIII.

** Carta XXXI, da 3.ª Centúria.

*** Camilo supõe que o regresso de D. Francisco Manuel do degrêdo do Brasil foi porque *obteve licença de voltar à pátria*, depois da morte de D. João IV em 1656. Sob a regência da rainha D. Luísa de Gusmão, que instigava o marido, continuou o degrêdo de D. Francisco Manuel de Melo, que por um impulso natural *quebrantou o degrêdo* em Março de 1658 e veio para Portugal. Só pela aclamação de D. Afonso VI, o seu ministro Castelo Melhor, por êsse título mandou passar-se-lhe alvará de reabilitação e *perdão de quebrantamento do degrêdo*, em data de 30 de Julho de 1662. Tivemos a fortuna de achar êste documento na Chancelaria da Ordem de Cristo, que escapára às insistentes pesquizas de Prestage.

Por esta reabilitação social é que se explica a missão de que foi encarregado D. Francisco Manuel em 1663 de

Não tinha êle, porém, na pátria saüdades ou afectos que docemente lhe acenassem. O melhor da existência, a pujança da mocidade devorára-lha, desde os trinta e três até aos quarenta e cinco anos, a amargura infinita da prisão, aquele inferno da alma inocente posta em juízo no banco de três assassinos, e por sôbre tudo isto a compaixão e saüdade de Mariana de Alencastre, morta violentamente por sua causa.

Divagou D. Francisco pela Europa, e assentou residência em Roma, onde permaneceu sete anos. Aí começou a publicação de suas obras em nova e esmerada edição; mas, escasseado de recursos e protectores, levantou mão desta consoladora ocupação.

Pressentindo o avizinhar da morte, deu-lhe o coração rebates de saüdade de Portugal, como quem se acingia ao desejo de haver na terra da pátria a bastante para lhe agasalhar, em derradeira hospedagem, o coração anavalhado de angústias.

Chegou a Portugal em fins de 1665; escondeu-se em ermo não bem averiguado aí por perto da Tôrre onde estivera prêso, e lá faleceu em 13 de outubro de 1666 aos 55 de idade, tendo nascido a 23 de novembro de 1611.

« Foi sepultado em S. José de Ribamar, donde provàvelmente a civilização e o progresso já atiraram os seus ossos, ou para o Tejo, que fica vizinho, ou para

---

ir negociar o casamento de D. Afonso VI. Esta parte da sua vida, que para Camilo era apenas uma divagação pela Europa, tendo saído de Roma para Paris por meados de 1665 (não assentou residência em Roma por sete anos), veio a falecer em Lisboa em 13 de Outubro de 1666 com 58 anos. (Corrige Camilo, por só agora se saber que nascera em 1608, pelo assento descoberto por Prestage.)

algum depósito de imundícies que sirvam para adubar terras de pão pelo vale de Algés, ou da Ribeira de Jamor». *

D. Francisco Manuel de Melo morreu solteiro; deixou, porém, um filho natural, de nome D. Jorge, que pereceu, oito anos depois de seu pai, na batalha de Senef. Diz Joseph de Cabedo que a mãe de D. Jorge era uma senhora do Pôrto, que vivera com D. Francisco em uma quinta do seu gentil namorado à margem direita do Douro, em um sítio chamado *Entre-ambos-os-rios*. Desta quinta falou, em dias mais felizes, o poeta a D. João IV em uma graciosa petição rimada, que o leitor encontra a pag. 209 da *Viola de Tália*, edição de 1664.

Pelo que toca a D. Gregório, conde de Vila Nova de Portimão, há a certeza de que não casou com quarta mulher. Deu-se a menos arriscados amores, amistando-se com Helena da Cunha, sua criada, de quem houve um filho, que também se chamou D. Gregório de Castelo-Branco, e herdou de seu pai uma comenda de Cristo, e o restante que podia herdar.

O título extinguiu-se com a pessoa daquele 4.º conde que eu respeito na sua infelicidade, e até no desabrimento do seu desfôrço; mas reprovo-lhe a covardia da vingança, que tirou do amante da espôsa assassinada, imputando-lhe com infames cavilações a morte do mordomo. Como quer que fôsse, se a algum homem do século XVII preluziram as teorias de Alexandre Dumas, nisto de matar as descendentes de Nod, foi a D. Gre-

---

* O snr. A. Herculano, *Panorama* citado.

gório, que, por amor desta milagrosa previsão, foi talvez predestinadamente chamado «Taumaturgo». Não sei quando êle morreu, nem se morreu na desconfiança de que o seu rei o desonrára, fazendo-lhe do pátio sala de esgrima nocturna, e bordel da alcova nupcial.

O duque de Bragança não era esquivo destas gratificações aos que lhe tinham cingido o diadêma, a despeito da covardia, que a história abjecta chamou prudência. Êste pecado do adultério é uma seráfica virtude comparado ao estigma de parricida que a crítica, em dias de mais luz e hombridade, gravará na fronte do pai do príncipe D. Teodósio, o querido da fidalguia, do exército e do povo.

Ora, daquele corpo e daquela alma do algoz coroado de D. Francisco Manuel de Melo, saíram Afonso VI e Pedro II, e o mais que veio e vier, até que Deus se amercie dêste globo com um segundo dilúvio, se é que a casa de Bragança não tem de entrar em nova arca, por causa da espécie zoológica.

ADVERTÊNCIA

Possuo e li as mais notáveis edições da *Carta de Guia de Casados*.

A primeira é de 1651 ; a segunda de 1665.

O autor estava em Lisbôa no penúltimo ano de sua vida, quando se publicou a segunda. Com certeza a reviu ; mas apenas a alterou na *Carta a D. Francisco de Melo*, a quem dedica o livro. Por esta alteração não deram os editores subseqüentes, que provâvelmente se serviram da primeira, reputando-a mais correcta ou mais respeitável pela primazia da antiguidade. A alteração está no nome do impressor. Na primeira, escrevia D. Francisco : *Agora ma avisa Paulo Craesbeek que na sua oficina está impressa a minha Carta de Guia de Casados*, etc. Na segunda edição, altera : *Agora me avisa Antonio Craesbeek que na sua oficina*, etc. A natural explicação da mudança é que, ao tempo da se-

gunda edição, era já falecido *Paulo*, e sucedera na oficina seu filho *António*.

Escolhi das várias edições a melhormente ortografada ao uso moderno, e desbastei nessa mesma o que me pareceu destoar das outras emendas bem aconselhadas. Como a doutrina dêste livrinho é aplicada e bem cabida, em geral, nos costumes de hoje em dia, entendi que o devia despir dos trajos antigos, e pelo tanto dissaboridos para quem se não regosija em comparações filológicas.

A Carta de Guia saiu de um fôlego da abundante veia do autor. Não tem paragens, nem divisões de matérias, bem que as haja abundantíssimas. Por isso reparti o assunto geral em capítulos, cada um com seu título, podendo assim o leitor achar no *Índice* a matéria que deseja relêr ou consultar.

Pode havêr alguém que por muito *amarfelado de antiguidade*, na frase de D. Francisco Manuel de Melo, me acoime de irreverência ao grande escritor, à conta destas superfetações em obra que dois séculos respeitaram na sua primitiva maneira. A minha veneração aos antigos é menos acrizolada, se as suas obras merecem andar na circulação da renovada economia social. Raras são as que o merecem, e dessas poucas haverá que a geração nova perfilhe, se lhas não amaneirarmos, em bôa consonância com o gôsto, por maneira que a instrução senão descaze do recreio.

Uns livros são monumentos literários, padrões de um ciclo do espírito humano, marcos que apontam para o passado, e não preluziram o itinerário do futuro. Êsses, a meu juízo, devem subsistir inviolados, íntegros, e intactos das renovações que lhes não dariam cunho de moeda correntia.

Outros livros, tirados da sciência e experiência da vida, sempre nova e vélha a um tempo, devem amoldar-se às evoluções estéticas, quanto couber no possível, sem desfiguração do substancial. A *Carta de Guia* pertence à pequena colecção dêsses livros de filosofia, que nunca descáem de sua virilidade, e vão de par, pelos séculos dentro, com as renovadas gerações, reflorindo perpétua mocidade.

Alterar a locução arrevezada e semi-bárbara do *Cancioneiro do colégio dos Nobres* seria destruir êsse monumento que é, assim qual está, o deleite dos que professam a sciência filológica. Guardar intacta a prosódia incorrecta dos livros acondicionados a recrearem e instruirem sempre, não me parece razão que mereça refutada.

Fiz o que se me figurou razoável e útil a quem lêr esta nova edição da *Carta de Guia de Casados*.

A D. FRANCISCO DE MELO, Alcaide-Mór de Lamego, Comendador de S. Pedro da Veiga de Lira, Trinchante de S. Majestade.

Primo. Para haver no mundo uma dedicatória verdadeira, assim havia de ser feita ao descuido. Agora me avisa António Craesbeeck que na sua oficina está impressa a minha Carta de Guia de Casados; que ou a dedique eu por mim mesmo, ou lhe deixe fazer dela convite a quem a estime, e lha agradeça. Mas eu, que não estou já para provar ventura com bafos de grandes, nem ouso mandar de novo o meu nome às aventuras (porque enfim o bafo é vento, e as aventuras soem ser desastres) neste pouco espaço que me deixou cuidar no que faria, o pedidor da resposta, nada soube fazer mais atinado, que o ir-me lembrar de vós, e da minha obrigação, para vos oferecer êste livrinho. Não julgaria que me ficais devendo muito; e só para que saibais qual é o empenho, desenrolai o presente. Fazei conta que o que vos haveria de ir dizendo aos poucos, quando Deus vos puser neste estado,

vô-lo tenho aqui dito por junto; porque eu não sou nem quero ser daqueles, que se curam a si com diferentes mèzinhas que aos outros. Escrevi a um amigo estas observações. Confiadamente vos servi delas a seu tempo; porque como a amizade é o maior parentesco, o parentesco deve ser a maior amizade. Vai debaixo de condição, que não haveis de amparar, nem defender o livro; porque se êle não corresse ofendido, e desamparado, até eu o não teria por meu. Usai antes, se fôr (que sim será) necessário, daquela minha resposta a um que me tachava de que fizesse muitos, e maus livros: Senhor (lhe disse eu) deixai-me fazer muitos, até que faça um que vos contente. Dizei-lhe isto, e Deus vos guarde.

Vosso primo,

D. Francisco Manuel.

AOS LEITORES DESTA CARTA

Não é outra coisa a filosofia que uma consideração universal de tôdas as cousas, pela qual se alcança o conhecimento delas. Divide-se em natural, e moral. A natural averigua as qualidades dos céus, elementos, e criaturas. A moral aparelha a ordem do trato humano. Também esta moral se divide em três partes, que chamam ética, económica, e política. A ética cuida dos costumes do homem. A económica tem por fim o regimento das casas, e famílias. A política entende sôbre o govêrno das cidades, reinos, e impérios : mas de tal maneira, que a económica requer política, e a política económica ; porque o reino é casa grande, e a casa reino pequemo ; e a ética necessita da política, e da económica ; porque o homem é um mundo inteiro.

Mas agora, falando sòmente da filosofia económica, que é a que pertence a êste tratado, digo que esta tal

filosofia compreende tôdas as condições de gente de que consta a república : grande, meã, e pequena : porém olha com maior intenção para os grandes ; porque a segunda, e terceira qualidade de homens não requerem tanto estudo para sua conservação. Estende-se também a todos os estados de vida : Casados, solteiros, e viúvos ; mas da mesma maneira é mais própria dos casados que dos solteiros e viúvos. Não porque êstes dois modos de vida deixem de necessitar de regras para seu bom regimento ; porém porque são estados em que poucos, e pouco tempo se detêm ; constam sempre de limitadas famílias, e por isso de menos ocasiões ; não pedem todo aquele desvêlo, cuidado, e vigilância, que convém ao casado para sustentar sua casa em honra, e sem perigo.

O principal estudo que aos casados pertence para conseguirem êsse fim, é aquele que lhes dá o modo justo de se haverem, e para viverem com suas mulheres ; porque dêste acêrto, ou êrro, procedem todos os erros, ou acertos de um varão, e de uma família.

D. Francisco, autor dêste papel, sendo rogado de um seu grande amigo que entendia casar-se, para que lhe désse alguns bons conselhos, e avisos àcêrca dêste estado, escreveu êste discurso (como êle mesmo afirma) sem algum artifício ; que é bôa qualidade para dar crédito ao que se aconselha.

Foi seu ânimo persuadir aos casados a paz e concórdia com que devem ordenar sua vida ; encomendar a estimação das mulheres próprias ; inculcar os meios por onde o amor se conserva, e se aumenta a opinião.

Êste livro, correndo manuscrito, quis ser de algumas pessoas caluniado de severo contra a liberdade das mulheres ; e foi esta a principal razão de se comuni-

car agora a todos, para que se veja a pouca causa que o livro deu ao juízo que dêle se tinha feito. O que bem se pode conhecer conferindo sua doutrina com o que escrevem todos os que trataram esta matéria.

E se porventura disser alguém que o entendimento dos homens obra aqui apaixonado por sua jurisdição; veja-se aquele excelente tratado que escreveu da nobreza virtuosa, a condessa de Aranda, D. Luisa Maria de Padilha, e publicou Fr. Pedro Henrique Pastor; que lojo se achará como nem por ser escrito por mulher se subornou da fragilidade de sua condição, para que deixasse de assentar às mulheres com tôda a aspereza os preceitos necessários.

A natureza mostra, e o confirma a experiência, que as mezinhas de uso mais dificultoso são aquelas de virtude mais eficaz. A arte, a que os médicos chamam Precautoria, sem dúvida é moléstia, se se olha a quanto obriga; mas, se ao muito de que preserva, sem dúvida é suavíssima. O ânimo de D. Francisco bem prova, que não foi induzir a novos cuidados, e desconfianças, mas antes mostrar os caminhos para sair dêles, e fugir delas.

Entre os seus livros, pode ser que nenhum seja mais útil que o presente. E nenhum de-certo é mais fácil; ou que a matéria pedisse um descansado estilo, ou que êle cansado de ser repreendido de misterioso (e talvez de escuro) quisesse escrever para todos; pois para todos escrevia, senão para si mesmo. Seja-lhe contudo desculpa (senão louvor) haver sido seu fim em todos seus escritos acomodar sempre o estilo com a matéria: cousa não de todos guardada, e ao menos concedida. Porque na história de Catalunha mostrou verdadeiramente eloqüência histórica. No *Eco Político* levantou mais a pena, porque o pedia a política. No *Mator pe-*

queno, e em os *Fênix* escreveu aforístico, e lacónico, porque as matérias morais, e místicas que compreendem, fôssem pela brevidade apetecidas. Nas musas, grave ; por ser êsse o melhor método entre o vulgar e o difícil. No *Panteon* culto ; porque à matéria trágica se assina o mais alto dos estilos. O mesmo observou nos livros, e tratados que compôs antes, e depois dos referidos.

O próprio guarda no presente, que é o primeiro dos livros portugueses, e que bem mostra não ser menos digno de louvor pela propriedade com que escreve sua língua, que pela elegância com que nas passadas obras mostrou haver feito sua a castelhana. Seguirão os mais em português, que fico preparando enquanto gastardes o tempo em castigar, ou estimar êste, que a todos serve, a todos ofereço.

O IMPRESSOR.

Carta de Guia de Casados

PREÂMBULO

Em meio estou, senhor N., daquelas duas cousas mais poderosas com os homens : Amor, e obediência. Amo a v. m. Manda-me v. m. E suposto que me manda uma cousa bem dificultosa ; a obediência, e o amor, que já fizeram impossíveis não se negarão hoje a vencer dificuldades.

Diz-me v. m. que se casa, e que lhe dê eu, para se governar nesse seu novo estado, alguns bons conselhos. Esta é uma das cousas de que eu cuido que falta mais quem a peça, que quem a dê.

Pois por certo que aquele que deseja bons conselhos, já parece que dêles não necessita ; porque é tam grande prudência pedir conselho, que do homem que o sabe pedir, crerei que nenhum lhe fará falta.

O primeiro que aconselharei a v. m. será que se não fie em nada só do meu voto : pois suposto que em mim

possa haver vontade para o bem servir, pode ser que nem por isso haja entendimento para o bem aconselhar; porque entendimento, e vontade ainda se ajuntam menos vezes, que a honra, e o proveito: e ela, com que seja potência poderosa, nem sempre guia ao acêrto, se lhe faltam olhos de suficiência.

Grandes cousas deixou escrito a antiguidade, para advertência dos casados. Muitas são, e graves são; a que também os modernos acrescentaram outras, ou nós puseram em outras palavras as antigas.

Mas nós aqui, senhor N., nos havemos de entender ambos em prática como do lar, a cujo abrigo, nestas longas noites de janeiro, vou escrevendo a v. m. estas regras em estilo alegre, e fácil, qual requer o estado, e idade de v. m., bem que tam diverso do meu humor, e de minha fortuna.

Darão licença os Sénecas, Aristóteles, Plutarcos, e Platões; nem ficaremos mal com as Pórcias, Casandras, Zenóbias e Lucrécias; tudo tam desenrolado nestas doutrinas; porque sem seus ditos dêles, e sem seus feitos delas, espero nos faça Deus mercê de que atinemos com o que v. m. deseja de ouvir, e eu procuro dizer-lhe.

Não sou já mancebo. Criei-me em Côrtes; andei por êsse mundo; atentava para as cousas; guardava-as na memória. Vi, li, ouvi. Êstes serão os textos, êstes os livros, que citarei a v. m., neste papel; onde juntas algumas histórias, que me fôrem lembrando, pode mui bem ser não sejam agora menos úteis que essa máquina de gregos, e romanos, de que os que chamamos doutos, para cada cousa nos fazem prato, que às vezes nos enfastia.

Ora assentamos que qualquer mudança causa estranheza. Mudar de umas casas a outras é em alguma

maneira esquivo. Segue-se logo que não se mudará a vida sem algum receio.

Porque se perca, imagine v. m. que para êste estado nasceu, e o criaram seus pais. Êste foi o que v. m. sabia o estava esperando. Êste lhe é próprio, o outro alheio. Ninguém se queixa de haver chegado ao fim de seu caminho.

Considere que aqui não padece alguma fôrça sua liberdade ; antes, assim como aquele que sobe açodado por uma escada ingreme, quantos mais são os degraus, mais deseja de achar um mainel em que descanse ; assim também, subindo o homem pela escada da vida, quantos mais são os anos, quanto mais soltamente os vai vivendo, tanto lhe é mais necessário o repouso de um honrado casamento ; que já por essa razão lhe chamamos estado, por ser não só fim, mas também descanso.

Tem v. m. subido, se não muitos degraus, digo, se não tem vivido muitos anos, vivido tem aqueles que bastem ; e ainda mal porque a tal curso, que bem pode já dar o descanso a que chega, por chegado ao melhor tempo.

Paga o filho a seu pai, em se casar, aqueles benefícios que recebeu dêle. Pois se seu pai não casára, o filho não fôra. Vão assim os homens contribuindo uns aos outros ; e todos à memória dos que lhes deram ser, a que, depois de Deus, somos mais obrigados que a tudo o mais.

I

Vantagem do casamento

Espantam-se os moços com o que ouvem dizer do casamento de ordinário aos mal casados, porque, senhor, há v. m. de saber, que muito mais certo é que o mantimento bom se converta no mau humor que em nós acha, do que converter o mau humor nessa sua bôa virtude. Parece-lhes aos moços intolerável a carga do matrimónio. É, senhor, pesadissima para os que a não sabem levar ; para os que sabem, é ligeira. Uma arrôba de ferro ao ombro carrega um homem, que com o fácil artifício de duas rodas pode levar um quintal. Não excede o pêso do casamento nossas fôrças, falta-lhe as mais das vezes nossa prudência para que o sustente ; e daí vem que nos pareça grande.

¿ Quere v. m. vêr quam leve é a carga dêste modo de vida que toma ? meça-a com o pêso dessa outra vida que deixa.

Ponha, senhor N., em balança a inquietação passada, os perigos, os desgostos, a desordem dos afectos, aquele temer tudo, não fiar de nada, o queixume que dói, a vingança que arrisca, a ruim lei que desespera, os ciúmes que abrasam, os amores que consomem, a honra em ocasião, a saúde diminuida, a vida arriscada, e o que é mais, a vida sempre queixosa.

Ora alviçaras, senhor N., que já lá vai tudo isto.

Em verdade, que quando o casamento não trou-

xera outro algum bem mais que livrar de tantos males, justamente merecia o nome de santa e doce vida.

Pois vejamos o que se lhe dá a um casado, a trôco dessa liberdade, que êles tanto alegam que deixam.

Dá-se-lhe outra : entrega-se-lhe a mulher com a liberdade, com a vontade, com a fazenda, com o cuidado, com a obediência, com a vida, com a alma.

¿ Quem pesará o que deixa com o que recebe, que logo não conheça os ganhos desta troca ?

II

A proporção do casamento

Uma das cousas que mais assegurar podem a futura felicidade dos casados, é a proporção do casamento. A desigualdade no sangue, nas idades, na fazenda, causa contradição ; a contradição discórdia. E eis aqui os trabalhos por onde vem. Perde-se a paz, e a vida é inferno.

Para a satisfação dos pais convém muito a proporção do sangue, para o proveito dos filhos a da fazenda, para o gôsto dos casados a das idades. Não porém que seja preciso uma conformidade, de dia por dia, entre o marido, e mulher ; mas que não seja excessiva a vantagem de um a outro. Deve ser esta vantagem, quando a haja, sempre da parte do marido, em tudo á mulher superior. E quando em tudo sejam iguais, essa é a suma felicidade do casamento.

Dizia um nosso grande cortesão, que havia três

castas de casamento no mundo : casamento de Deus, casamento do diabo, casamento da morte. De Deus, o do mancebo com a môça. Do diabo, o da vélha com o mancebo. Da morte, o da môça com o vélho.

Êle certo tinha razão, porque os casados moços podem viver com alegria. As vélhas casadas com moços vivem em perpétua discórdia. Os vélhos casados com as môças apressam a morte, ora pelas desconfianças, ora pelas demasias.

Mas porque estas cousas são muito gerais, e ainda os incapazes têm delas o conhecimento que aos entendidos lhes sobeja ; é tempo de passar a alguns mais particulares avisos.

Senhor, saiba v. m. que à sua alma se acrescenta outra alma de novo ; à sua obrigação se ajunta outra obrigação. Assim devem crescer seus cuidados, e seus respeitos. E da mesma sorte que, se a um homem que possuisse uma herdade, a qual cultivasse, lhe fôsse deixada outra de novo, para o mesmo efeito ; êste tal homem, sem diminuir em sua alegria, era fôrça que na diligência se avantajasse, por abranger com seu trabalho a ambas aquelas suas fazendas ; nem mais, nem menos deve o casado multiplicar o tento, e a fadiga (sem que por isso se entristeça) por não faltar ao novo cargo, que tomou, e lhe entregaram, com a mulher que lhe deram ; não para que a arriscasse, e perdesse, (e a si mesmo com ela) mas para que com maior cómodo e descanso pudesse passar com ela a vida.

III

O amor

Provemos a vêr se será possível dar alguma regra ao amor; ao amor, que soe ser a principal causa de fazer os casados mal casados. Umas vezes porque falta, e outras porque sobeja. Armemos-lhe, se quer, as rêdes; caia êle se quiser; e o mais certo será que avôe, e fuja delas; porque quiçá por isso o pintaram com asas.

Ame-se a mulher, mas de tal sorte que se não perca por ela seu marido. Aquele amor cego fique para as damas, e para as mulheres o amor com vista. Ou cure os olhos que tem, ou os peça emprestados ao entendimento dêsses que lhe sobejam.

Digo, perder pela mulher: perder por ela seu marido a dignidade, e compostura de homem, a trôco de lhe não contradizer sua vontade, quando é justo que lha contradiga.

Saiba-se, e tema-se, que também há narcisos do amor alheio, como de seu próprio.

Gabavam muito certos Cardeais ao Papa Pio V, um seu criado, que êle mais favorecia. Respondeu-lhes: Bom é, mas nunca me contradiz. Tam longe está de ser desamor, que antes é perfeição do amor o saber encontrar a vontade de quem se ama, quando ela não deve de ser seguida.

Há alguns, senhor N., de tam pouco juizo, que fazem ostentação de seu próprio cativeiro. Igual afron-

ta é a um casado saber-se que o manda sua mulher, que saber-se é ela de seu marido escrava, e não companheira.

Êste fôro, esta prerrogativa de que cada um é bem que use, logo ao princípio convém que se concerte. O marido tenha as vezes de sol, em sua casa, a mulher as de lua. Alumie com a luz que êle lhe der; e tenha também alguma claridade. A êle sustente o poder, a ela a estimação. Ela tema a êle, e êle faça que todos a temam a ela, serão ambos obedecidos.

Dissera eu, que as mulheres são como as pedras preciosas, cujo valor cresce, ou mingúa, segundo a estimação que delas fazemos.

Os que casam com mulheres maiores no ser, no saber, e no ter, estão em grandíssimo perigo. Dêste livrou Deus a v. m. (e aqueles que assim casaram) porque no que deviam ser iguais mulher, e marido, são muito iguais, e no que v. m. era bem que excedesse, assim é que excede. Os mais anos são grandes arras no casamento, em favor da autoridade do marido.

Não me detenho em apontar remédios a êstes riscos, porque o meu ânimo não é dar conselhos a quem escolhe mulher, senão avisos para se viver com aquela que já se tem escolhido.

IV

A idade da noiva

O homem que casa com mulher de pouca idade, leva a demanda meia vencida. Nos tenros anos não há ruim costume; porque ainda o menos advertido está no ânimo como hóspede, e não de assento.

Acusando um homem a sua mulher de mal acostumada, diante de seu príncipe, foi dêle perguntado, de que anos entrára em seu poder; e como lhe disse o marido, que de dôze, respondeu aquele rei: Pois vós sois o que mereceis ser castigado, que tam mal a criastes.

Um leão, em pequeno se amansa. Aos próprios ferros da gaiola, em que vive prêso, toma afeição um passarinho: sendo aquele por seu natural feroz, e êste livre. É a criação outro segundo nascimento; e, se em alguma cousa difere do primeiro, é só em ser mais poderoso êste segundo.

O homem que tiver discrição, e indústria, casando com mulher de tal idade, pai cuide que vai a ser de sua mulher, tanto como seu marido. Pode fazer que ela renasça com novas condições. Se vemos balhar um urso em uma corda, animal de tam diferente despejo, que bruto se afirma mal sôbre a terra; ¿ que há que desesperar de poder instruir a mulher môça em todos os bons costumes, e ditames em que a puser seu marido? E também ¿ que há que confiar de que não tome os ruins, se seu marido lhe dá lições, e motivos para caír, e ficar neles?

V

Parenteseos

Correm algum perigo as muito môças pelo sobejo amor aos pais, e irmãos, com que se criaram ; e é tanto mais ocasionado êste inconveniente, quanto parece mais lícito.

De ordinário esta acção se regula pelo ser dêsses pais, e dessa parentela. Quando os pais sejam como devem, louvável é a inclinação ; quando não, é necessário que se vá desde logo, e por bons meios, despartindo aquela familiaridade.

Sobretudo eu quisera vêr antes nas casadas para com seus pais reverência, que amor ; não que lho neguem, porque sem algum amor não há nenhuma obediência ; mas quando seja amor, e êles tais que não sejam dignos dêle, se no marido houver arte, o remédio não parece dificultoso.

Julgava eu que para esta tal mèzinha era bem conveniente uma nova brandura, um novo afago, (digamos assim) um namorar a mulher outro tanto mais do que sem esta razão seria necessário.

A criança que outra cousa não sabe senão o peito de sua mãe, o deixa a trôco de se lhe dar a conhecer a suavidade do mel, ou do açúcar, que é mais doce que o leite. Não se duvida que o bem querer do marido é mais próprio para a mulher, que o de seus pais, e parentes. Donde vem que a mulher obrigada, e animada do marido, esquece fàcilmente o trato dos pais, e dos irmãos.

Este afago também deve ser discreto, repartindo-o igualmente por obras, e palavras. O vestido quando se não pede, o brinco que se não espera, a saída em que se não cuida, um não sair de casa uma tarde, um recolher mais cedo uma noite, (e, se disser um levantar mais tarde uma manhã, não mentirei) farão logo chanissimo o caminho para aquele esquecimento, ou desvio dos pais, quando ao marido lhe convenha.

VI

Casamento por conveniencia

Houve quem duvidasse, se podia ser perfeito o amor entre aqueles que por conveniências, e por concertos se casavam : entendendo que esta perfeição de querer, só se guardava para os que casavam por amores. A que se referia um galante, que convidando-o uma sua parenta para que casasse por concertos, lhe deu por resposta : Senhora, não me obrigo a amar ninguém per fé de escrivão, senão pela minha.

De uma, e de outra cousa não faltam bons, e maus exemplos ; mas eu que sou mais amartelado da razão que do caso, direi com alguma novidade o que se me oferece.

Persuado-me, senhor N., que esta cousa a que o mundo chama amor, não é só uma cousa, porém muitas com um próprio nome. Poderá bem ser que por isto os antigos fingissem haver tantos amores no mundo, a que davam diversos nascimentos ; e também pode ser

venha daqui, que ao amor chamemos amores ; pois se êle fôra um só, grande impropriedade fôra esta.

Eu considero dous amores entre a gente. O primeiro é aquele comum afecto com que, sem mais causa que sua própria violência, nos movemos a amar, não sabendo o que, nem o porque amamos. O segundo é aquele, com que prosseguimos em amar o que tratamos, e connecemos. O primeiro acaba na posse do que se desejou ; o segundo começa nela : mas de tal sorte, que nem sempre o primeiro engendra o segundo, nem sempre o segundo procede do primeiro.

Donde infiro, que o amor que se produz do trato, familiaridade, e fé dos casados, para ser seguro, e excelente, em nada depende do outro amor, que se produziu do desejo do apetite, e desordem dos que se amaram antes desconcertadamente ; a que, não sem erro, chamamos amores, que a muitos mais impeceram que aproveitaram.

Parecerá dificultoso o considerar, como à pessoa que não havemos visto poderemos amar com perfeição. Larga é a disputa, e não daqui. Digo eu que façamos, senhor N., neste caso, como os que cortam madeira, e a lançam ao rio, para que sua corrente lha leve (sem algum trabalho) ao pôrto. Êles não sabem por onde vai sua mercadoria, mas basta-lhes saber, que ela chega a salvamento, por outras que já tem chegado, para que a entreguem às águas com muita confiança.

Deixe-se levar o casado do poder daquele virtuoso costume ; não lute, não forceje com a corrente, que quando menos o espere (e sem saber o como aquilo foi) êle se achará amando a salvamento a sua mulher, e sendo dela muito seguramente amado.

Dê-se-lhe a entender à mulher, que a cousa que

mais deve querer é a seu marido. Tenha o marido para si, que a cousa que mais deve querer é sua honra, e logo sua mulher.

Diz um antigo ditado : Quem não tem marido não tem amigo. Diz outro : Quem tem mulher tem o que há mister. E na verdade assim é entre os bons casados ; e os ritões, senhor N., sentenças são verdadeiras, que a experiência, suma mestra das artes, pronunciou pelas bôcas do povo.

Mas porque sucede que sem embargo de tôdas as mèzinhas receitadas, quando Deus nos quere castigar com a pena, e injúria de encontrarmos com uma condição avêssa, a mulher luta por sustentar-se em seus desmanchos : discorreremos aqui pelos vários géneros de ruins qualidades, que acontece haver nelas, para que todos se possam aplicar os remédios convenientes ; mas nem por isso se espere que de tôdas se consiga a melhoria.

VII

Várias castas de mulheres

Cuidam, com falso discurso, algumas mulheres, que como elas guardem a lei devida à honra de seus maridos, em tudo o mais lhes devem êles de sofrer quanto elas quiserem que lhes sofram.

É êste um mero engano ; por duas razões : a primeira, porque nada se lhes deve às honradas de guardarem a obrigação, em que Deus, a natureza, o mundo, o mêdo as tem posto.

Lembra-me que, estando em Madrid, tinha uma vizinha muito brava, que pelejando um dia, como sempre fazia, não cessava de dizer ao marido, e com verdade : *Hermano, soy muy honrada ;* e êle respondia-lhe : *Pues anda a Dios que te lo pague, que a mi cuenta no está el pagarlo, quando lo seas, sino el castigarlo quando no lo seas.*

A segunda, porque não só a honra de seus maridos se perde por sua descontinência, mas não menos pelas ocasiões a que põem os homens por muitos outros excessos que cometem. Foi assim graciosa, mais que segura, a opinião de certa pessoa, que ninguém tanto sofria como quem tinha bôa mulher, bom criado, e bôa cavalgadura. Porque à conta de bôas peças cada uma fazia sua vontade, e nunca a de seu dono. Não fôsse ora por isso o dizer a chocarrisse castelhana : *Buena mula, buena cabra, buena hembra, son tres malas bestias.*

As mulheres de rija condição, a quem comummente chamam bravas, são as que menos cura tem ; porque até da temperança do marido, que era a sua melhor mèzinha, tomam causa de se demasiarem ; sendo já antigo, que o soberbo se faz mais insolente à vista da humildade ; o bravo se enfurece diante da mansidão. A violência e o castigo não tem logar na gente de grande qualidade. Pelo que já disse um muito discreto, que entre as cousas, que os vilãos traziam lá usurpado aos fidalgos, era uma, o poderam castigar suas mulheres cada vez que lho mereciam.

Pouco mais remédio sóem ter estas tais condições, que uma grande prudência com que se atalhem. Aconselharia a aquele a quem tal sucedesse, se apartasse o possível de viver nas côrtes, e grandes logares. Quem grita no despovoado, é menos ouvido. Atalham-se assim

inconvenientes ; não se ficará sendo a fábula do povo, onde de ordinário servem de iguaria aos murmuradores as acções de tais casados. Procede daqui não leve injúria ; pelo menos um escrúpulo de afronta, que anda sempre zunindo nos ouvidos do pobre marido, como os gritos da própria mulher brava.

A feia é pena ordinária, porém que muitas vezes ao dia se pode aliviar, tantas quantas seu marido saír de sua presença, ou ela da do marido. Considere que mais vale viver seguro no coração, que contente nos olhos ; e desta segurança viva contente ; que pouco mais importa haver perdido por junto a formosura, que vê-la ir perdendo cada dia, com lástima de quem a ama. Isto sucede sempre nas mulheres, já pela idade já pelos achaques, a que tôda a formosura vive sujeita. Donde com muita razão se queixava um discreto, não de que a natureza acabasse as formosas, mas de que as envelhecesse.

Mulher néscia, cousa é pesada, mas não insofrível ; procure o marido emprestar de seu juizo às acções de sua mulher aquela discrição que vir que lhe falta. Assim o fará o entendido, e se êle também o não fôr, pouca pena lhe dará que ela o não seja.

A doença, que a muitos aflige, é também um não pequeno trabalho : vê-se penar a pessoa a quem se quere bem ; e porventura soem ser estas as que menos o merecem ; porque males e bens muito há que costumam andar desordenados. Deve a mulher, quando enfêrma, ser tratada de seu marido com todo o regalo possivel, sofrida com tôda a paciência. Pode-se fazer esta conta : que estando disposto haja de padecer o homem em ametade de sua alma, favor foi grande de Deus padecesse antes naquela parte que menos falta faria á sua

família. Considere-se (para que se bem sofra) que a obrigação do fiel companheiro, é guardar companhia, tanto pelo mau, como pelo bom caminho. Se as sortes se mudassem, da mesma maneira quisera o marido ser tratado, e sofrido da mulher.

Há não poucas mulheres proluxíssimas, e de condição impertinente, cuja demasia de ordinário descarrega sôbre os criados, a quem são insuportáveis : donde à casa resulta ruim fama, e achar o senhor dela com dificuldade quem o sirva. Convém que a estas tais se lhes aperte o freio, se lhes dê pouca mão no govêrno, e como as pessoas feridas de mal contagioso, as sirvam, e ministrem ao longe, ouvindo-se pouco, e dando-lhes a ouvir menos. Mostrem-se-lhes por experiência os frutos de sua condição, faltando-lhes talvez com o serviço necessário ; porque se com êste garrote não tornam em si, são por outro modo de dificultoso remédio ; e vem a pagar o marido, sem culpa, os desabrimentos da mulher agressora, e merecedora da ruim vontade dos servos, que, como pouco prudentes, não distinguem em acções tam próprias como as de mulher, e marido, qual dêles é digno de amor, e qual de desamor.

Acontece serem escassas : e dos defeitos mais leves, que nelas se acham, é êste um dêles. Não julgo que seja de algum perigo (posto que pode ser de descontentamento, e azo de pouca paz) porque se o marido é liberal, êle dará logo remédio à condição da mulher ; se tiver o mesmo costume, viverão com miséria, mas com contentamento.

Não cuido certo que os Egípcios com tôda a sua agudeza, inventaram mais excelente geroglífico do que o descobre um nosso provérbio português : O marido barca, a mulher arca. Ouvi-o dias há a uma vélha, e o

escutei como da bôca de um sábio : Traga o marido, e guarde a mulher.

Mulher ciosa, é bem ocasionada mulher para que se viva sem contentamento. Dizia uma de bom juizo : A mulher ciosa tende a ociosa. Queria dizer, não lhe deis causa, que ela a não tomará. Esta não vinha em distinguir a queixa do ciúme ; porque aquela que com razão se sente, não chamo eu ciosa. A ciosa é aquela que sem causa se queixa ; e estas são as trabalhosas. Porque emendar cada um as suas fraquezas, sôbre que é dificultoso, não é impossivel ; mas emendar as alheias não é dificultoso, porque é impossivel.

Contra as ciosas sem razão, o melhor remédio é que elas a não tenham ; porque assim se segura a consciência, e a honra. Contra as ciosas com razão, curando-se o marido da leviandade, fica a mulher curada do ciúme. Para desconfianças leves, que um discreto chamava sarna do amor, que faz doer, e gostar juntamente, digo eu, que como se satisfizeram as damas, se satisfarão as espôsas. Aquele amor desordenado, mais furioso é, e assim mais veementes seus ciúmes (como é do melhor vinho o melhor vinagre). Quem soube (que todos souberam) desmentir os ciúmes de sua dama, quando a teve, por êsse mesmo modo desminta os de sua mulher, quando a tenha.

Eis-aqui vem as gastadoras, fogo perenal das casas, e das famílias. Sempre foi causa de muitos males esta tal condição ; porque lá tem suas côres de cousa bôa ; e sobretudo é mui aceita. Digo, senhor N., com verdade, que me parece deve uma mulher honrada tratar o dinheiro com aquele mesmo temor que ao ferro e fogo, e outras cousas de que convém sejam medrosas. Parece o dinheiro em mãos da mulher arma imprópria. Per-

gunto : Se para despedir, e lançar de sua casa um criado, a mulher casada por si não tem bastante autoridade, porque a quererá ter para despedir, e lançar fóra de casa sua fazenda, em que consiste o bem, e repouso de amos, e criados !

Para a que fôr ferida dêste mal, é necessário armar de um grande recato, e vigia ; e assim como quem navega se teme muito mais de abrir uma ferida no casco do navio, por onde sem dúvida se irá a pique, do que se se lhe abriram outras muitas pelo bordo, que vai fóra da água ; assim não é tam perigosa a uma casa outra qualquer desordem, nem lhe ameaça ruína, como o excesso da mulher gastadora, e desregrada ; porque como êsse defeito jaz dentro na água (dentro digo do próprio cabedal) por ali logo se vai ao fundo a família inteira.

Umas há destas apetitosas, e que por um bonifrate venderão um padrão de juro da câmara. É defeito que compreende não só as grandes senhoras (antes nelas menos perigoso, e mais desculpado) mas até à gente de pequena condição. Succedeu, estando em Madrid, vir a minha casa com grande ânsia a mulher de um obreiro *a pedir, que sobre dos savanas le prestasen doze reales ;* e perguntando-se-lhe, qual era sua necessidade : *Ai señores*, disse, *que tengo concertadas a comprar media dozena de hijas de azavache lindissimas, y si agora no las tomo, no sé quando podré despues heverlas.* Sofre-se melhor um dêstes desmanchos, quando não é costume. Na môça é tolerável, na mulher condenável. Saiba tôda a mulher, que o mundo é maior que seu apetite, porque não queira fazer-se necessitar de quanto vir, ou ouvir. Deus nos guarde de umas, que fazem certo aquele rifão bem vulgar, mas muito próprio: A minha filha Tareja, quanto vê tanto deseja. Responda-se-lhe nesta razão:

Primeiro está a obrigação, logo a temperança, e depois o gôsto.

¿Que direi das voluntárias, que por nome, não menos próprio, se dizem teimosas ? ¿de outras que aporfiam ? As mais são constantes, e ainda contumazes em seu parecer. Acontece isto com maior freqüência nas ou muito néscias, ou muito presumidas. Não venho em que com a mulher se litigue, que é conceder-lhe uma igualdade no juízo, e império, cousa de que devemos fugir. Faça-se-lhe certo que à sua conta não está o entender, senão o obedecer, e fazer executar, mas que não entenda. Mostre-se-lhe às vezes que, havendo quando se casou entregado sua vontade ao marido, comete agora delito em querer usar daquilo que já não é seu.

Tudo é sombra, se se compara com o defeito da facilidade, ou ligeireza; e ainda o não acabo de dizer, porque não acho nome decente. Mulheres há leves e gloriosas, prezadas de seu parecer: loureiras, cuido eu que lhes chamavam nossos antigos, por significar que a qualquer bafejo do vento se moviam. Êste é o último de seus males. Nem o quero considerar, porque nos não é necessário, nem apontar o remédio. A honra de cada um, e a consciência sejam neste triste caso os conselheiros. Com agudeza definiu êste ponto em poucas palavras um discreto: Sofra o marido à mulher tudo, senão ofensa: e a mulher ao marido ofensas, e tudo.

Advertirei, todavia, que aquele seu pretexto, de que cortesanias, ou galanterias não fazem mal, é conclusão erradíssima, cuja prática introduziu a indústria, não a razão. Para que se pregue um prego, costumamos fazer-lhe primeiro lugar com uma subtil verruma. Nenhum vício entra tamanho como é. Aquele bicho que no Brasil se padece por achaque, sem falta que com

providência nô-lo deu a natureza a todo o mundo por exemplo; entra invisivel, começa entretenimento, passa a ser moléstia, chega a ser doença, e acontece que pode ser perigo. A honra da mulher comparo eu à conta do algarismo; tanto erra quem errou em um, como quem errou em mil. Façam as honradas bôas contas, acharão esta conta certa.

De umas que se prezam de formosas, não há para que nos descuidemos. Que a mulher se conheça não é vício; antes antiga opinião minha que em muitas partes tenho escrito. Devemos tanto conhecer o bem, se o há em nós, como o mal quando o haja. Aquele para que se guarde, e não perca; êste para que se emende, e não vá adiante. Desejo que da formosura se use como de nobreza: folgue cada um de a ter, mas não que a amostre. Levar da espada a cada passo, argüe pouca prudência. O marido que vir sua mulher inclinar a esta vanglória, viva por ela mesmo avisado, e saiba que tem perigosa mercadoria, sendo esta das mulheres ao revés que as outras, pois quando mais cobiçada é, menos é para cobiçar. E por esta razão não faltou já quem duvidasse se a formosura se dava por prémio, se por castigo.

Passado havemos êste enfadonho labirinto, ou por êstes monstruosos mêdos, que o guardam. Tudo há no mundo, donde em nada perigará a pessoa advertida. Verá v. m. nos mapas, porque se governam os marcantes, notados com tanta diligência os baixos de que se hão-de guardar, como os portos aonde devem de ir a surgir.

VIII

Maneira de conservar a bondade das que são bôas

Tendo, senhor meu, mostrado a v. m. assim umas sombras dos perigos, e inconvenientes, que causam as mulheres com algumas de suas imperfeições, hei como dito a v. m. os descansos, os contentamentos, que trazem consigo as bôas. Êles são tantos, que na verdade se não podem dizer.

Não há na eloqüência louvor que não venha estreito para a mulher honrada. Assim a deve de tratar seu marido como penhor celestial.

Para a conservação desta honra, e desta mulher, em que ela tanto estriba, irei assim apontando a v. m. algumas cousas, as quais não servem aprendidas, senão usadas, e usadas muitas vezes. Bem se vê que não basta prantar a murta no jardim, por de melhor casta que ela seja, para que o adorne, faça figuras, e lavores agradáveis; é necessário torcer-lhe às vezes os raminhos, e outras cortar-lhe as vergônteas; e contudo nada aproveita, se perpètuamente o jardineiro a não toza, e cultiva, porque veceja muito.

Fuja-se, como de peste, de repartir casa, e receber criados com distinção, tais para o senhor, e tais para a senhora. Se o casamento é união, ¿ de que serve dividi-lo ? Êste ponto é mais proveitoso à advertência, que agradável à especulação. Daqui vem, que nem lhe fujo, nem a persigo.

Tem-se hoje por grandeza lavrar quartos, e apo-

sentos à parte, conservarem-se por tôda a vida assim entre os casados. E há homem que vive tam diminuto de sua mulher, como das de seus vizinhos. Perguntem-se neste caso às paredes das casas mais antigas ; que pois as paredes falam, elas dirão os costumes dos passados. Vê-se no seu modo de edificar, que onde hoje não cabe um pobre escudeiro, antes cabia um senhor grande. Eu não sou tam amartelado da antiguidade, que cègamente siga seus costumes, mas parecia-me bem aquela singeleza, e não bem esta cautela. Vivam todos em tôdas as casas, maridos, e mulheres ; que o contrário certo, é abuso cheio de perigos.

Afirmo ser êrro que traz grandes inconvenientes, haver em casa gente parcial, e que cuide alguma dela que só a sua ama deve fidelidade, e segrêdo, só a ela queira servir, e dar gôsto, só tema seu enôjo, e espere seu prêmio.

IX

Criados e criadas

Costumavam dizer os grandes : Tantos criados, tantos inimigos ; sentença de que foi autor não menos que o Espírito Santo. Pois estoutra casta de criados, que o são, e que o não são, é a quinta essência dos criados inimigos.

Introduziu o costume, ou o diabo inventou, uma sorte de pagemzinhos, que chamam de tocha, ou de estrado. Não aprovo tal uso, se se lhe houver de assinar

particular exercício, antes sou mais contra êle, porque entram, e saem, são espertos, e artistas, tomam cio com o favor, como quartãos galegos, e saem dêle com más manhas.

Sejam os pagens todos do senhor, e dêstes os mais modestos e honrados se apliquem ao serviço de sua mulher; e, se se variarem, é ouro sôbre azul. Não é necessário para fazer isto, senão vêr-se que é melhor que o contrário. Faça-se porque é bom, e mais seguro que o que se não faz.

Entrem pouco, e até parte sinalada: porque, se são pequenos, negoceiam com as criadas, e advogam às vezes por outros; se são grandes, trazem procuração em causa própria, sempre com dano do decoro da casa.

Viu um dia o duque de Alva, avô dêste que hoje vive, entrar um pagem já espigado no quarto das criadas; chamou-o, e disse-lhe: *Andad, decidle al mayordomo, que ó os cape, ó os encape.*

Havia sucedido um desconcêrto em casa de uma senhora a certa criada sua; e foi tal, que se houve de descobrir de noite, e ir-se-lhe buscar o remédio a casa de uma comadre; dava grandes vozes o portador, e dizia (dizia êle depois, que por lhe parecer mais honesto:) Senhor, acuda v. m. de-pressa a casa da senhora dona fulana, que está uma sua dona de parto. Que pregão êste! ¿ E quem tam culpado na infâmia daquela casa, como o descuido do marido senhor da casa?

Senhor N., olhe v. m.: quando o fogo anda na coitada, varrem-lhe muito bem os caminhos, que não fique palhinha, nem aresta, nem argueiro, e isto a fim de que não salte de um arvoredo em outro, por meio daqueles padas em que se ateia.

Estas sevandilhas pequenas, êstes argueiros, estas palhinhas, estas arestas, são às vezes causa de grandíssimos incêndios. Ande, senhor meu, a casa de v. m. bem limpa, e bem varrida, que além de ser grande aceio, é grande descanso.

Quero falar em criadas, e quisera falar mais baixo, se a escritura tivera tons, como tem a prática.

O número delas, nem falte ao estado de cada um, nem sobeje à fazenda de cada um. Nesta míngua nos levam os estrangeiros muita vantagem. Senhoras de grande porte, por terras que vi, e andei, se servem com uma, duas criadas, e mais das filhas que delas. E já porventura por esta causa chamam os franceses às damas do paço filhas de Honor; dando a entender, que não menos das filhas se podem fazer criadas, do que se podem as criadas ter em conta de filhas.

Se o hei-de dizer em outra parte, seja aqui logo, antes que me esqueça. Ouvi muitas vezes a um famoso pregador (que todos ouvimos) repetir êste dito engraçado, e verdadeiro: Quem gasta menos do que tem, é prudente; quem gasta o que tem, é cristão; quem gasta mais do que tem, é ladrão.

Em nada deve haver excesso na casa bem regida; e se em alguma cousa se compadece falta, é naquela que menos se vê, quais devem ser as criadas, que estas convém que sejam as cousas menos vistas da casa, ainda que não sejam as menos para vêr. Certo que quando por mais não fôsse, que por atalhar os embaraços que elas causam à família, se podem ter, e usar com grande moderação.

Valida especial de sua senhora não haja alguma porque tôdas o possam ser no grau conveniente. Tôdas a amem, e tôdas estime; sejam tôdas suas criadas, seja

senhora de tôdas ; de nenhuma seja amiga, com nenhuma se mostre companheira.

Certo que hei-de contar a v. m. (conto-lha, não lha inculco) em segrêdo uma história : Dizia-me um grande senhor muito discreto, e gentil político ; que assim como sua mulher se declarava em favorecer uma criada mais que as outras, se era môça lha galanteava logo, até que a bôa senhora, a puros ciúmes, a lançava de seu serviço, ou pelo menos de sua valia ; e se vélha, lha comprava com dinheiro, e mercês, de maneira que também por suspeitosa e descompunha. Eis tudo revôlto, e à vontade do marido. De sorte que com tal destreza se havia, que nunca vira a sua mulher três dias particularizar-se mais com uma criada que com outra. Tenho-o por demasiada astúcia ; mas êle fazia muito caso desta tretá. Fique dito, não aconselhado.

Pois estamos aqui, digamos o que àcêrca de criados se oferece que advertir. Se fôr alguma cousa mais prolixo, saiba v. m. que de propósito me detenho, porque julgo êste ponto por um dos mais principais á honra e paz dos casados.

Mulheres, que são como o rio Nilo, a quem se não sabe o nascimento, e tôda sua corrente, fugir, senhor, delas como dos próprios crocodilos, que dizem leva êsse rio. Há umas que dão em ter dons ; outras que se prézam de nobilíssimas (e praza a Deus que não seja por afinidade). Muitas que se vendem por filhas bastardas de fulano, e fulano, as quais (se o são) sendo mal criadas ao bafejo das mães, são pouco a propósito para bôas criadas ; algumas que se introduzem por descasadas ; algumas que se lhes foram há tantos anos seus maridos para a Índia, e nada daquilo é seguro, e apenas é certo.

Estas costumam ser discretas músicas, comedian-

tas, sabem fazer toucados extravagantes, bordadoras, costureiras, e com o cêvo das bôas habilidades enfeiticam as senhoras, que mal advertidas daqueles laços, que na aparência se encobrem, caem fàcilmente em seus enredos ; são as logo mimosas, e queridas ; erguem-se de repente sôbre as mais ; anda a casa revôlta, e ainda êste é o menor inconveniente. Contam histórias á suas amas, mostram-lhe às vezes a facilidade de vencer um impossível ; alegam-lhes com casos passados ; e finalmente são como sarna da honra, que sendo uma ruim e asquerosa doença, passa por gôsto, e dana com graça á pessoa que a padece.

¿ Era para cuidar, se convinha servir de pessoas de grandes partes ? Quando elas fôssem conhecidas, muito bom seria. Vemos contudo, que nestas há o maior perigo ; porque a fortuna tem guerras apregoadas com a natureza : sempre uma desfavorece a quem a outra favorece.

Acho-o com agudeza, e razão aquele meu amigo, que escreveu ; eram os quatro costados da doudice, a música, a poesia, a valentia, e o amor ; não porque tudo isto deixe de ser muito bom, mas porque porventura por ser tam bom, jàmais se concedem estas bôas partes (e outras como estas) sem a pensão de um juizo leve, as mais vezes arriscado, e não poucas defeituoso.

Quando a mulher tenha desejos de receber em seu serviço pessoas assim semelhantes, oponha-se-lhe com suavidade seu marido. Faça-lhe entender que as rendas se vendem na capela, os toucados se fazem no paço, e tudo o que custa dinheiro é mais barato : que a trôco de viver com receio, ou ocasião, nenhuma cousa é bôa.

Convém para criadas as filhas das que o foram, e que tem feito prova do amor, e da lealdade : as vassa-

las (que as tiver), as vizinhas, e gente de antigo conhecimento ; e tôdas daquela esfera de gente, que sem vergonha de seu estado, pode, e deve servir, e de quem seus amos, sem pejo nem vaidade, podem, e devem ser servidos.

Uma casta de mulheres que há pelo mundo, que são entre hóspedes e recolhidas, tam pouco levará o meu voto. Muitas senhoras folgam de valer a estas tais com autoridade de sua casa. Não sou contra o bem fazer ; mas incauta seria a piedade de quem tirasse do lume os carvões acesos, porque se não gastassem, e os metesse no seio para que lho abrasassem. Todavia não é geral esta regra, que pode pela prudência do marido ser alguma vez dispensada.

Contra a antiga modéstia portuguesa, introduziu o costume que as criadas andassem no mesmo trajo que suas senhoras. Ajudam-se de outra astúcia, metendo em cabeça às pobres amas, (a quem com tais persuadições deixam mais pobres) que a honra de minha senhora está em fazer suas criadas mais lustrosas que a si mesmo, e lhe apontam que veja a aquela, e aqueloutra, que não é tanto como ela, e veste as criadas tanto melhor que ela.

Pode assim acontecer cada dia, segundo a igualdade dos trajos, não se saber qual é a ama, ou a criada, com muito mais ocasião do que dizem que a teve certo caseiro de um fidalgo noivo muito mancebo, que entrando com um presente na câmara onde jaziam seus amos, e não distinguindo qual fôsse êle, ou ela (a quem as crenchas faziam semelhantes, e as barbas não dessemelhavam) perguntou simplesmente qual dos dous era, ao serviço de Deus, o senhor noivo ? porque a êle queria dar seu recado. ¿ Quantas vezes puderam hoje outros

mais práticos, vendo as senhoras, e as casadas do costume, perguntar qual era a senhora ama?

O menos perigo que aqui há é o excesso, e desordem do gasto; que contudo é tamanho, que em verdade, se se medir a ânsia e trabalho, em que vivem muitos amos para sustentar a vaidade de seus servos, que bem maior trabalho passam os senhores por serviço de seus criados que os criados pelo de seus senhores.

Mas tornando ao fausto, e escusado adôrno das criadas, mostra bem a experiência os danos que êste costume traz consigo. Elas vendo-se assim majestosas, logo sobem de pensamentos, e tratam de aproveitar aquele bom tempo, mostrando-se, e deixando-se vêr, e procurando haver por tais meios algum estado, que, em sendo havido por elas, e por aqueles meios, soe ser sempre bem ruim.

Seja o marido Almotacel, que taxe as galas de sua família; às criadas consinta tôda a limpeza, mas não tôda a louçainha; diference-as o trajo, como o ofício.

Não se lhes chame damas, nem se lhes consintam galanteios: cousa moderna, e bem escusada. Fique-se essa permissão para a casa de el-rei, donde o mêdo do castigo, e a fôrça do decoro, suprime a malícia, que alguma vez se desaforou tanto, que venceu o mêdo, e se revelou contra o decoro.

Em parentes de criadas muito solícitas (e também em parentas) haja grande tento. Primos, e cunhados, que não forem muito conhecidos, falem de fóra, e, se não falarem, ainda darão menos em que falar. Curas que se vão fazer a casa de irmãs, e de tias, são enfermidades. Visitações, ainda com dona vélha à ilharga, tem seu risco.

Amizades especiais entre esta gente, são dignas de

cento ; segredos perpétuos induzem suspeita. Evite-se-lhes que se chamem umas às outras com nomes que inventa a sua ociosidade, como : meu marido, minha avó, minha comadre ; ou também, amores, cuidados, pensamentos ; porque tudo isto, quando de presente não seja mau, é a meu juízo um jôgo de espada preta em que o vício as exercita, para que depois as tenha dêstras para qual mais sanguinho desmancho.

Mas nem por isso aconselho aos amos o que Maquiavelo aos príncipes, a quem persuade revolvam os criados, para que não havendo algum que seja fiel ao outro, não sejam todos a êle. Vele-se o casado quanto puder; porém não espere por ruins meios a concórdia, que se não alcança (se se alcança) senão na casa pacífica, e concertada. Não quero pôr em cêrco estas mulheres, nem negar-lhes o lícito ; aponto onde jaz o perigo, para que dêle se desviem, pelo cuidado do senhor da casa, a senhora, e as criadas dela.

Sobretudo, convém que o senhor procure ser benquisto de suas criadas, e as trate para êsse efeito com a benignidade possível ; acuda por elas na semrazão que lhes fizer sua ama, se lha fizer. Não se particularize por nenhuma: fale, e procure por tôdas. A liberalidade, pelo menos a galantaria, ajuda a isso muito ; dando-lhes de quando em quando o que dêle não esperam.

Verdadeiramente, senhor N., que podemos afirmar, que assim como entre a cabeça, e mais partes do corpo humano, convém que haja grande conformidade para que vivamos com saúde ; assim também entre o senhor da casa, e os familiares dela, convém que haja concórdia, para que se possa viver com gôsto, e quietação. E da mesma sorte, assim como os humores mais sutis, e delgados, são os que primeiro se revolvem, e corrom-

pem ; assim as mulheres são as que primeiro dão causa a qualquer movimento; por donde é necessário viver com elas muito regrado, porque senão destemperem, adoeçam, e matem o contentamento.

Agora peço eu a v. m. por prémio do risco a que me pus em falar tam livremente, que v. m. leia, e guarde só para si êstes avisos ; porque por mais que o meu estado seja já isento dos perigos de sua indignação, todavia os passados danos fazem como ainda agora tema, e as tema.

Pelo que tenho dito das criadas, se podem tirar alguns documentos para os criados. A primeira observação àcêrca dêles, seja que a nenhum se trate de maneira que à sua própria senhora dê cuidado: cousa que não poucas vezes acontece. Quando êste favor é indiscreto, cuidam as mulheres que os criados servem a seus amos em ruins ofícios ; e particularmente se cansam com aqueles da antiga obrigação dos maridos, como antigos obreiros de suas mocidades.

Se tal sucedesse, seja o casado fácil em persuadir a sua mulher, que a trôco de que viva satisfeita, lhe será leve desviar de sua valia, e ainda de sua casa, êsse criado. E faça-o, se convém, porque neste caso a resistência é constelação das contrárias suspeitas. Eu fico que a bem inclinada, e amante de seu marido, se contente com saber lhe é possível despejar-se daquele enfadamento, quando lhe põe em sua eleição o remédio.

Sucede muitas vezes às mulheres, o que aos potros, que melhor se governam quando lhes dão a rédea, e cuidam que podem ir à sua vontade, que quando lha recolhem, e mostram que vão à vontade alheia.

Não é cura para a mulher a raiva, e acinte ; e assim se deve usar com elas de brandura, e cortesia. Se admi-

tíssemos para entre os casados algum artifício, dissera ser bôa regra para a mulher, mostrar-lhe que com o marido podia tudo, sem que pudesse realmente mais do que fôsse razão.

Saiba, todavia, a mulher sisuda, que deve honrar a quem seu marido honra; e o homem honrado, que a ninguém deve dar aso que a sua mulher perca o respeito.

Não se nega que a um, e a uns criados possa ter o senhor melhor vontade, segundo o que cada qual se avantajar em serviços, e merecimentos. A regra geral dêste negócio é que de se favorecer o criado que muito merece, ninguém se escandaliza; de vêr acrescentar sem ordem aquele, que todos conhecem por inútil, todos suspeitam mal. Isto é nos senhores, isto nos grandes, isto nos reis.

A escolha de criados, sendo sempre necessário que se faça com consideração, o é mais para a casa dos casados. Os que se prezam de valentes, são ruidosos; os músicos, inquietos; os namorados, infieis; os lindos, impertinentes. Homens limpos, bem criados, amigos de honra, são a propósito; e estas suas melhores partes.

Taxe o número à fazenda (como já das criadas se tem dito). A razão pede uma contínua igualdade na casa do homem sisudo. Nesta parte dispensára fàcilmente, quando a ocasião requeresse contra a igualdade. Bodas, filhos, cargos, alegrias públicas, pedem vantagem na família; que tam pouco passado aquele tempo seria defeito aguarentá-la, e o seria passar por estas cousas sem algum novo luzimento; porque o mundo, com quem vivemos, como tomou o sabor dos pensamentos dos homens, não julga aquela temperança por prudência, senão por avareza.

Lembra-me acêrca disto uma cortesania. Achei-me em uma côrte ao tempo que um rei mandou certa embaixada ao imperador. Era prudentíssima a pessoa que a levava, nada quis crescer no esplendor de sua casa. Notava-se por culpa, esta mediania entre os ministros. E porque el-rei expedira o negócio estando doente, diziam os travessos que S. Majestade mandava em seu nome aquele embaixador de tal maneira, por haver feito voto de ir descalço a certa casa de devoção em Alemanha, se Deus lhe desse saúde.

O mesmo que do número direi do trato. O interior, e das portas a dentro, sempre convém que seja suficiente. A gente de não grandes pensamentos, nada tanto a satisfaz como o bom pasto, que é felicidade, ou trabalho que padecem duas vezes ao dia; o exterior das portas afóra, por que entendo o vestido, pode (como já disse) segundo os tempos, crescer, ou minguar.

Particularizando mais êste ponto: Tenho por grande prudência o dar tinelo aos solteiros; comem, e andam limpos. O dinheiro é ocasionado: jogam, e o gastam mal, depois padecem. Êste é o perigo dos que são grandes; e o dos pequenos, diga-o o que aqui dizia um fidalgo cortesão (vá por conta da chaminé): que nunca tivera pagens sem sarna, senão depois que dera em os fazer dormir na cama com as donas de sua mulher.

Mas que seja tornar a isto: Contava-me um grande prelado de certa religião mui reformada, que sempre trazia os seus frades famintos, porque não cuidassem em outra cousa, senão em comer melhor. Os criados se devem tratar às avessas, porque, andando bem mantidos, são melhores os seus pensamentos.

Temos assentada a família, e posto ao casado sua

rasa. Digamos alguma cousa da mulher; e depois apontaremos como deve usar de tudo.

X

A espôsa

Meu ânimo (segundo já deixo dito) não foi aconselhar como deve casar-se; que o acêrto de v. m. me livrou dêsse trabalho; podendo por êsse exemplo aconselhar a todos como era bem que casassem; se forem tão venturosos que assim possam.

Para o que já casou, e supomos bem casado, é que ajuntamos aqui estas advertências.

Perguntou alguém, algumas vezes, se seria lícito deixar usar a mulher própria daquelas bôas partes de que a dotou a natureza; como o cantar, o dançar, e ainda o fazer versos, e outras semelhantes prerrogativas, que em algumas se acham, e em muitas pudera haver, se o receio as não suprimisse.

Certamente, que se v. m. me fizera esta pergunta, me vira eu em grande enleio; porque o aniquilar em qualquer pessoa as perfeições que Deus lhe deu, impiedade parece; fazer-lhas exercitar naqueles limites que a prudência requer, parece impossível.

Dizia a êste propósito a princesa de Roca-Sorion em França, que foi discretíssima, e não bem casada: Que das três potências com que entrára em poder de seu marido, duas lhe tomara êle, e lhe deixára uma só, que ela lhe dera bem fàcilmente. Porque nem a potên-

cia do entender, nem a do querer tinha já; e só lhe ficara a memória de que as tivera em algum tempo, para sentir mais a pena de se vêr agora sem entendimento, nem vontade.

De tôdas as graças das mulheres, a graça é a que tenho por mais perigosa; porque para se usar dela, necessita de menos aparelhos; sendo, a meu juízo, esta graça a mais perigosa desgraça.

Cantar a mulher a seu marido, e filhos, se os tem, cousa parece lícita, e o seria o dançar alguma hora na sua câmara, enquanto a idade lhe permitisse essa alegria. Não louvo o trazer castanhetas na algibeira, o saber jácaras, e entender de mudanças do sarambeque, por serem indícios de desenvoltura.

Mas, aquilo de ser engraçada, e aguda na visita, na Igreja, no côche e no paço, traz grandes inconvenientes consigo, e dificilissimos de atalhar; porque das cousas a que se segue aplauso, bem ou mal ganhado, ninguém se arrepende.

Vele-se disso seu marido; e, se com ela acabar a emenda, creia que fez muito; porque dêste mal nunca vi a nenhum doente convalecido.

XI

Costumes da côrte

Somos entrados na máquina dos costumes da côrte, senhor N. Em grandes receios estou que comece a não saber o que digo, se já o não tenho feito.

·· ¿ Quem dará têrmo a visitas, a merendas, a jogos, a romarias, a camaradas, a comadres, a amigos? Vira-lhes eu têrmo, e fôra dado por quem fôra.

Senhor, há aí umas cousas, que não são bôas, nem más ; e só as faz bôas ou más o costume. Há outras, que de si não são bôas, e por mais que se costumem, sempre são más. Há outras, que são ruins ; mas que o costume as tem já feito sofríveis. Folgara eu muito que v. m., pois é discreto, me dera por adivinhado, sem me fazer declarar quais são umas, quais outras, que eu declararei por muito comuns exemplos.

Quero lisonjear as mulheres. O uso dos seus guarda-infantes, e cousas desta maneira, ponha entre aquelas, que de si não são más, nem bôas, e o costume lhe dá o ser, ou lho tira. Eu vi andarem as Francesas com semelhante trajo, a que então chamavam verdugadins ; parecerem muito bem, e não lhes ser estranhado. Depois as vi sem êles, e parecerem da mesma sorte. Quando estas cousas se usam, se estimam dignas ; e, quando não, se estimam indignas. ¿ Pode mais ser ? Eu tenho na minha livraria um livro feito por Alonso Carrança, contra as guedelhas, de que diz cousas abomináveis ; e tenho outro feito por Pedro Méxia, em que não cessa de chorar o vêr os homens trusquiados. A razão disto é o uso, que no tempo de um costumavam os cabelos grandes, e parecia vício, e abuso raparem-se os homens ; e no de outro costumavam cabelos rasos, e parecia desonestidade trazerem-se crescidos. Estas tais são as cousas, que não sendo más, nem bôas, o uso as faz bôas, ou más.

Em Flandres (e mais em Alemanha) é acto de galantaria, singeleza, amizade, e bôa lei, beberem os homens tanto, que perdem seu juízo. Mas êste tal cos-

tume, não pode desmentir, nem honrar o vicio que há nêle; porque aquela demasia é de seu natural injuriosa.

Os antigos quebravam o jejum com qualquer outra cousa que comessem fóra daquela hora, em que lhes era permitida a refeição. Veio o uso, e fez consoar, e pode tanto, que ficou por um uso. Aqui ajuntamos as consoadas do Natal; e por ir mais longe, os miúdos de Castela, que tudo foram introduções, sem alguma concessão, ou direito; porém já, calificadas pelo inalterável consentimento, se fizeram toleráveis, e perderam o nome de vício.

Eis em bem claro modo, os três modos do poder do costume. Mas deixemo-las com os seus guarda-infantes, que êles virão a ser maus (se agora ainda o não são) como elas acharem outro trajo de que cuidem as faz mais airosas. Deixemo-las com suas visitas, romarias, e jornadas; que ainda que não era bom, já o uso lhe comunicou seu privilégio. Porém jogos excessivos, banquetes descompostos, vindas fóra de horas, amizades com porfia; as compreendidas (se as há) dêem licença, porque eu me resolvo a dizer a v. m. e a todo o mundo, que estas tais são daquelas cousas que nenhum uso pode fazer decentes.

Conhecendo-se que é mau, procure-lhe o marido cedo o remédio, antes que se aposse da pessoa. Consiste na ociosidade, e apetite; trate de dar o remédio à ociosidade, ocupando-a no honesto trabalho do govêrno de sua casa; e ao apetite, encaminhando-lho a outro emprêgo de mais honra, e proveito; qual seria, que tenha apetite de viver em paz, e confiança com seu marido, certificando-se-lhe que de outra maneira lhe será impossível.

Ouvi já dizer a um príncipe, falando-lhe uma pessoa de grande respeito por um criado, a quem aquele príncipe havia descomposto : Deixai-o, deixai-o estar em minha desgraça, que primeiro que o castigasse com ela, lhe roguei muito que me tomasse por amigo entre os mais por quem me deixou, e nunca quis senão deixar-me por seus amigos.

Êste tal requerimento deve com mais razão fazer o marido a sua mulher, e quando ela não convenha nêle, outro tal castigo lhe merece.

É cousa rija que a senhora de casa, de tudo seja amiga, senão de sua casa ; como acontece a aquelas, que ou perdem a casa, porque nunca estão nela ; ou porque o estar nela as ajuda a que a lancem a perder.

XII

Govêrno doméstico

Disse que seria bom ocupar a mulher no govêrno doméstico ; e é bom, e é necessário, não só para que ela viva ocupada, senão para que o marido tenha menos êsse trabalho.

Cousas tão miúdas não é bem que pejem o pensamento de um homem ; e para os da mulher são muito convenientes. Pergunto : ¿ Não se rira v. m. se vira ir um elefante carregado com um grão de trigo na tromba ? Sim, por certo ; e logo louvára a Deus se o visse levar no bico a uma formiga. Diz bem por isso o rifão : Do homem a praça, da mulher a casa. Os maridos que

em tudo querem mandar, são dignos de repreensão, igualmente aos que não querem mandar em nada.

Enfim, snr. N., fique assentado, que o gasto ordinário convém que se entregue à mulher pela contentar, pela ocupar, pela confiar, por lhe dar aqueles cuidados, por lhe desviar outros.

Se o faz como é razão, ¿ que maior ventura ? Fará conta o marido que achou um criado tam bom como êle, e tam fiel, que o serve de graça. Se o faz menos bem, ainda é mal bem tolerável. ¿ Quanto melhor será que o desaproveite a mulher que não o criado ? Que ela sempre errará contra sua vontade, ou pelo menos com vergonha ; e o criado pode ser que muito por sua vontade, e sem nenhum pejo, desacerte.

As casas da gente ordinária soem ser melhor governadas ; porque infalivelmente guardam esta regra : um traz, outro aproveita.

Dissera eu que à mulher se entregasse uma tal porção de dinheiro, que pouco excedesse o gasto quotidiano. Não por exercitar com ela alguma avareza ; porém, porque tenho por sem dúvida não convém às mulheres demasiado cabedal. Costumam gastar sem ordem aquelas que sem ordem recebem.

Diga-lhe o marido, que êle se oferece para seu escritório, que acuda a êle quando lhe falta o dinheiro, como pudera a uma gaveta de seus contadores ; e faça-lho assim certo. Leve-a pela vaidade de grande govêrno ; mostre espantar-se do muito a que chega sua indústria. Não se vê o bom alfaiate onde há muito pano, nem o bom cocheiro nas ruas largas. Eu fico que se a mulher é gloriosa, para o seguinte mês, gaste um têrço menos.

Para que lhe não seja molesto o pedir-lhe contas.

dê-lhe contas seu marido daquilo que gasta, e corre por sua conta. Mostrar-lhes confiança as obriga a que façam o mesmo.

Estas contas de fazenda entre casados, não seria eu de parecer que jàmais se ajustassem, nem levassem ao cabo; seja só reconhecimento, que na mulher haja ao marido. Tira-se daqui uma grande conveniência; a qual é, que a mulher está sempre como quê não é senhora disso mesmo que possui. Igualmente convém que gaste a mêdo, e goze a mêdo; mas jàmais seja despojada do que logra; porque então agradece, como que lhe deram, aquilo que lhe não tiram.

Agora inventou a cautela outras cautelas contra esta bôa política, ajustando-se logo nos contratos do casamento (especialmente entre pessoas poderosas) os alimentos que hão-de dar os maridos a suas mulheres, durante o matrimónio. A quem o prometeu assim, aconselharei que o satisfaça; a quem o não prometeu, aconselharei que o não faça.

Não é, a êste propósito, pequeno o inconveniente que há quando se casa com filha herdeira; as quais com maior razão pretendem ser senhoras do que é seu, e ter na governança de seus bens maior mão que seus maridos; donde lemos haver algumas discórdias entre o Rei D. Fernando, e D. Isabel. Quando a mulher tal pretendesse, certifique-a seu marido, que quem é senhor da pessoa, e da vida, o é também da fazenda. Quem deu um anel de diamantes em uma caixinha de veludo, que não desse também a caixa, como deu o anel!

XIII

O trajar

Não há para que me detenha no modo de vestir-se; vista-se conforme sua idade, mude-se com ela. Tem-se nisto respeito aos filhos, à saúde, ao gôsto, à presença, ou ausência do marido, e também à idade dêle. Se o houvéssemos de regular, parece que até aos três filhos, e até aos vinte e cinco anos se permite tôda a gala. E ainda nesse mesmo tempo tenha suas crescentes, e minguantes; que nos mesmos altares de Deus se mudam as côres, e adornos, e vez há em que se mostram tristes. Aborrece-me umas maias muito enfeitadas sempre de bordados, e jóias, que parecem Fama de procissão, ou Rainha Moura de comédias. Seja mais confiada em si a formosura, se são formosas; e mais reportada a fealdade, se são feias.

Dizia um marido galante a sua mulher, destas muito arraiadas: que em a vendo daquela sorte, lhe fazia mais devoção que amor; porque aquele seu andar, não era andar vestida, senão revestida.

Outras há, que são uma perpétua pastilha, e uma caçoula perene. Muito conforme cousa é com elas o cheiro; mulheres, e perfumes, tudo são fumos. E se êles fôssem bem adubados da discrição, eu fico que recendessem mais ainda. Confesso que nunca fui desafeiçoado ao concêrto das casas, e das pessoas, como por concertá-las se não desconcertem. Lembra-me haver ouvido, e lido (tudo conto com pouco aplauso meu) do

Imperador D. Fernando o segundo, pai do que hoje impera (se êle impera) que não quis dormir em uma câmara, porque lha tinham perfumado. Se foi achaque de natural repugnância, é desculpável; se não mais que hombridade, não vi eu maior impertinência. Há quem diga que foi religião; porque dizem, tinha D. Fernando para si, que os cheiros eram só devidos a Deus. Do nosso rei D. Sebastião também contam, não ser muito caroável de cheiros. Não sei como isto é, porque, como eu sempre ouvi chamar reais a tôdas as cousas bôas, cuidava sermos obrigados a crer que tôdas as cousas bôas eram reais; eram, digo, aceitas e dignas dos reis. A experiência mostra alguma vez que essa regra não é infalível. Contudo, se tem por certo sinal de um bom espírito ter inclinação para tôdas as cousas bôas. Não sei se nestes perfumes das mulheres entram tantas filosofias; mas ainda que não sejam virtude, contentemo-nos com que não sejam vício.

XIV

Regalos caseiros

Direi dos regalos, dores, e conservas o mesmo; se bem êstes géneros, como mais necessários, em razão da saúde, da caridade, e da grandeza (que tudo é necessário) não devem faltar nunca, como por acudir a êles se não falte a outras cousas mais necessárias.

Contudo me parece conveniente deixar cevar (digâmo-lo assim) as mulheres nestas suas curiosidades

femeais: serem prezadas de melhor marmelada, bôas caçoulas, consoadas pontuais, lavores esquisitos, pano delgado, e cousas semelhantes; que verdadeiramente as que se enfrascam nestes negócios caseiros, não lhe lembram outros, e êste é louvável.

Debaixo da mesma lei compreendo os adornos, e alfaias de casa, julgando-a uma excelente ocupação a da senhora que dela trata; e a seu marido louvarei muito, que em tal exercício a ajude sempre. Honram, alegram, servem; e enfim é tesouro que se faz para as filhas, e em que se ganha às vezes mais que em mandar encomendas à Índia; porque para levantar o falso testemunho de um dote de tantos mil cruzados, não há reposteiro vélho, nem tapête que não valha a cento por cento.

XV

Visitas

Visitas que se fazem, e que se recebem, é um largo pégo. Já atrás deixo tocado nisto, mas não à minha vontade. Muito havía aqui que advertir, mas nem tudo é para papel, e tinta. Por certo, que não deixarei de contar o que me contava um homem discreto, e não bem casado, que havendo-me dito muitas queixas de sua mulher, rematou com esta, por tim de tudo: E vê v. m. isto? Pois o que mais sinto dela, é ser muito bemquista. E de verdade as muitas amigas é cousa para dar cuidado, porque nem tôdas podem ser como hão-de ser as amigas.

Uma cousa que antigamente entre as amigas se chamava púcaro de água, passou a ser merenda, e de merenda a banquete ; e de banquete tem já subido a tanto, que se lhe não acha nome, ou pelo menos não lho quero eu dar. Não sei como seja bôa amizade, andarem-se destruindo as amigas umas às outras, empenhando as casas com excessos, desgostando os maridos com petições impertinentes, de perigoso, e de impossivel despacho. Se esta demasia se encaminha a mostrar amor, certamente indigna à a amizade que tem a gula por seu fim ; se a ostentar grandeza, ¿ como se pode conseguir a grandeza pelos meios que se alcança amizade, que entre todos os porque se alcança, nenhuns são tam próprios como o gasto desordenado ?

Havia adoecido um fidalgo de pena de se vêr empenhado sem propósito, pelos despropósitos com que sua mulher gastava o que não tinha ; e como, estando com grandes febres, visse em casa um prato de cidrão mole, com que apesar de sua careza, a mulher se servia de ordinário nestes seus convites, dizem que disse o pobre doente : Dai-me cá aquele cidrão, que o quero comer todo. Requeria-lhe a mulher que tal não fizesse, porque o cidrão era fogo para quem se achava naquele estado. Respondeu então : Bem sei que é fogo, que bem abrasado me tem ; mas deixai-me vêr se acaso tem o cidrão a virtude do cão danado, cujos cabelos, se os põe na mordedura que êle fez, dizem que a sara logo. Nem andou menos discreto um criado, que perguntando-lhe certa pessoa, que fazia seu senhor, porque o queria ver ; êle lhe respondeu agudamente : Meu amo não está para vêr, porque o está merendando minha senhora com as senhoras suas amigas.

XXI

Murmurações

Faça o marido de quando em quando uma estação a sua mulher; admoeste-a, que nem no seu estrado, nem em o alheio apóde ninguém; cousa muito certa, e de que as apodadas, sendo mulheres, se cansam assaz, e também apódam; e de que, se homens, logo lançam mão para queixas, ou agradecimentos. Que não desenrole os cuidados alheios, se fulano olha, ou se passeia a fulana. Parece cousa imprópria, que uma senhora, que não é bem que saiba mais que de si, e sua casa, traga registados os pensamentos do outro. Nunca a algum homem dos do lugar em que viver, louve, ou injurie. É nas mulheres êste diverso efeito (de ordinário) procedido de uma própria causa. Daqueles de quem muito mal se diz, e daqueles de quem muito bem se conta, julguei sempre um igual mistério; e foi o pior que nunca me enganei nestas sentenças. Deve ser a prática das mulheres, do seu lenço de amostras, do ruim tempo que vai para curar pastilhas, queixar-se das criadas, e ainda para que se queixem dos despegos de seus maridos, lhes dou licença; ainda que lhes levantem falso testemunho.

E porque sei que hão-de pedir maior comarca para sua conversação, me parece que lhes podemos conceder, que possam até estranhar o bem, ou mal feito vestido que traz D. Fulana: e quando muito, chegar a não

lhe parecer bem as côres, de que o betou, contanto que lhas não interpretem.

XVII

Amizades

Torno às amigas, e reparo muito, que em nosso bom português, com muita razão, de amigas inimigas quási não vai diferença. Sou tam ruim, que creio que muito mais dano fizeram amigas no mundo, que inimigas. E assim costumo eu a dizer, que aos homens perdem seus inimigos, e às mulheres suas amigas.

Tenha-se que devem ser as melhores; e estas não tratadas com porfia; basta que seja sem artifício. E esta tal amizade assento eu em especialidade, e cumprimento. Isto com as mais amigas.

XVIII

Freqüência do Paço

Trouxe-nos Deus agora (com todo o mais bem que veio a êste reino) um novo Paço e Côrte; e porque da do tempo passado nos não lembramos os que vivemos agora, mal poderemos governar estas acções por aquelas antigas. A côrte portuguesa era bem freqüen-

tada, bem galante, e bem luzida, mas de grande recolhimento.

As idas ao Paço são devidas, justas, e bôas ; as vezes devem de ser contadas. Nascimentos de infantes, bodas, festas de entre ano, achaques de príncipes, sua saúde, novas notáveis, e pouco mais que isto. O ir só, não é elegante ; seja a companhia sempre bôa, mas não de pessoa maior (salvo a primeira vez) cuja autoridade some o agasalho, que cada um deseja de achar na graça dos reis, em suas casas, e em as de qualquer hóspede.

Acontece que muitas mulheres muito para isso, começam a cobrar (vãmente) fumos de bem vistas das raínhas, e princesas ; a que, sem algum fruto, se segue grande inquietação. E sucede mais, que para dourarem sua ligeireza, se hão com os maridos como dizem que fazem os negros dos mercadores, que em indo por onde querem, tapam a bôca aos amos com dizer-lhes que foram ouvir missa. Vem muitas vezes a ser o lícito capa e manto do ilícito. Com achaque de que vão ao Paço, se gasta o tempo em ociosidades, e a casa se desgoverna.

A mulher principal basta-lhe que a sua raínha a conheça. Em melhor conta a terá quando vir o siso com que procede, as poucas vezes que a vir. O correio extraordinário a todos alvoroça, quando chega ; o correio ordinário vai e vem, sem ninguém fazer caso dêle. Às pessoas de fóra do serviço dos príncipes, é custosa, e arriscada a pretensão de seu favor. Punha um grande cortesão o servir às damas, e aos reis, com o uso do limão, e da laranja ; que o limão quere que o apertem muito, e então dá melhor sumo ; a laranja se quere espremida muito a de leve, porque logo amarga em se apertando. As damas querem ser assistidas ; os reis vis-

tos à bôamente. Por isso já disse alguém, que os príncipes, e o fogo, se queriam tratados de longe, porque perto queimam, e longe alumiam.

XIX

Festas

Ser mui pontual em tôdas as festas, certo que é grande fadário. Aquelas das igrejas, que entre nós são mais freqüentes, ninguém pode duvidar que seja lícito acudir a elas ; mas nem tôdas as cousas lícitas são sempre convenientes. Dê-se-lhe confiança bastante à mulher para crêr que pode ir a tôdas as festas, mas com amor, e cortesia se lhe mereça que não vá a tôdas.

De uma que não lhe escapava alegria, em que se não achasse, dizia um : A senhora fulana péna em glória. Porque verdadeiramente parece um novo género do purgatório não haver festa, onde a mulher não queira ser presente. Perguntavam a um casado, onde fôra sua mulher à missa, e êle dizia : Onde ouvir charamelas. Eu conheci em Castela uma titular vélha, e graciosa, e por extremo honrada, que quando se metia no côche, e lhe perguntavam o cocheiro, a onde ? Respondia : *A donde huviere mas gente.*

XX

Cachorrinhos e outros bichos

Ora já que vou tam miúdo, hei de me aventurar um pouco mais ; servirá de alegrar a melancolia, que até aqui guardamos. Senhor N., não sou de cachorrinhos enfeitados, que sempre tem nomes misteriosos. Já me sucedeu em uma igreja vir-me perguntar um pagem esbaforido, se vira eu por ali o cuidado da senhora D. fulana, que andava perdido : e perguntando qual era o cuidado daquela senhora, que pudera bem ter outros, achei que era um cachorrinho daquele nome. Papagaios, saguins, são praças mortas, mui escusadas, e que as mais vezes induzem ligeireza. Senhor meu, os mineiros pelas ervas, pelas flores, que dá a terra cá por fóra, conhecem logo qual tem ouro lá dentro, e qual não tem ouro. Tanto podem os sinais exteriores.

Vou estando tam impertinente, que nem pássaros hei deixar. Roussinol de todo o ano, que canta de noite, e dizem logo que faz saüdades, ¿ de que serve ? ¿ De que servem saüdades estando o marido em casa ? Não convém que haja saüdades neste tempo, nem que se conheçam. Negrinho, negrinha a que se digam requebros ; enjeitadinhos graciosos, vilões simples (que às vezes não são simples) vestidos de côres, que se chamam Dons fulanos, entram, e vão por donde querem, não quisera eu que entrassem, nem fôssem por casa de v. m. Tudo isto na minha má opinião é repreensível ; e folgara de o ver longe das portas de meus amigos.

Juro a v. m. que tôda a vida me enfadaram as damas dos livros de cavalarias, porque sempre as achava acompanhadas de cachorros, de leões, e de anões. Tam inimigo sou destas tais sevandilhas, que nem em livros mentirosos as sofro ; ¿ veja v. m. que será nas cousas verdadeiras ? Mas o que é humor, ou capricho meu, não é razão que se assente por regra geral. Seja advertido para quem tiver outro tam mau gôsto.

XXI

Mulheres caseiras

Os castelhanos celebram muito as mulheres caseiras, que tratam do serviço de suas casas. Verdadeiramente êles as festejarão tanto, porque colhem lá delas tam pouca novidade, que vem a ser novidade o achar lá uma destas mulheres. Contudo ouvi da rainha D. Margarida de Áustria (mãe de el-rei D. Filipe que hoje reina) bordava ela, e suas damas, mandava vender sua obra, e aplicava para regalos das freiras da Encarnação seus ganhos, e cabedais. Ou como, por melhor exemplo, dizem que faz hoje o mesmo a rainha nossa Senhora, imitando as nossas antigas princesas, entre as quais foi neste virtuoso exercício sinalada a rainha D. Catarina, tia da sereníssima rainha nossa senhora, de quem se diz se dava tam bem neste honesto e piedoso trato, que enriquecia os mosteiros pobres do reino ; dos quais muitos guardam todavia singulares adornos, ou feitos

por mãos daquela santa princesa, ou ganhados pelo trabalho delas.

Não cansa a minha Margarida de Valois, rainha que foi de França, e Navarra. Chamo-lhe minha pela grande afeição que tenho a seus escritos ; e porque foi, a meu juízo, a mais discreta mulher de nossos tempos ; cujas acções de muitos caluniadas, eu espero brevemente defender no meu Teodósio. Não cansa, digo, esta entendidíssima senhora de encarecer o bem que lhe pareceu vêr desabotoar-se a condessa de Lalaim, estando à mesa com a própria rainha, a dar de mamar a um filhinho seu, que a seus peitos criava. Gaba a franceza grandemente aquela caseira acção da condessa, e diz : que nunca teve inveja a feito de mulher, como a aquele.

XXII

Mulheres ídolos, varonis, e sábias

Há umas mulheres ídolos, que ou são inutilíssimas, ou se prezam de o ser ; e só lhes pareçe que nasceram para ser adoradas ; e disso só querem servir. Ora eu me contento com que não façam mais de um serviço em suas casas. E seja êste. Sirva a mulher de ser senhora de sua casa, satisfaça as obrigações dêste seu ofício : que assaz fará de serviço a sua casa, a seu marido, se o fizer como deve.

Como o tomará v. m. se disser mal das varonis. Ó senhor N., eu me fundo em razão. Se eu tivesse por certo que o grande coração da mulher se houvesse sem-

pre de ocupar bem, bem lho sofrera ; mas em dúvida tenham mêdo de um rato ; desmaiem-se em vendo espada nua ; um trovão seja para elas um dia de juízo. Criou-as Deus fracas, sejam fracas ; oxalá façam o que são obrigadas, não lhes quero pedir mais que sua obrigação.

Já sei que desta vez ficarão de todo mal tôdas comigo. Não quisera discorrer pelo seu entendimento, nem dar regras a cousa que serve de dar regra às outras cousas ; mas pois me atrevi a oferecer preceitos sôbre o amor, que é ainda afeito mais livre, não temo já de os dar para o entender.

Hei-de estranhar por fôrça um dito daquele nosso tam nomeado, e tanto para nomear, bispo D. Afonso, que dizia : A mulher que mais sabe, não passa de saber arrumar uma arca de roupa branca. Nem sentirei melhor do outro que afirmava: Que a mais sabida mulher, sabia como duas mulheres.

Sou de muito diferente opinião, e creio certo há muitas de grande juízo ; vi, e tratei algumas em Espanha, e fóra dela. Por isso mesmo me parece que a aquela sua agilidade no perceber, e discorrer, em que nos fazem vantagens, é necessário temperá-la com grande cautela.

A êste seu juízo não se pode pôr lei alguma ; aos exercícios sim. Como se agora a um homem fôsse dada uma navalha de finíssimo aço, para que fizesse um feito ruim ; mas estando ela ainda em tôsco, aquele que lhe escondesse a pedra em que a queria afiar, fizera o mesmo que se lha tirasse da mão, e escusasse o malefício. Assim, pois não nos é lícito privarmos as mulheres do subtilíssimo metal de entendimento, com que as forjou a natureza ; podemos, sequer, desviar-lhe as

ocasiões de que o agucem em seu perigo, e nosso dano. Façamos nós. senhor N., o que podemos.

Nos cuidados, e empregos dos homens não se metam as mulheres, fiadas em que também tem como nós entendimentos, e em que a alma não é macho, nem fêmea, como alguma em seu favor alegava. Mas saibam os maridos que nem por esta taxa, que lhes ponho, é justo que a mulher sisuda deixe de dar a seu marido modestamente seu parecer ; nem deixa êle de ser obrigado a lho pedir.

Não cuide v. m. que me contradigo, ou arrependo do que tenho escrito ; declaro-me com um bom semelhante. Seja a mulher como a mão do relógio, e o marido seja o relógio. Aponte ela, e soe êle. Um mostre, outro resolva ; que andando desta maneira temperado o relógio, todos o crêem, todos o tem por oráculo. Não só se concerta a si mesmo, mas faz andar aos outros concertados. E ao contrário, se se desconcerta, também aos outros.

Oh ! como folgo de vêr uma mulher ignorar aquilo que não é razão saber ! mas que verdadeiramente o saiba. Acho grande perfeição quando erram aquelas cousas que lhes podiam pôr imperfeição, se as acertassem.

Entenda a mulher como mulher ; seja tal sua lição quando lêr ; sua prática quando praticar ; e tal o mesmo que se lhe lêr, e que se lhe praticar.

Pois comecei com os meus adágios, hei-de acabar com êles. Ouvi um dia caminhando, e não era êle menos que a um chapado recoveiro (veja v. m. que enjeitei os filósofos, para citar êstes autores) enfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim. O riso, e gôsto com que lhe escutei esta

engraçada sentença me faz agora lembrar dela ; não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que dana ; mas o que consigo traz de outros saberetes envolto aquele saber.

Já que estou ao fogo, e como desde êste logar falo a v. m., e v. m. me ouve, e me perdôa, irá outra não pior história. Confessava-se uma mulher honrada a um frade vélho, e rabujento ; e como começasse a dizer em latim a confissão, perguntou-lhe o confessor: ¿ Sabeis latim ? Disse-lhe : Padre, criei-me em mosteiro. Tornou-lhe a perguntar : ¿ Que estado tendes ? Respondeu-lhe : Casada. A que tornou : ¿ Onde está vosso marido ? Na Índia, meu Padre (disse ela). Então com agudeza repetiu o vélho : Tende mão, filha : ¿ sabeis latim, criastes-vos em mosteiro, tendes marido na Índia ? Ora ide-vos embora, e vinde cá outro dia, que vos é fôrça que tragais muito que dizer, e eu estou hoje muito de-pressa.

Tomára que as mulheres não soubessem de guerras, nem estados, nem procurassem por isso. Enfadam-me umas que se metem em eleições de governos, julgar de brigas, praticar desafios, mover demandas. Outras que se prezam de entender versos, abocanham em linguagens alheias, tratam questões de amor, e de fineza, decoram perguntas para gentes discretas, trazem memorial de motes dificultosos. Umas que dão significação ás ervas, que adivinham as côres, outras que as tem de sua tenção ; outras que examinam prègações, que lhes tomam palavras ; outras que as usam esquisitas, e falam por circunlóquios, que tem modos de gabar fóra do uso, que praticam ao som do meneio das mãos, ou do movimento dos olhos. Fóra, fóra tudo isto, que parece ficção. e nem verdadeiro, nem fingido é bem que seja.

Não me tenha v. m. por maldizente; mais vale que por proluxo. Mas em verdade, que tudo o que aponto é digno de ser lembrado.

Pedia uma dama a um seu irmão, homem discreto, que lhe desse uma letra para certa empresa sua, que queria mandar abrir em um sinete; respondeu-lhe: Minha irmã, deixai as empresas para as adargas dos cavaleiros andantes; as empresas, que haveis de mandar abrir, sejam chavões para fazerdes bolos a vosso marido quando o tiverdes.

XXIII

Mulheres palreiras, descompostas e muito risonhas

Falar sempre, é mau; rijo, é malíssimo; e em logares indecentes pior que tudo. Acontece que muitas que se prezam de discretas, respondem alto nas igrejas para que as ouçam, e aplaudam; entendem com as amigas, que lhe ficam longe, a fim de serem ouvidas. Também o suspirar á prègação, fazer gestos com a cabeça, como que lhe contenta o que se disse, rezar desentoado, compassar a música, são cousas que não houveram de ser.

Fale a mulher discreta o necessário, brando, a tempo, com tom que baste para ser ouvida da pessoa a quem fala, e não das outras. Comparou bem um entendido as pessoas com os sinos, que pela voz se conhece se estão sãos, ou quebrados. Escuso de mostrar como as palavaras informam do ânimo; porque assim como pelo correio que vem de tal parte, sabemos as novas

que lá vão, assim pelas palavras, que vem do juízo, sabemos o que lá vai.

Elas já sei que me terão por suspeito ; pois até os movimentos lhe hei-de medir. Uma das terríveis cousas que há na mulher é usar de meneios descompostos. Sei que nem tôdas podem ser airosas ; mas graves, tôdas o podem ser. Faz grande dano uma maldita palavra, que se nos pegou de Castela, a que chamam despejo, de que muitas se prezam ; e certo que, em bom português, despejo é descompostura. Outra explicação lhe ia eu a dar, mas esta baste. E claro está, que o despejo é cousa ruim, porque o pejo era cousa bôa. Nada disto se lhe perdôe : sendo, senhor meu, tam importante que êstes costumes exteriores andem concertados, como é a formosa frontaria a um nobre edifício, para que se tenha por nobre.

¿ Ora do riso que diremos ? Pois se elas tem bons dentes, e aquilo que chamam graça na bôca, e cova na face, ai lhe digo eu a v. m. que está o perigo. Há mulher destas, que rirá a todo o sermão da Paixão, como se fôsse ao de dia de Páscoa, sòmente por assoalhar aquele seu tesouro. Não disse Platão, nem Séneca, cousa melhor que o que disseram as nossas vélhas : *Muito riso, pouco siso.*

Longe estou de persuadir à mulher que seja melancólica ; porque antes a sempre triste induz pouca satisfação de sua vida. Alegre-se, e ria-se em sua casa, à sua mesa, e na conversação de seu marido, filhos, e familiares, deixe o riso em casa, quando fôr fóra, a modo da serpente que vomita a peçonha primeiro que vá beber, e depois que bebe, torna outra vez a recolher a sua peçonha. Venha par' casa, e tome a sua bôa graça.

XXIV

Leituras

Ainda fico com escrúpulo sôbre a lição em que muitas se ocupam. O melhor livro é a almofada, e o bastidor; mas nem por isso lhe negarei o exercício dêles Estas que sempre querem lêr comédias, e que sabem romances delas de cór, e os dizem às vezes entoados, não gabo. Outras são mortas por livros de novelas; tais pelos de cavalarias. Aqui é mais perigosa a afeição, que o uso. Bem vejo que se lhes pode permitir êste desenfado: mas seja com maior cautela a aquelas que excessivamente se lhe entregarem; visto que podemos temer se ama nêle antes a semelhança dos pensamentos, que a variedade da lição.

Não quisera que ninguém gostasse senão daquilo, de que era justo que tivesse gôsto.

Contarei a v. m. uma cousa que a meu pezar me lembra Caminhava por Espanha, e entrando em uma pousada bem cheio de neve, não houve algum remédio para que a hóspeda, ou suas filhas, que eram duas, me quisessem abrir um aposento, em que recolher-me; e quanto eu mais apertava, me desenganavam melhor de que nenhuma se levantaria donde estava, sem acabar de ouvir lêr certa novela, cuja história ia muito gostosa, e enredada. E tal era a sofreguidão com que ouviam, que nem ameaçando-as com que iria a outra pousada, quiseram desistir de seu exercício, antes me convida-

vam que ouvisse os lindos requebros, que Cardénio estava dizendo a Estefânia : que tudo isto rezava a bôa da novela. Enfim eu me fui apear a outra parte, e voltando em breve tempo por aquele logar, e perguntando pela curiosa leitora, e ouvintes, me disseram que muito poucos dias depois as novelas foram tanto adiante, que cada uma das filhas daquela estalajadeira fizera sua novela, fugindo com seu mancebo do logar, como bôas aprendizes da doutrina, que tam bem estudaram.

XXV

Beatarias e crendices

Somos entrados na santimónia, ou por melhor dizer, na beataria. Tenho cansado a v. m., quisera passar voando por aqui, mas hei mêdo que não possa. A matéria é das mais importantes; procure v. m. (mas que se force) ouvir-me com nova menção, que eu também renovando o cuidado, hei-de procurar de falar a v. m.

Muitas pessoas de grande porte, e excelente natural, a título de virtude, temos visto caír em vida desordenada. Nosso inimigo, o demónio há-se às vezes connosco, como um homem quando busca outro, que se topa em um caminho, e vê que vem para êle, ali o espera ; e se vê que se desvia para outra parte, então estuga o passo, e o segue até alcançá-lo. Às pessoas que vivem mal, muitas vezes lhes não sai ao encontro, porque sabe vem direitas para êle ; mas às que vivem bem, após dessas se lança com maior ligeireza.

A reformação dos costumes cousa é bonissima, e santissima. Tem porém nas casadas seu limite; de maneira que por se darem de todo a aqueles bons exercícios, não desamparem os da obrigação de seu estado; no qual Deus deixou virtude e santidade bastante para que, sem saírem dêle, se possam salvar todos, e tôdas, a quem compreende.

Andam pelo mundo espalhados uns homens, e mulheres, que fazem profissão de mestres de virtude, de que verdadeiramente nem são discípulos. A êste fim arrebatam, sem alguma prudência, os ânimos singelos, e piedosos das senhoras, e gentes principais, que às vezes guiam tam mal, como nos mostram mil exemplos, e como êles a si se tem guiado.

Convém que a casada tenha seu confessor certo; e êste seja pessoa grave, e conhecida, e daquelas religiões que mais florecem no logar onde viver. Muitas senhoras de grande estado vi confessar com os curas, e párocos de suas freguesias, que quando êles sejam homens doutos, e sisudos, julgo por excelente costume. Pois como até na eleição de confessor pode haver desacêrto, discreta resignação, e desconfiança seria não fiar de seu juízo cousa tam importante, e seguir aquela que a igreja tem feito, entregando sua consciência à pessoa a quem as entrega aquele a quem Deus, e seu Vigário as tem entregado.

Tenham as senhoras tôda a piedade, e compaixão dos pobres, e afligidos. Mas umas devoções a beatas, e beatos extravagantes, não levarão jàmais meu parecer. Senhor N., freiras veleiras, que não sejam as serventes dos conventos conhecidos, vélhas alumiadas, gentes professoras de novidades, que trazem orações, e devoções de tantos dias, com tantas candeias, e de tal

côr, porque logo Deus (como elas dizem) lhes mostra o que há-de ser, requeiro a v. m. que tal cousa não admita.

Galantemente o advertiu o nosso Sá nos seus Vilhalpandos, espelho de graça, e cortesania. Quando a vélha, que ensinava a matrona, mandasse nove môças em romaria com vélas de cera virgem para abrandar a condição do filho travêsso; torna a fazer a vélha aquela tam estremada lembrança: Ouvis, senhora; a cera das vélas convém que em todo o caso seja virgem; que as môças, quer o sejam, quer não. Tais costumam ser de ordinário aquelas suas devoções, tais as circunstâncias em que elas põem a fôrça de sua virtude.

Umas há, que chamam madres, que se prezam de dizer cousas em segrêdo: se se casará, se terão filhos, se será o marido governador de tal parte, se ficarão viúvas cedo; benzem enfermos, vão a Santo André, gastam rolos com seus nós todo o ano; afirmam que a alma do parente não esteve mais que três dias no Purgatório: guardar, senhor, de tudo isto, como do próprio inferno.

XXVI

Frades e freiras

Vejo que já me estão perguntando, ¿ como se haverão em o trato dos frades? Responderei com a resposta de um cortesão, ou aconselharei com o seu conselho. Dizia êste, sendo assim perguntado: Olhai, eu sou amicíssimo dos frades: se não são bons, não lhes quero dar ocasião em minha casa para que sejam piores; se são

bons, não lhes quero dar ocasião em minha casa para que o não sejam : de sorte que sempre os amo, e sempre os escuso.

Outro mais escrupuloso dizia, que em quatro partes lhe pareciam bem os religiosos : Altar, Púlpito, Confessionário ; e perguntando-lhe qual fôsse o quarto logar ? Respondeu : pintados.

Lícito é que o parente religioso veja a mulher de seu parente, ou sua parenta. Venha a casa, ajude a alegrar nas ocasiões de contentamento, e a consolar no desgôsto ; componha a discórdia, se aconteceu entre os casados. Que o mesmo faça o prelado da Religião, o homem douto, e virtuoso dela ; assista-lhes o marido, dê autoridade a suas visitações, que então fica a prática mais universal, e a visita mais solene.

Enfada-me (e é para isso) o modo de alguns homens, que em lhe chegando Frade, ou pessoa de que êles não gostam, à sala, já o encaminham para D. fulana, e por se verem livres da impertinência, ou petitório de alguns de tais mensageiros, lhos lançam à pobre mulher, como quem lança ôdre de vento a touro em que desbrave. É êste um mal considerado remédio.

Também o ser descortês com os religiosos, e estar como potro espantadiço, tendo mêdo de qualquer argueiro que vôa pelo ar, é andar muito por êle. A mulher se desconfia, vendo o pouco que fiam dela, escandaliza-se a casa, o senhor se afronta, e nada fica melhorado.

Reduzira, finalmente, as beatarias da mulher casada em ser muito amiga de Deus, e muito temerosa dêle. Estudar nas obrigações de seu estado. Ouça a missa no seu oratório à semana ; e, se ao domingo quiser ir à Igreja, é bem louvável. Vá, e não às de maior

concurso. Em dias de festa será conveniente acompanhar-se da parenta, e da amiga ; ir cedo ; e não entrar na casa de Deus com o mesmo estrondo que se entrára em uma batalha, destroçando, e atropelando o povo, que se queixa, e as murmura. Esta é manha de algumas senhoras, e não por certo bôa manha. Não seja a última que sáia, nem a primeira.

Tinha também que dizer a umas que comem nas Igrejas, para ficar para a tarde ; a outras, que sem propósito se levantam mil vezes cada hora a rezar de joelhos, não sendo tempo ; mas parece apertar muito : fique pelo menos sabido que não esquece.

O uso das penitências, para quem as usa, é saüdável. Na mulher que as aprende, convém que se moderem. Há uns casados tam indiscretos que se desviam da mortificação, quando algum a quere receber. Isto não deve ser assim : porque quem ama a pessoa, muito mais deve amar o espírito. A mulher bôa, que sem excesso se mortifica, é digníssima de que se lhe dê todo o azo, e licença, para que prossiga em sua oração, e mais exercícios santos. Ao marido o mesmo a mulher ; que o contrário é amar de gentilidade.

Duvido (ou não sei se não duvido) de que seja conveniente a amizade de casadas com freiras. Isto podia ser mais, e menos tolerável, segundo fôsse mais, ou menos freqüente. Por cousa tenho senhoril ter bôa amizade com uma religiosa, que as mais delas, ou são santas, ou discretas, curiosas, e pessoas de estima ; quando o negócio não chegasse a amores impertinentes, escritos de cada dia, ciúmes de cada hora, presentes, e viagens de todo o ano. O mais, como digo, antes fôra bem permitido ; e que a casada mandasse à freira seus presentes, por festas, e a visse por festa.

O mesmo a seu confessor, ao prelado conhecido do convento reformado. Fez Deus aos ricos tesoureiros dos pobres ; e assim é razão que se deixem usar dêles, como de acredores seus.

Não tenho aqui que dizer mais, e antes cuido que fui sobejo. Salvo se acrescentar um aviso de cousa, com que há muito tenho azar ; a qual é vêr a umas mulheres andar sempre fazendo festas, pedindo-as, prometendo-as, e aceitando-as com o pretexto que elas querem. Falei já no servir a Deus quam bem parecia ; mas nesta matéria creio que há não pouco inconveniente, porque às vezes uma senhora a trôco de se não escusar de receber uma capela, e um ramalhete em uma salva, cuidando que se apouca em a não aceitar, a aceita, e põe depois seu marido em maior vergonha, ou não fazendo a festa, ou fazendo-a mal, do que ela se ficára escusando-se dela. Até a estas cousas alcança a obediência que aos maridos se deve.

XXVII

Atavios

Ande a mulher tôda vestida, e sempre composta por sua casa, e jàmais a vejam seus criados em hábito indecente. Como para ela não é bem que haja outro mundo que seu marido, creia que assim convém aparecer a seu marido, como se aparecera a todo o mundo.

Estou de candeias às avessas com um novo costume de umas capinhas, que não sei donde vieram ; por-

que me não lembra que tal visse em nenhuma parte. Ora seja, ou não seja de outra nação, êle não é trajo autorizado, nem (a meu juizo) decente; e já tam vulgar, que isso mesmo pudera ser o seu desprêzo. Podendo-se com mais razão dizer pelas tais capinhas, o que dizia um pechoso pelas violas, que sendo um excelente instrumento, bastava saberêm-no tanger os negros e patifes, para que nenhum honrado o pusesse nos peitos.

Chega o desatento a tanto, que neste trajo se aceitam visitas; e é cousa muito para evitar, por ser tam pouco airosa para quem a oferece, como para quem a recebe. Ambas as pessoas desestima quem a sua mostra sem compostura a outra pessoa. Ao que bem aludia um cortesão, que sendo convidado de um amigo, e dêle mal agasalhado, lhe disse: Não cuidei que éramos tam amigos.

XXVIII

Facilidades dos maridos

Há homens fáceis em mostrar a seus amigos sua mulher. E suposto que êsse costume diz simplicidade de ânimo, e é usado entre os estrangeiros; todavia nem hoje está o mundo para que um só queira ser êsse simplissimo, nem ainda nesses, que o costumam fazer, deixam de estar sucedendo casos, que os puderam mui bem haver feito mudar êsse costume.

Convidava (em Espanha era) um senhor principal, e bem casado a alguns amigos seus de alta condição;

quis que vissem sua mulhe.; ela se escusou; mas enfim a visitaram. Depois à mesa quis seu marido que ela também comesse, e honrasse os hóspedes: retirou-se, e sendo apertada com recados, respondeu em sua própria língua: *Dicid al Duque, qui si me hizo baxilla, no me hará vianda.* Mostrando com agudeza castelhana, que já que como baixela a fizera vêr, a não quisesse também facilitar como iguaria.

Que o senhor leve algumas vezes o parente, o amigo, o ministro, o prelado, e estrangeiro, e homem douto, e principalmente o homem bom, a sua casa, e lhes faça convite, não só o não estranho, mas o louvo. É cousa honrada, e que faz os homens bemquistos. Não deve evitá-lo sua mulher, antes com todo o concêrto decente dispôr que se ministre, honrando a seu marido naquela acção; com o que os muito ásperos se obrigam; porque os corações nobres muito mais se satisfazem de vêr que se ama o que êles amam, do que ainda de serem por si mesmos amados.

Hei-de dizer aqui de umas, que se prezam de matronas, e quer bem, quer mal, elas querem ser os senhores de suas casa. Estas pretendem sua maioria por muito honradas, por muito sabedoras, ou por muito ilustres. E às vezes sem nenhum dêstes extremos, elas se dão tal manha, que a conseguem, especialmente dos maridos bons, simples, e divertidos.

Vigie-se logo ao princípio aquele que tais pensamentos descobrisse em sua mulher; porque se lhe vir que uma vez deixa senhorear-se, tantas o intentará, até que de todo ela seja senhora, e êle servo. Dizia um em tal caso a sua mulher: Senhora, hei vos de levar a casa de vosso pai, e hei-de demandá-lo por justiça, que me dê minha mulher; e perguntando ela porque, respon-

deu êle : Porque vós não sois minha mulher, senão meu marido.

E a mim me dizia um discreto, e galante casado : que deixarem as mulheres de mandar seus maridos, era impossível ; mas que o que estava à conta dos homens honrados, era fazerem que isto fôsse o mais tarde que pudesse ser. Eu não me contentára com menos, senão que nunca fôsse ; dando mui bem por escusadas essas matronerias.

Desejei de mandar uma cadeia de ouro a uma casada, que estando chovendo, e ela para ir fóra, quando já se molhava muito bem, e lho advertiam os criados, chamou um pagem, e lhe disse : Dize a teu senhor, que me mande dizer se chove, porque me não fio dêstes, nem de mim, e escusarei de saír. Oh ! que discretíssima ignorância ! Oh ! que invenção de obediência, tanto para ser obedecida !

Parece, senhor N., que nos vamos esquecendo das cousas picantes, que dão mais contentamento, e são salsa das outras ; e de verdade não menos necessárias.

XXIX

Govêrno da casa

Ainda não falei no tráfego da casa. Isto é cousa que requer muito tento. Quisera eu as casas de um só gargalo. Muitas portas, muitas serventias, não aprovo. As casas dos reis, e príncipes tem infinitas guardas, e

porteiros; com isto se defendem de inconvenientes; como quem põe estrepes em muro baixo.

As casas dos fidalgos particulares, que não podem ter êsses porteiros, e portarias, necessitam de alguns criados vélhos, e fieis, a quem seus amos constituam vigias, e sentinelas de seu decôro. Mas neste caso não descarregar neles todo o cuidado o marido; porque assim como na guerra (e eu o estou aqui vendo, e ouvindo nesta tôrre) costumamos pôr soldados de posta; e nem com tudo isso se contenta a disciplina militar, senão que lança roldas, e sobreroldas, e sôbre elas vão depois os oficiais a vêr, e vigiar o que fazem, e o que vigiam os soldados que vigiam; assim nem mais, nem menos deve o senhor da casa roldar, e vigiar sôbre os criados, a quem entrega o cuidado de sua honra.

Negras, e mulatas, que saem fóra, não tivera. Soem ser fecundas, e inçam uma casa de tantas manchas (a méu vêr) como delas nascem; porque parece feia cousa andar uma tam vil licença aos olhos da senhora, e das criadas. Negrinhas, mulatinhos filhos destas, são os mesmos diabos, ladinos, e chocarreiros, por castanhas trazem, e levam recados às môças, e são delas favorecidos. Ciganas, ermitoas, adelas, mulheres que vendem garavins, e bolotas para lenços; outras que trazem doces, e os dão mais baratos do que valem, tudo é malissimo. Mudas é peçonha. Lavandeiras, ramalheteiras, umas que vendem, e são freguesas, e com quem as criadas em um instante armam contas de rações, que lhes trocam, mostrando que não podem viver sem elas, são gente bem escusada. Os que adivinham, os que benzem. Os chocarreiros, e mais os dos principes, costumam ser atrevidos pelas entradas que lhes dão sem tento. Uns trejeitadores, outros que fazem prèga-

ções, que arremedam animais, e gentes, são peçonha refinada : e as que em tudo o são, são umas que vendem dixes, águas de rosto, tiram pano, fazem sobrancelhas com linha, alimpam o carão com vidro ; homens de linhas, bofirinheiros, mulheres que pedem para uma certa missa de esmolas, outras para amparar uma órfã.

Tudo isto, Senhor, é uma casta de gente, que ferve ao redor das casas grandes, assim como peixe, que anda à lambugem da pedra. Apartam-se com dificuldade ; sofrem-se com perigo. Seu estorvo requer tanta fôrça como indústria ; porque cada uma destas criaturas pela maior parte não cuida senão em enganar, levar, roubar, mentir, dar novas, e às vezes (e não poucas) em fazer muito ruins mensagens, e trazer outras, em dano, e descrédito das casas onde se consentem, que não seja a de v. m.

Tinha um homem principal sua filha donzela doente, guardava-a muito. Havia quem lhe quisesse bem. Escrevia-lhe : revolvia-se o papel, e sôbre êle se armava um ramalhete. Vinha uma ermitoa, falava ao pai, dava-lhe aquele ramo da parte de tal Santo ; levava-lho êle mesmo com grande gôsto e era o próprio corretor de sua filha, servindo-lhe por sua mão a peçonha dissimulada naquele ramalhete. ¿ Quem tal havia de cuidar ? Quanto por êste, bem se podia (e por muitos) dizer o que diz o Romance : *El aspid anda en las flores, alerta, alerta, zagales.* Tomado daquele adágio latino, que entre as ervas mimosas latia o *aspid* peçonhento.

XXX

Ocasiões de perigo

Costumam alguns homens de grande sorte introduzir suas mulheres em suas pretensões, entendendo quantos grandes negócios se acabaram já por elas. Poucos são os casos, a meu juízo, em que me pareça lícito ficar um homem passeando, e mandar a sua mulher que vá falar, e requerer por êle. A prisão do marido, a honra da sua casa, do seu ofício, do seu título, a vinda do marido ausente, e risco de morte do filho : estas são, e não outras, as cousas que farão lícita esta diligência, sempre perigosa, e não sempre proveitosa.

Um certo ministro grande costumava dar audiência às senhoras fóra de sua casa, em um logar tam decente, que era demasiado recolhido. Levaram ali dous fidalgos suas mulheres para semelhante negociação; e deixando-as lá, se saíram logo. Viam isto outros, e então disse um dêles : Certo que fulano, e fulano não fizeram bem de se saírem ; porque estando ali autorizavam o seu negócio. Respondeu outro : Ride-vos disso, que fulano, e fulana não são dos que querem autorizar o seu negócio ; são dos que querem fazer o seu negócio.

Nunca será bem acabada de louvar aquela sentença tam repetida do discretíssimo conde de Vimioso : Quem perde a honra pelo negócio, perde o negócio, e mais a honra.

Senhor N., nenhum prudente, nenhum honrado pretenda com riscos suas melhoras. ¿ Que há-de ganhar do

por vir, quem logo de antemão entra perdendo ? Os bons mercadores seguram as encomendas de mór valia.

Seja a mulher honrada, como dizem que é o corpo santo, que não aparece senão nas grandes tempestades, e sempre para remédio delas. Acuda aos males de sua casa, aos trabalhos de seu marido, e de seus filhos. Procure salvá-lo, e salvá-los a êles. Seja sua voz, não seu requerente. Possa ser instrumento ao remédio da necessidade, não ao lôgro do interêsse.

XXXI

Cautelas

Obrigam-se muito as casadas de que seus maridos lhes contem o que sabem, e o que ouvem, e o que passa pelo lugar. Que os homens sejam secos, é meio caminho andado para serem aborrecíveis, que sejam faladores, é todo o caminho andado para serem desprezados. Deve-se eleger um bom meio, de sorte que a mulher não cuide que seu marido a tem em conta pouca, nem que êle faça de maneira, que em outra semelhante seja tido dela. As mais logo trazem decorado aquele rifão : Quem me a mim quere bem, diz-me do que sabe, dá-me do que tem.

Guarde-se o discreto de contar a sua mulher as histórias passadas de seus amores, e de sua mocidade. Causam assim dous males ; dar a conhecer às mulheres a fraqueza de seu natural, e entenderem como há outras pelo mundo, que se deixam enganar fàcilmente.

Por nenhum caso se lhes sirva o prato de leviandade alheia; e naquelas cousas tam públicas, que se não puderem negar, pelo menos se desculpem, ou se desviem. Mostre-se sempre horror a tais sucessos; e havendo de praticar nêles, carregue a culpa, e causa à parte do marido, e a da mulher se desculpe. Dando assim a entender, que aquele que fôr bom marido, sempre terá mulher bôa, como de ordinário sucede, e êle o espera de si, e da sua.

Algumas vezes vemos, que a casada de grandíssima honra, trata, e acompanha confiadamente com outras de não tam igual fama. Haja nisto grande tento, e o melhor será escusá-lo de todo. A reputação é espelho cristalino; qualquer toque o quebra, qualquer bafo o empana. Elas, quanto são mais seguras em seus procedimentos, se aventuram, pode ser, mais a tratar as que o não são. O vulgo sempre cego, não sabe distinguir, ou não quere, o bom do mau. As mais vezes quem atira não dá ali aonde atira, mas dá perto do logar aonde atira. Assim os maldizentes, indo a acusar a uma pessoa, não acertam logo; e porventura infamam as que andam junto dela.

Valho-me sempre das cousas naturais, e assombro-me certo neste caso, considerando que uma só gota de tinta que caia em uma redoma de água clarissima, basta, e sobeja para a tornar turva: e que para aclarar, e deixar limpa uma redoma de tinta, não basta uma pipa de água clara. Assim costume ser a má, e a bôa fama, que a muito bôa não pode acabar de purificar a ruim, e a ruim logo empece à muito bôa. Noutro logar disputo eu largamente: ¿ porque se nos não pega a saúde assim como se nos pega a doença? Notável cousa por certo! Agora me contentarei com o dizer do nosso mo-

ral : O bem não é como tinha, o mal pode ser que sim.

Aparte esta contenda a prudência do marido. Contava um, que costumava a se haver neste caso com excelente destreza. Instava de contínuo à mulher, que visse, buscasse, e andasse com fulana, e fulana, de quem êle tinha satisfação ; porque com estas persuasões ficava adquirindo nova autoridade para estorvar que se não visse, buscasse, e andasse com fulana, e fulana, de quem êle não era satisfeito.

Gabar à mulher a formosura de outras, as mais delas o tem por descortesia ; assim o ar, a graça, e as mais bôas partes : mas como nisto não houvesse excesso, seria sofrido. Dêem-lhe todavia regra a condição, idade, parecer, e bôas qualidades da mulher própria ; porque as que dêstes dotes são abundantes, podem ser mais confiadas.

Um fidalgo praticando com sua mulher, na qual era sobeja a gentileza, e a discrição, que faltava nêle, exagerava por extremo a formosura, e qualidades de outra mulher. Sofreu a própria quanto pôde, e vendo sua demasia lhe disse : Não quisera mais para me vingar das invejas que me fazeis com fulana, que vê-la casada convosco, para vos não parecer nada disso, e para vêr como ela se havia quando vós me gabásseis outro tanto.

XXXII

Galantarias honestas

Não se nega porém ao marido, que se possa mostrar galante com as damas, e senhoras, quando a ocasião fôr de galantaria; porque esta obrigação é de bom sangue; e como não seja viciosa, antes virtude, pelo menos política, não obriga contra ela o matrimónio. As próprias mulheres, se são generosas, folgam que seus maridos se mostrem cortesãos onde o devem ser.

Estavam os reis católicos para saír fóra, e a raínha à janela, viu passar o cavalo de el-rei, e que igualando-se com a sua égua, que já ali estava, não fizera nenhuma bizarria. Bradou donde estava a raínha; e chamando o estribeiro-mór, lhe disse, que logo mandasse cortar as pernas a aquele cavalo, porque não levava gôsto que el-rei tornasse a subir nêle. E perguntando-lhe o estribeiro-mór que razão daria a el-rei de um tal feito, lhe respondeu: *Porque pasó sin relinchar a una yegua tan hermosa como la mia; y cavalo que es tan para poco, no hará cosa buena.*

Estas galantarias do marido não podem ser recíprocas para a mulher, que tem muito menores licenças, sem ter alguma razão de queixa; como acontece que uma cidade tem muito menor comarca que a outra, e nem por isso terá justiça para a pretender igual.

Não gabe a mulher a outro homem diante de seu marido, salvo daquelas cousas, que tidas, ou não tidas, vem a ser a mesma cousa.

XXXIII

Louçanias

Permite-se-lhe ao casado moço ser loução, e usar de todos os adornos de sua pessoa que a um homem são decentes. Supomos que aquele é estado, a que se dirigia ; e assim como no estado estão tôdas as cousas em maior perfeição que no aumento, ou declinação, assim ao casado são lícitas tôdas as cousas pertencentes à perfeição dêle. Os cheiros, as galas, os regalos, para os casados, e para os namorados se fizeram ; porque se deixa entender que aqueles empregos nascem do cuidado da mulher, ou da dama ; com o que se qualificam melhor, que se do próprio cuidado do varão nasceram.

Estas são das cousas que também trocou o uso ; e de verdade não cuido que viciou, quando as não melhorasse. Os nossos vélhos diziam também : Que o homem havia de cheirar a pólvora, e a mulher a incenso. Aludiam à religião, e milícia em que os queriam a êles, e a elas, ocupadas. Não há muitos anos que uma senhora principal, e não pouco gloriosa, tachavá os perfumes de um cortesão ; êle sabendo-o, lhe mandou dizer, que acabasse sua Senhora consigo o cheirar a incenso, que êle acabaria logo consigo o cheirar a pólvora.

O concêrto dos aposentos do senhor, o asseio de sua pessoa, finalmente estas cousas que os antigos desprezavam, hoje são lícitas, e não tem o vício em seu uso,

senão em seu abuso. Façamos diferença de lindos a concertados.

XXXIV

Afeminação, desleixo, e requebros indecentes

E porque não nos desconsolemos de todo com os costumes modernos, nem os que se prezam de severíssimos nos queiram confundir com a pureza dos antigos; como se poderá crer que naquele reinado de el-rei D. Sebastião, em que os homens se fingiam de ferro, por contemplação dos excessos de el-rei, era costume andarem os fidalgos mancebos encostados em seus pagens, como hoje as damas? E chegava a tanto aquele mau costume, que quando os que jogavam a péla, passavam de uma casa para outra, o não faziam, sem que se lhes chegassem os pagens, e neles se encostassem. Diziam *haã*, fazendo-o muito comprido, e os mais falavam afeminado, por uso daquele tempo. Sendo isto assim, não há para que condenar os costumes pela idade senão pela qualidade; nem é justo desprezar o presente por engrandecer o passado.

Tenho por muito digno de repreensão o andar por casa descomposto. Persuadira, a não ser molesto, que fôsse o mesmo trajo o de casa, e o da rua. Verdadeiramente o homem em seu hábito, parece que tem outra grandeza, e império. Prova-se bem, com que os reis, e os grandes, aquele criado de que mais confiam, é o que admitem a sua presença, quando estão descompostos: como que necessita de amor, e fidelidade quem

houver de guardar inteira reverência a um homem descomposto.

Alguns há tão pouco advertidos, que requebram suas mulheres à mesa diante de seus criados, agora com as palavras, agora com os meneios; é de todos os modos indignissimo; porque igualmente ofende a modéstia dos homens, e a honestidade das mulheres. Tenha êste excesso sua contradição na mulher, quando não tiver sua advertência no marido.

XXXV

Pêguices paternais com os filhos

Passo a estranhá-lo também para com os filhos. Vi um dia a um grande general rodeado de muitos homens grandes, que o seguiam, abrir o corro de todos, e lançar a correr por receber um filhinho seu que o vinha buscar, e beijá-lo em presença daquele concurso, que todo se estava olhando, e admirando, de que uma tam grave pessoa pudesse tam pouco consigo. Digo a v. m., senhor N., que se poder tivera, lhe tirára logo o ofício, porque o ânimo dos homens não se vê quando resistem àqueles efeitos, que aborrecem, senão quando vencem aqueles que amam. Dirão a isto os pais, que os que o não são, não podem dar regras a seu amor. Êles dirão o que quiseram; mas eu não direi outra cousa. E todos sabem que muito melhor conhece os lanços do jôgo aquele que o vê, que aquele que o joga.

Ora, pois falamos em filhos, acabemos o que há que dizer àcêrca dêles.

Desejá-los é tam justo, como merecê-los. Mas não obrigue êste desejo a fazer demasias. Nos moços deve de hever uma bôa confiança. E já que nos servimos dos ditados, não vem aqui mal para escusar mais leitura, aquilo que se diz : A Deus rogando, etc. Escuso-me de acabar o adágio, porque de todos é sabido.

Mèzinhas, caldas, devoções, frades que benzem, freira que toca, físicos estrangeiros, quintas essências, bebidas desusadas, emprastos desconhecidos ; de tudo isto livre Deus a v. m. Muito faz aqui a hombridade ; muito mais a cristandade. Pôr nas mãos de Deus ; tomar delas o que vier ; que sempre é mais a propósito que nossos desejos.

Ora os filhos nascidos. Guarda de contar graças, nem estremecer sôbre êles. Tudo isto os faz malcriados, e aos pais é de pouca opinião. As mães querem que os maridos os tragam, e folguem com êles ; quando v. m. caia nesta venialidade, seja a modo de ofícios em Igreja interdita, quero dizer a portas fechadas. Não é cousa pertencente a um homem ser ama, nem berço de seus filhos.

Fazer-lhes aqueles seus momos, falar-lhes naquela sua linguagem, tudo é indecente. Basta que os veja, e ame, e lhes procure todo o regalo, e bôa criação. Essas outras figurarias são próprias das mães, a quem se não há-de tomar em nada o modo, nem o ofício.

Bofé que me lembrou agora uma cousa que me não há-de ficar no tinteiro, mas que todo não venha a propósito. Tinha um ministro muito lisonjeado um certo filhinho seu, que costumava vir a um aposento cheio de grandes pretendentes. Havia entre êles um muito

grande nos anos, na pessoa, e no estado; e mais que tudo nos interesses. Era êste o que mais praticava com a criaturinha, e tais cousas lhe fazia fazer o espírito mau da lisonja, e adulação que trazia no corpo, que dizia outro pretendente por êle : Certo, muito é que o interêsse faça mais parvo a fulano com os filhos alheios, do que o amor nos faz a nós com os nossos.

Vá mais por jôgo, que por conselho. Quando, senhor N., Deus der filhas a v. m., não lhes consinta mais que um só nome liso, aquele que lhe ditar a devoção, ou obrigação. Tenho por grande leviandade esta ladainha de nomes (dissera melhor carta de nomes) que hoje se usa, pondo em camouço uns sôbre outros, deixando os de mais barafunda para o cabo. Deram as mulheres nesta nova casta de damaria ; e acontece que a que nasceu, e se criou mera Domingas, ou Francisca, lança sôbre si meia dúzia de Jacintas, Leocádias, Micaelas, Hipólitas, e outros nomes esdrúxulos, só porque viram chamarem-se assim, pouco mais, ou menos, a suas vizinhas.

Acho graça nesta história. Fôra a baptizar em um logar desta minha vizinhança a filha de um escudeiro; e porque ouviu que a outra de um título tinha sua mãe mandado pôr na pia três nomes; como a êle lhe custava barata a grandeza, içou um furo mais à vaidade, e mandou baptizar a menina com quatro nomes. Ouviu-os todos o cura, e disse aos padrinhos : Senhores, escolham um só nome, que sou fraco de memória ; ou juro a tal que lha baptize sem nome, ou lha mande para casa como veio, até que lá se resolvam no que melhor lhes parecer.

Parece que me ia esquecendo de uma cousa que julgo digna de advertência, e para que pode ser que

fôsse advertido de quem sabe que escrevo êste papel. Costuma haver excesso nos maridos por dous modos, quando suas mulheres se acham naquela hora do parto. Uns que as servem, e assistem melhor que as próprias comadres ; outros que como inimigos fogem delas. Dizia um dêstes com travessura, que, se casasse, não havia de ser senão em julho. E sendo perguntado porque ? respondeu : Porque se fôr tam mofino que minha mulher haja de parir, seja em março ; e possa eu achar embarcação para a Índia, onde me irei antes que vê-la em estado. A bôa, ou não bôa vontade que se tem à mulher, dará aqui o melhor conselho. Também o natural do marido puxará muito por êle. Não reprovo aqueles que tudo querem ser naqueles casos ; reprovo os que não querem ser nada. O saír de casa é repreensível, porque pode haver mil sucessos para que sejam necessários. Bastará estar cada um no seu aposento, e receber nêle com igual constância as ruins, ou alegres novas.

Hei-de alegrar tamalavez esta matéria com um dito de certo senhor castelhano. Era general, e lhe pediu um seu capitão licença por escrito para se ir achar em casa ao nascimento de um filho. Pôs-lhe por despacho : *Al tener el hijo quisiera yo hallarme en mi casa ; que al nascer, poco importa.*

XXXVI

Amas

A miséria dos tempos que em tudo vão para traz, tem feito que as amas, que antes eram mulheres honra-

das, se hajam hoje trocado a vilãs bem dispostas. Já vemos das mães para as amas; e agora das bôas amas imos para as ruins. Enfim, é uso, vá com êle. Mas contra a natural obrigação das mães ; porque, como disse um sábio: quem antes de nos vêr, e conhecer, nos sustenta nove meses dentro em si ; ¿ porque depois de nos vêr e conhecer, nos enjeita, e busca outrem que nos sustenta ? Bem folgára eu de vêr os filhos de meus amigos mamar bom leite ; não só na qualidade do corpo, mas também na do espírito.

A quem foi filho tam bem criado como v. m., pouco, ou nada tenho que lhe lembrar na criação dos filhos. Crie-os v. m. como seus pais o criaram, que todos nos daremos por contentes.

É também esta matéria larguissima para discorrer nela, e toca verdadeiramente mais a outro intento, porque o que agora levamos é só apontar regras à vida dos casados, para que levem suavemente aquele jugo que sôbre ambos descansa.

XXXVII

Bastardos

Virá aqui a propósito de filhos, isto de filhos bastardos : alfaias certo mui bem escusadas, e de não pouco embaraço aos casados ; mas que aquele que as tem, não pode mandá-las vender ao Pelourinho. É fôrça que digamos sôbre isto alguma cousa.

Os naturais, e que não devem nada à fé do matrimó-

nio, são dignos de conservar enquanto não há legítimos. Houve tantos famosos homens no apelido de v. m. e em outros, dêste tal nascimento, que não aconselhara se esperdiçassem antes de tempo.

Com os pais, acabado me parece que o tenho; nas mulheres à maior a dificuldade. Muitas há de tam generoso natural que agasalham com muita galantaria aos filhos de seus maridos; outros que os não podem vêr, e os maltratam. Notável foi a fineza daquela Margarida de Valois, rainha de França (que já deixo nomeada). Estava no leito com seu marido Henrique IV, o Grande (que grande ingrato lhe foi!) viu que se afligia por lhe trazerem em secreto recado que estava no próprio paço real parindo do mesmo Henrique, mademoiselle de Foseuse, dama da rainha, e de el-rei. Vestiu-se Margarida, e foi assistir ao parto de sua criada, que tam mal a servia; tratou de seu regalo, e o que é mais, de sua honra; mandando a tôdas aquelas de quem se ajudou, que sob pena de sua desgraça, nenhuma descobrisse êste sucesso.

Se por esta receita obraram as outras mulheres, bem se lhe puderam confiar os filhos que chamam de ganância; visto porém que não é assim, seria acôrdo criá-los sempre não só fóra de casa, mas do logar em que se vive. As filhas em conventos; uns, e outros não sejam desamparados nunca; que enfim soem ser filhos do amor, a quem se deve bôa correspondência; e que por faltos de fazenda, e cheios da obrigação de seus nomes, se acham em mil aflições, que tôdas resultam em dano da honra, e da consciência de seus pais.

A Índia, e a religião costumam dar bôa acolhida a êste género de gente. Siso será destinar-lha.

Entre aqui a advertência da emenda da vida livre,

e descomposta ; que se antes do casamento compreendeu alguma parte da idade do homem, tanto maior deve de ser depois o apartamento dela. Ó senhor ! que foge às vezes um lebreu que estava prêso ; quebra as cadeias, e corre sem elas ; mas lá junto à coleira vai ainda tinindo um fuzil das prisões por que estava prêso, com que ainda êle se não dá por sôlto, e livre.

Benzer, senhor, benzer como do diabo, de cousas passadas, que não debalde da linguagem das vélhas, cousas passadas, ou cousas más, é tudo o mesmo ; nem com os olhos se torne a voltar para elas, nem para vêr se ficam lá muito longe.

Com muita razão, e boníssima doutrina fingiram os poetas, que o seu Orfeu não perigára quando foi ao inferno, senão quando depois dêle fóra quisera olhar para trás. Verdadeiramente, senhor N., que essa é a última perdição : sair do mau estado, e tornar a olhar para êle

XXXVIII

Freiráticos e ciúmes

Muitos há que, não sei em que fiados, dão em terem amizades proluxas com freiras ; parece-lhes que nada ofendem as mulheres nessa correspondência. Tira-se daqui muito ruim fruto: porque as mais das casadas começando em zêlo do que os maridos gastam, e do que se descompõem, acabam em um finíssmo ciúme. Elas tem razão, porque os maridos não farão menos

ofensa a suas mulheres divertindo-lhes a afeição, que qualquer dos outros cabedais, que lhes são devidos, e com êsse nome de devido se nomeiam ; antes será maior a ofensa quanto fôr a mulher mais daquelas, que só da afeição de seus maridos se satisfazem.

Não quero passar tam de-pressa por esta palavra, ciúme, ou ciúmes; que ou dados, ou tomados, significa um humano inferno. Humano, porque vive entre os humanos; e desumano, porque desumanamente trata aqueles entre quem vive, ou vivem nêle.

Foi questão, e ainda não é conclusão, qual lhe seria pior a um casado, dar ciúmes a sua mulher, ou tê-los dela ? Escuso-me de averiguá-la ; uma, e outra cousa abomino. Há muitos que do dar ciúmes não fazem caso, e grandíssimo de os receber.

O engano, senhor, é manifesto ; porque o dar ciúmes que se despreza, de ordinário assenta sôbre grande causa; e o recebê-los que em muito se tem, as mais vezes é imaginação; e como as mulheres padeçam ainda menos de fracas, que de vingativas, acontece que mil vezes produz nelas mais terríveis efeitos a vingança, que a fraqueza.

Disse bem quem disse, que os ciúmes se pareciam a Deus, em fazer de nada alguma cousa. Eis aqui o seu ofício, que em tôdas as maneiras não deve ter logar nas casas onde viver a discrição, e cristandade. Porque certo é terrível tormento o que padecem, já os homens, já as mulheres, por esta maldita imaginação ; a quem com não menor propriedade houve quem chamasse víbora, porque em nascendo mata a pessoa que a engendra.

Amoesto a todo casado fuja desta peste ; e que aquilo mesmo que para si tam justamente deve de não

querer, o não queira também para quem ama, ou deve de amar pelo menos.

Dizia um discreto, que o chegar um casado a dar a entender a sua mulher tinha ciúmes dela, era meio caminho andado para que ela lho merecesse; aludindo ao que se diz vulgarmente, que a maior jornada é o sair de casa.

Assim como o direito dizem que tem deixado muitos casos para que não assinou pena, por não presumir aconteceriam no mundo; assim o casado deve mostrar-se esquecido de tal pensamento, por não presumir lhe possa ser necessário.

Distingo porém prudentes de ciosos. A prudência precata, desvia, e assegura todos os caminhos da suspeita. Nada disto faz o ciúme; antes para não ser um homem cioso, convém que seja prudente.

Pô-lo hei mais claro com êste exemplo. O prudente é como o capitão de um castelo, que traz pelo campo de contínuo suas espias ao longe, vigiando noite e dia seu inimigo, bem que o não tenha; porque quando o tiver, o não possa tomar de sobressalto. Êste tal vive seguro, come com gôsto, dorme com descanso. O cioso é como outro capitão, que temendo-se de tudo o que há, e não há; se encerra miseràvelmente em seu castelo; o ar que corre lhe faz nojo, a fôlha que se move cuida que é assalto; e assim sem honra, e sem proveito, cheio de mêdo e desconfiança passa a vida, ignorando o que é paz e repouso.

Aqui lembro de passo a muitos e muitas que me lerem, que quando me virem ser miúdo nas cousas e praticar cautelas que parecem escusadas, não cuidem que por nenhum modo é meu ânimo inculcar aos casados o ciúme; antes, porque nenhum o seja, lhe propo-

nho tantos outros meios de segurança, que de todo percam êsse receio.

¿ Quem duvída se deve muito maior agradecimento ao médico que nos dá regras para não perder a saúde, que ao que nos dá mèzinhas para que depois de perdida possamos cobrá-la ?

XXXIX

Jôgo

O jôgo em todos os estados é ruim ofício, se é ofício, quando não passe de ocupação cortesã, e que anda anexa à ociosidade dos poderosos.

Eu viera fàcilmente em que se jogara o lícito, se eu soubera medir até onde era lícito o jôgo ; mas ainda acho maior dificuldade em poder ter mão nas rédeas da cólera ou ambição daqueles que jogam ; afectos, que jàmais se enfreiam. Sôbre uma muito pequena causa se arma uma porfia, e sôbre ela uma perda de honra, ou de vida ; porque os homens já não fazem motivo da quantidade da perda, senão da qualidade da dúvida.

São tantos os exemplos, que não há para que provar os danos do jôgo. Olhem-se as lágrimas ; escutem-se as tragédias. Era dito de um discreto, que vinho, jôgo, e tabaco se deviam de vender nas boticas como mèzinha.

O solteiro, se joga, joga o seu, ainda quando dermos que é seu isso que joga. O casado joga o que é alheio, porque êle não tem em sua família mais de um

quinhão ; e respectivamente tem ali outros a mulher, os filhos, e os criados. ¿ Logo como pode com justiça aventurar, contratar, e perder o alheio ?

Tinha um senhor, mui inclinado a jôgo, uma filha muito querida. Começou a perder dinheiro, jóias, alfaias, que ia mandando buscar a sua casa, e eram tôdas gran parte do dote daquela sua filha. Ela afligida, e queixosa justamente, tomou seus criados, e foi-se onde êle jogava : viu-a o pai, e com grande sobressalto lhe perguntou que queria dêle em tal logar ? Respondeu-lhe : Venho, senhor, a que V. S. me jogue também, e que me perca ; porque, assim como assim, ¿ eu para que valho já em casa sem o que V. S. tirou dela ?

Um, que gabava o jôgo, chamava-lhe escola da paciência. Fôra-o, se nela se aprendesse como se gasta. A êste fim considero em muitas vezes a servidão de um taful ; a que não acabo de dar saída ; porque quando vejo que, se contra um dêstes se dá uma sentença de vinte mil réis pronunciada por um juiz, e confirmada por três, alega dúvidas, põe encargos, mete tempo em meio, e ainda no fim de todo, ou não paga, ou se queixa ; e logo naquele maior demanda do jôgo os vejo tam obedientes, que porque sota de ouros veio primeiro que seis de espadas, lhe levam sua fazenda, e o dá por bem julgado : confesso a v. m. que, quando tal vejo, não sei filosofar em qual seja a causa desta temperança à vista daquela demasia.

Acabarei de falar no jôgo com uma bem grande galantaria dum dos nossos antigos cortesãos. Dizia êste, que três bens desejava a seus inimigos para se vêr vingado dêles : pedir, mas que lhe dessem ; pleitear, mas que vencessem : jogar, mas que ganhassem.

XL

Amigos

Outro género de perigo não menos urgente é o duns, que andam enfeitiçados com amigos ; seguem com êles caçadas, folguedos, banquetes, viagens, e tôdas as mais acções que traz consigo a ociosidade. Digo a v. m. que êste dano compreende mais aos homens de inferior sorte ; porque verdadeiramente entre os grandes são tam poucos os amigos, que assim como não há gozar dos proveitos da amizade, assim não há perigar dos inconvenientes dela ; mas dêles sempre se guarde.

Parecerá contudo mal, e será mau, que o casado escolha por amigo o solteiro, principalmente se êle é de vida solta ; porque como a amizade consiste na semelhança, por milagre tivera que o casado não fizesse o que visse fazer ao solteiro.

Dêstes os mais costumam dar maus conselhos, exortar ao casado que se não sujeite à mulher, e viva como livre. É manha antiga de nossa fraqueza folgarmos de fazer os vícios comunicaveis. Os doentes desconfiam de que haja quem se guarde de seu mal. Aqueles que padecem, ou afectam sua soltura, procuram de a pegar aos que vivem em devido recolhimento.

É para ser seguido, e acompanhado do bom casado, o casado de bom procedimento ; e dêstes sempre deve de ser o parente preferido. São bons para amigos aqueles, cujas mulheres são também amigas das mulheres próprias. Podem-se ajudar, e prestar nas ocasiões ; de-

satisfa-se com êles o enfadamento familiar com mais confiança de compaixão, e remédio ; porque além de se referir a pessoa que os conhece, fica dito a pessoa, que outro dia pode fazer o mesmo.

XLI

Horas de recolher

Dias há que me perguntou um fidalgo sisudo, casado de poucos tempos, a que hora seria conveniente se recolhesse à noite para casa. Lembra-me que lhe disse, que essa hora daria o amor, ou ocupação, e não o relógio ; mas êle não satisfeito, fez que discorrêssemos naquele ponto.

A uns parece que se deve recolher o casado sempre a uma hora ; e tal, que possa muito bem antes dela haver negociado o que lhe pode suceder, sem dar sobressalto na tardança. A outros, que não deve ser assim, senão à hora que fôr possível ; porque vindo umas vezes cedo, se mostra que as outras que se tarda, teve a culpa a ocasião, e não a vontade.

Tenho para mim que nada disto é seguro : porque os alicerces da confiança do casado devem-se de lançar no crédito, e não no artifício. Inclino-me mais ao recolher sempre a uma hora justa, e proporcionada com as ocupações, ou de casa, ou de fóra. Sobretudo parece que os casados de pouco devem guardar mais cortesia a suas mulheres, assistindo-lhes com maior cuidado aqueles anos primeiros.

Também nesta obrigação não deixou de haver opiniões bem contrárias ; e tanto, que entre dous esposados de grande juízo ouvimos contar de um, que indo-se a recolher, dissera ao seu estribeiro : Fazei ter prestes âmanhã bem cedo para irmos à caça ; que visita de cada dia não pode ser larga. E de outro, que sendo-lhe perguntado pelo moço que lhe dava de vestir, que vestido queria lhe concertasse para o outro dia, lhe respondeu : Vai-te para casa de teu pai até que te mande vir ; porque primeiro se há-de segar aquele trigo, que ali andam semeando, que eu haja mister vestido. Tais são, e tam várias as opiniões dos homens ; pelo que um entendido dizia : ¿ Sabeis vós porque o corpo é negro ? Porque se vos não pergunta se é negro, ou branco.

Já v. m. tem visto como nestes avisos não sigo alguma ordem, senão aquela, e aquilo, que a memória me vai oferecendo. Creio que longe fica de seu logar (mas em qualquer parte vem a tempo) o amoestar ao casado, que com o mesmo tento que deve falar diante de sua mulher louvando as alheias, deve (e com maior ainda) de gabar a própria diante dos homens.

XLII

Se deve louvar-se a espôsa

Pode, e deve bem o marido, quando haja razão, e necessidade, louvar modestamente as virtudes de sua mulher : digo as virtudes, mas não digo as excelências : e das mesmas virtudes não se faça ostentação a cada

passo. Ao pai, ao irmão, a tam chegados parentes, aos muito amigos, e muito sisudos, poderia ser lícito que désse o casado alguma vez mostra da satisfação que tinha dos dotes do ânimo, que em sua mulher havia, e estimava.

Não são poucos, nem pouco grandes aqueles, que entremetendo de cortesãos, ou engraçados, gabam em público as qualidades de suas mulheres, ou falam nelas : cousa, a meu juízo, indigníssima, e digníssima de grande repreensão. Eu fiquei um dia como morto, falando com um fidalgo de idade, e autoridade, porque me disse, estando sua mulher doente de um peito, que fulana estava muito afligida, porque tinha as tetinhas muito delicadas.

Estando uma noite (qual estas) em Flandres, em certa casa, onde assistiam grandes pessoas, foi um dos circunstantes tam pouco advertido, que tirou o retrato de sua mulher, para o mostrar aos outros. Era de uns que se fazem com diferentes trajos, que se lhe vão vestindo à vontade do apetite dos olhos : que tantas salsas tem inventado o vício para a vista, como para o gôsto. Sucedeu pois que estava então o bom do retrato em figura de alferes, e não parecia mal. Achava-se na mesma casa um dos convidados, mancebo bem ilustre, mas muito dado aos costumes da terra ; e como todos estivéssemos sôbre ceia (o que neste se enxergava melhor que nos outros) deu-lhe na cabeça levar da mão ao simples do marido o retrato da mulher, que beijava, e abraçava mais francamente, que se fôsse sua, dizendo-lhe : *Ó alferes mio ! Ó alferes mio !* e mil requebros descompostos. Enfim o negócio procedeu de feição, que todos viemos às pancadas, e por pouco se não matam mais de dous ; com tal vergonha, e escândalo,

que não sendo a gente ciosa, nem a terra maliciosa, houve assaz murmuração, e durou muito; o que tudo procedeu da incauta confiança daquele descuidado marido.

XLIII

Remoques perigosos, e impertinências

Outros há que, com tam pouco tento, levados, ou do desejo, ou da facilidade de sua condição, mostram em práticas às mulheres lhes não pezará de ficar viúvos. E suposto que os mais lançam êstes ditos a zombaria, naquelas que os ouvem, se guardam como indícios do ânimo, e sinal certo de desamor; que na verdade vêmos melhor pago na mesma moeda, do que se costuma dizer que o amor se paga. Desvie-se o prudente de tais remoques; antes em feitos, e ditos, mostre sempre a sua mulher aquela bôa lei, com que dela quisera ser tratado. Não como se conta do outro, que estando a sua agonizando, e dizendo que tinha grande desconsolação de deixar tal, e tal cousa por fazer; êle lhe respondeu: Morrei vós, senhora, que tudo bem se fará.

Guarda, senhor N., de ser prolixo, e cansado, como não poucos são a suas mulheres e famílias. É certo cousa intolerável de sofrer a impertinência de muitos, que sem alguma razão mais que aquela de que estão em sua casa, gritam, são comichosos, e enfadam as criaturas, ora querendo uma cousa, ora não querendo aquela própria cousa que quiseram. O ódio começa em desagra-

do, e por ali vai subindo, até se fazer ódio, que assaz de vezes achamos entre a mulher, e o marido ; servindo as causas do perpétuo consórcio, que haviam de ministrar a amizade, e fé, persuadir a inimizade, e perfídia.

Já que conto a v. m. histórias assim, não hei cá de deixar esta. Solicitava com esquisita importunação em Roma a beatificação da venerável matrona Margarida de Chaves, um seu filho, que eu muito bem conheci, e de sua bôca ouvi o que digo. Tinha o Papa Paulo V, remetido a causa a certo cardial, que já andava tam temeroso do requerente, que em o vendo fugia dêle. Sucedeu chegar a falar-lhe um dia, estando o cardial mais que outros enfadado ; e havendo-lhe lembrado, como costumava, seu negócio, lhe respondeu : Senhor, não nos cansemos em provas da santidade de vossa mãe ; provai sòmente que vos sofreu ; que o Papa a declarará logo por Santa.

É assim, que se considerarmos o que se sofre a hòmens impertinentes, e que se prezam de senhores absolutos, e que em nada tanto o parecem, como em se darem a padecer às pobres das mulheres ; sem falta elas farão a Deus tam grande sacrifício de paciência, que bem poderão ser contadas no número das Santas.

Pois uns gritadores, e que por qualquer mosca que vocu contra seu gôsto, já fundem a casa, e tiram dela o segrêdo de sua má condição, e êles próprios e lançam na rua ! Deus nos livre, senhor, de tam mau costume. Disse bem o que disse, que ninguém padece tanto incómodo, que, se puser os olhos no que outros padecem, lhe falte razão para suportar o que padece.

Esta paixão toca de ordinário nos muito altivos, e nos muito desarrazoados. Aqueles cuidam que todos, e tudo fez voto solene de os servir ; estoutros não que-

rem dar às cousas algum desconto. Ambôs são defeitos infelicíssimos ; porque como as mais das cousas, e casos não estão em nossa mão, acontece que todo o dia, todo o ano, e tôda a vida, nos vão sucedendo ao revés do gôsto, e da conveniência ; ao que não remedeia nada a desconformidade com que se levam êsses sucessos.

XLIV

Maridos calaceiros de criadas

Parece-me será razão fazer uma breve lembrança a alguns, que dão em se torcer para suas criadas, com grande perigo, certo, da reputação de sua casa, a quem êles mesmos são aleivosos, e merecedores de que em seu dano com semelhante ousadia sejam de Deus castigados. As próprias aves de rapina, que não tem outro ofício senão caçar, e prear o que encontram, costumam ir ao longe donde habitam, fazer seus empregos. ¿ Porque serão os homens menos fieis, e menos doutrinados ?

Sendo certo que a porta principal para todo o perigo dos homens, é o ilícito trato com as mulheres ; nenhum dos mais licenciosos resulta com tam péssimos efeitos, como aquele que se toma dentro na própria casa. O desconcêrto do senhor dela é logo bem aprendido da família ; e como um delito chame por outro, êles se multiplicam até um triste excesso.

As criadas, vendo-se queridas de seus amos, conspiram logo contra as senhoras, traçando de ordinário tais enredos, que não contentes da primeira ofensa, as

procuram despojar da honra, e da vida. Algumas com esperança de sucederem em seus logares (como não poucas vezes acontece) ; outras por gozar mais soltamente sua ruim liberdade. Daqui ouvimos tragédias lastimosas ; daqui vimos bodas infames.

XLV

Avisos

Entre os conselhos tocantes às virtudes do ânimo, que vàriamente tenho apontado a v. m., convém fazer-lhe presente de alguns avisos concernentes ao bom govêrno de sua casa : cousa que por outro nome mais elegante chamam os filósofos virtude económica, segunda parte da sciência civil, que também é segunda parte da filosofia moral. Isto enfim não é outra cousa que a indústria, e prudência com que o cidadão, o fidalgo, o grande, e também o pequeno, governam sua família ; que no príncipe é arte política, ou matéria de estado ; chamem-lhe os filósofos como lhe chamarem.

Êsse capitão romano, que tinha para si saberia bem dispôr uma batalha aquele que bem sabia dispôr um banquete, dissera melhor quando afirmasse saberia bem governar uma rèpública, quem sabia bem governar sua casa ; pois é certo que a cidade é uma família grande, e a família uma cidade pequena.

Aconteceu-me um dia (e porque o conto com tôda a verdade, era uma véspera de Reis) ir a visitar um fidalgo meu amigo, que por morar longe da minha pou-

sada, e serem dias de inverno, cuidei que o não achasse já em casa. Era mancebo, e notados de pouco govêrno, êle, e sua mulher. Cheguei enfim à sua porta, e mandando saber se estava em modo de receber minha visita, enquanto lidava nesta averiguação um pagem (batendo em vão a muitas portas) ouvi eu muito bem lá de dentro uma voz que dizia : Fulano, ide a casa do cura, e perguntai-lhe da parte do snr. D. Fulano, se é hoje dia de peixe, ou de carne. Se disser que de peixe, trazei-o da ribeira ; se disser que de carne, trazei-a do açougue ; ide de-pressa, para que se faça de jantar. Era isto, quando menos, de uma para as duas horas. Veja v. m. que tal seria para os servos o govêrno daquela casa, quando para os senhores dela era desta maneira.

Não são numeráveis os descontos, que causa um senhor frouxo. Vulgar, mas certissima, sentença é aquela, de que então doem todos os membros, quando a cabeça está doente. Conheci um homem de grande qualidade, e juizo, em tanta maneira remisso, que mandava pedir a um seu amigo viesse a pelejar com os seus criados e obrigá-los a que o servissem.

Ora êstes excessos contam-se como monstruosidade ; e não poucas vezes convém trazê-los à memória para os aborrecer.

Tôda a governança de uma casa, eu reduzo a dous pontos : Pão, e pano ; ou prato, e trato, regra, que muitos dias há que sabe a prudência. Pelo pão, ou prato, podemos entender todos os bens, e cómodos das portas adentro. Pelo pano, ou trato, entenderemos todos os bens, e cómodos das portas afóra. Alguma cousa disto toquei nos avisos passados ; menos porém do necessário.

Mas especializando de novo esta matéria, convêm

que o senhor da casa procure que sua família ande acomodada, e lustrosa, segundo seu estado, desvelando-se, e buscando os efeitos para a conservar inteira em ambas estas qualidades. O cómodo do pão, porque se denota o mantimento ordinário, deve com grande providência ser provida, para que a casa seja abundante, e que nela com ordem, e sem miséria se reparta. Pouco importará que de fóra se tragam a casa os meios que a podem fazer abastecida, se nela se vive em proluxa abstinência. Muito pior levam os criados a abundância miserável, que a pobreza liberal.

Outros, com o escritório bem provido, pagam mal, vestem pior. Não me ponho da parte da fortuna, que muitas vezes faz que os amos que menos bem tratam seus servos, sejam os mais bem servidos ; advogo pela razão, que obriga, desengana, e manda a quem quere ter bons criados, que lhe queira ser bom senhor. Aquele, que de seus criados espera adivinhem seus pensamentos, adivinhe também suas necessidades.

Tenho por regra geral muito conveniente, que o prato da família seja mais copioso que curioso ; e o trato mais curioso que custoso. Comer a horas, vestir a tempo. Dizia um grande senhor, por outro de muito menos estado, mas de grande concêrto, que nunca desejára cousa como ser criado de fulano ; porque assim os tratava, e conservava inteiros, que não só não envelheciam jámais nos vestidos, mas que nem na idade.

Pague bem ; isto é, a tempo. Aos criados o que lhes prometeu ; aos oficiais o que valer seu trabalho. Será bem servido de uns, e outros. O prémio deve seguir ao serviço, para que o serviço acuda à necessidade. Quem paga logo, paga com menos ; porque se o dar logo, é dar duas vezes, verdadeiramente se estima em muito

mais do que é. Quem paga tarde, tem já os ânimos tam desabridos, que com outro tanto mais do que deve os não deixa satisfeitos. Perguntavam a um criado, a quem servia ? e respondia que a um filho seu ; e tornando-lhe a perguntar que dizia nisto ? respondeu : Sirvo a meu herdeiro. Por semelhante razão disse um discreto, andava errado o provérbio de que quem bem paga é herdeiro do alheio, porque muito mais certo é ser herdeiro do alheio, aquele que o alheio não paga.

XLVI

Mesa

A tôdas estas cousas assista a previdência, e não a soberba ; que sendo guiadas por aquela, serão justas, e excelentes ; e por esta demasiadas, e escandalosas. Convenho em que o casado principal tenha a sua mesa não faminta, limpíssima, e bem servida ; mas, que seja mesa para a bôca, não para os olhos. Quero dizer, que ministre a necessidade, e não a vaidade.

Ora contarei duas cousas a êste propósito estranhas, e que ambas vi, e alguma experimentei com meu dano. Havia um grande de Espanha tam grande na vaidade, certo, como na miséria ; mandava-se servir de dôze pratos ao jantar, e outros tantos à ceia, que se lhe ministravam em público com notável cerimónia ; e era certíssimo que só dêles os três levavam iguaria, e os nove passavam sua carreira tam vazios como a cabeça do seu dono.

A outro vi, que tendo, por razão de seu cargo, o prato de certo príncipe, a quem servia, mandava levar as iguarias a sua casa, as quais lhe serviam a êle à mesa, e de que pouco se servia. Sucedia-lhe logo outra mesa de seu filho herdeiro, que comia com hóspedes de ordinário, e de quem eu o fui algumas vezes; e eis aqui que apareciam outra vez aqueles pratos, sendo já a terceira que no mesmo dia tinham saído a público; mas não parando nesta mesa, se armava o tinelo, e lá iam aos criados maiores, e dêles desciam os resíduos aos menores; de feição que cinco papeis faziam os pobres pratos antes de serem de todo consumidos. Por onde, com agudeza bem da sua terra, dizia um dos criados desta casa, *que el N. su señor era el mayor cavallero de España; porque se servia com nietos de infantes; porque todos sus criados estavam en el quarto grado con S. A.* Aludindo às quatro mesas, por onde, como graus, vinham descendo a êles as cousas, que na sua se comiam.

Tanto pode, senhor N., a vaidade com os homens, e mais no tempo de hoje, que lança sancadilhas à natureza, e a derruba. Que o homem côma bem por necessidade, pode passar; que côma bem por regalo, pode passar; mas que funde seu crédito em pratos vazios, ou aparecidos como figuras de comédias, guarde-nos Deus de tal semsaboria.

O servir à mesa com os criados, cousa é costumada; mas em verdade que êstes nossos portugueses servem com tal descuido, ou confusão, que tinha por não grande perda o servir com as criadas. Misturas dêles, e delas não fizera eu nunca; e sempre aconselhára ao senhor se servisse com as criadas, senão fôra destituí-los a êles para nunca o saberem servir quando vem hóspedes: onde é necessário que os criados assistam,

e onde convém que saibam melhor o que fazem; cousa, que raramente sabem fazer os nossos.

Achei-me na côrte de Londres, em casa dos embaixadores de S. Majestade a aquele trágico rei Carlos I; e havendo-se de dar ali uma ceia às damas da rainha, e às maiores senhoras de Inglaterra, suposto que na casa se tinha mui decentemente preparado aqueles ministros; eu que sou assim proluxo, e não vi em nenhum de seus criados a arte necessária para tal ministério, o tomei à minha conta; e com um filho, e um neto de um embaixador, o genro de outro, e o secretário da embaixada, o negócio se dispôs de feição, que se deram as convidadas por melhor servidas ainda do que regaladas. Tanto importa o saber servir às mesas nobres, que verdadeiramente é a principal iguaria delas; mas entre nós poucas vezes achada; e também digo que nem muitas achada menos.

Acabo isto com o exemplo de S. Majestade, que põe fim a tôdas as razões, e esforça a minha; pois podendo ser servido de seus criados, os deixa, e certo que com grande acôrdo, e se serve com as damas, e criadas da rainha. Tenho para a pessoa de qualquer estado por mais limpo, e quieto modo de servir à mesa, aquele das mulheres, ainda que não sejam anjos as que ministrem. E por isto dizia um convidado de uma sua parenta, que o fazia servir de duas criadas, uma feia, e outra bem parecida: Senhora, cá viera todos os dias, se a feia só me servisse; porque estoutra é anjo, que me deixa anjo.

Já que aqui estamos, diga-se (pois também importa) que não se còma desorado; quero dizer, fora de tempo. É grande inconveniente para as pessoas a quem assistem seus criados. Quando o ministério, o ofício, ou

negócio assim o pedissem, fôra de parecer que os criados comessem primeiro; porque de outra sorte seria intolerável, e anda sempre a casa mal servida: acontecendo que por esperar o senhor que comam os criados, se comem depois dêle, perder mil vezes o negócio, ou saída, por não ter de quem se acompanhe.

Gabo muito, senhor meu, um conservar nas casas certos costumes nossos familiares, e antigos, que as fartam, alegram, e agasalham, corroborando de novo o amor que se tem ao senhor da casa. Teve v. m. um parente grandíssimo mestre destas políticas, e o mais amado amo de seus criados que eu vi jàmais, por estas e outras utilíssimas humanidades que guardava com êles.

XLVII

Comédias e romarias

Digo eu que o casado, por alegrar sua mulher, e família, mesmo de seu movimento, mande (se as houvesse) fazer em sua casa duas, e três comédias cada ano. Seja êle próprio o que com elas convide; tem-se aquilo em muito; dizem logo dêle que é um anjo; e na verdade é mostra de bondade folgar de que folguem os outros com as cousas decentes. Não como o nosso rei D. Pedro, que chamaram crú, e cruel, que mandava de noite acordar o povo que dormia, porque êle não podia dormir.

Arme outras tantas romarias, e fogas, que cheguem

até aos menores. Mostre-se-lhes assim leve, e cuidadoso de seu regalo. Reparta com prudência dos mimos que lhe vierem, já da renda, já do presente. Há casas onde se perderão cem queijos de Alentejo antes que dar um a um criado. Aquilo de matar porcos pelo tempo é lance caseirissimo, e bem aceito, que faz os homens bemquistos até da vizinhança. E para dar algum gôsto a esta baixeza (que não quis que me esquecesse) direi o que aqui dizia um malvado cortesão, que assim como cada homem, por bom govêrno de sua casa, devia matar cada ano pelo menos dous porcos ; assim por bom govêrno da rèpública, devia matar cada ano pelo menos dous vilãos ruins. Por tam bom costume tinha êste aquele agasalho ; o que bem favorece o nosso rifão quando diz : No dia de S. Tomé quem porco não tiver, matar pode a mulher.

XLVIII

Quintas

O ir às quintas louvo, o morar nelas não gabo ; não porque me pareça indecente, mas porque o tenho por desacomodadissimo ; vindo a ser estas quintas uma quinta essência da ciganaria. Estraga as casas, desbarata os móveis, destroça os criados ; nada se forra, antes se gasta mais ; e os homens nem gozam a quietação do campo, nem a autoridade da côrte. Entendo por estas quintas aquelas, das quais se pode vir cada dia a Lisboa, onde com comodidade, ou sem ela, nenhum

dos vizinhos deixa de vir cada dia : pelo que disse com a graça que costuma, um nosso discreto, que o côche de fulano ia três vezes cada ano a Jerusalém, lançando as contas certas às léguas que andava cada dia o côche e seu dôno, indo e vindo de outra tal paragem.

Os grandes cortesãos fazem a vivenda do campo aborrecível, que ela de seu não é ; antes alegre, e conveniente. Sendo um convidado de certo fidalgo para estar com outros em uma sua quinta dous dias, ao segundo sem se despedir dos companheiros, tomou o caminho da cidade ; gritavam-lhe os mais, que se detivesse, e como o fizesse assim, e lhe perguntassem aonde ia, respondeu : Amigos, vou-me, porque se estou mais de vinte e quatro horas no campo, cuido que me torno boi.

Julgo por importante acção não viver de contínuo na côrte, e me parece que há uns tempos próprios de se retirar (o casado com sua família) a viver no seu logar, comenda, ou herdade ; enfim aquela parte que mais cómoda fôr para a vida. Se hei-de apontar regras a êste tal retiro, dissera que tendo o casado mais de dous filhos, era o próprio tempo. E que os anos da ausência da côrte podiam bem ser aqueles enquanto os três filhos crescem, e não perdem por não ser conhecidos até então ; como se disséssemos, até idade de oito, e dez anos.

Depois é bom tornar à côrte a introduzi-los nela, para que o rei os conheça, e êles se criem sem espanto dos paços, que sem dúvida o causam aos que os não viram desde a mocidade, como se diz das águas do Nilo, cujo estrondo é medonho ao forasteiro, e do natural não é ouvido. Dizia o Duque de Alva, pai do que hoje

é, sendo Mordomo-mór de El-Rei de Castela : *Si dos dias estoy sin venir a Palacio, al tercero ya tropieço en las esteras, o ellas se burlan de mi.*

Parece-me que depois de vindo até casar êstes filhos, se não deve fazer ausência ; e que, casados êles, se faça para descansar a velhice, ou maior idade ; e dar um cristão intervalo entre os negócios, e a morte : que é o mais importante negócio para os vivos.

Esta observação só compreende aquele que vive só para si, e consigo ; porque para o ministro, para o soldado, e para o criado do príncipe, que vai de uns empregos subindo a outros, e merecendo cada dia mais, não é meu ânimo dar por conselho que sem causa deixe cada um sua profissão, e aumentos. Com causa não lho negára ; nem, quando o fôsse, fôra tam indiscreta a minha confiança que esperasse dêsses tais se governariam pelas regras de um homem que tam mal se governou.

Estas ausências trazem grandes, e muitos proveitos à vida, à saúde, à fazenda, à salvação. À vida, porque no campo se vive mais ; à saúde, porque seus exercícios a conservam ; à fazenda, porque se gasta menos ; à salvação, porque faltam as ocasiões que a arriscam, e anda o ânimo mais livre para cuidar em Deus, e em si mesmo.

Não falece contudo quem tudo isto contradiga, porque, como dizia um discreto, todo o homem põe outro nome à sua vontade. Assim é notável a controvérsia, que houve sempre sôbre êste modo de vida retirada. Um fidalgo nosso antigo se gabava que só de « não no há aí » poupava no campo a metade de sua fazenda. Mas não fazia isso assim outro castelhano, que quando se viu alcançado, fingia que se retirava, e não saía da côrte, e dizia que : *Para descançar cada uno a su casa.*

no havia cosa como comerse media dozena de pajes y lacayos sin salir de su tierra.

Estas tais retiradas costumam sempre ter grande contradição nas mulheres ; e quanto elas na côrte são melhor vistas, mais aparentadas, e gozam maior aplauso, tanto mais impugnam tal resolução dos maridos. Contra isso não tenho mais que dizer, que o que disse um mesquinho a outro que lhe pediu dinheiro emprestado, oferecendo-lhe sete razões, pelas quais lho devia de emprestar : Nas mesmas sete me fundo eu (disse o mesquinho) para não fazer o que v. m. me pede.

XLIX

Viagens

Não me posso escusar de dizer duas palavras a uns certos casados, que tôda a sua ânsia, e desejo é andarem sempre ausentes de sua casa, em viagens e jornadas, umas para que êles se convidam, outras de que se não desviam : deixando as mulheres môças, e às vezes bem desamparadas de todo o resguardo que lhes é devido. Éstes costumam dizer, que por buscar pão, e honra se ausentam ; e não poucas vezes vimos que em tais demandas se perde de contado a fazenda, e não poucas vezes se arriscam cousas que valem mais que ela. As mulheres casam para serem casadas. É o contrário não entender cada um sua obrigação.

Falava uma viúva com um homem um dia, que sabia que ela era viúva, e ela dizia-lhe : Senhor, eu nunca

casei, vêde vós como posso ser viúva. Replicáva o outro, que sim o era, porque conhecera em tal parte o senhor fulano seu marido; e ela tornara: Senhor, digo-vo-lo porque eu casei por procuração, e fui casada por carta; e isto não é ser casada. E era assim, que pelas ausências de seu marido apenas o conhecêra.

Se estamos sós, senhor N., hei-de contar a v. m. uma história de mancebo, que ouvi em Barcelona. Havia ali um fidalgo casado de pouco, cujo nome era Mosen Gralha. Passou o imperador Carlos V para Itália, e o seguiu êste catalão a despeito de sua mulher môça, formosa, e honrada. Engolfou-se o marido em serviços, e esperanças, e não fazia conta de vir tam cedo. Enfadava-se a mulher, e lhe requeria muitas vezes que viesse; mas desesperada já da vinda, dizem que lhe escreveu em catalão estas palavras: *Mosen Gralha, Mosen Gralha, mon amor non manja palha.* Tomou o soldado a carta, levou-a ao imperador que lha interpretasse; o qual conhecendo o que queria dizer (que é fácil de conhecer-se), e fazendo-lhe mercê, gabou a confiança, e discrição da mulher, e mandou para sua casa seu marido.

Mosteiros, recolhimentos, e outros resguardos semelhantes, em que os homens depositam suas mulheres, não deixam de ser arriscados; e de-certo, quando a ocasião não seja muito urgente, é usar com as mulheres ruim lei, e faltar-lhes com a fé, e companhia devida; porque se cada uma daquelas quisera ser freira, bem escusara de se casar.

Advirta-se todo o casado, que no ausentar-se por longo tempo de sua casa tenha muito tento; e seja raro o interêsse porque assim o faça. Disputável foi entre os políticos, se convinham, ou não os capitães casados,

ou solteiros. Dissera eu aos reis, se falara com êles, que para as conquistas, e guerras ofensivas que se fazem em províncias distantes, buscassem os solteiros; porque pela liberdade se arriscam; e por virem a descansar na pátria, e buscar espôsa, abreviam mais as empresas, e são menos custosos na vida, e na morte a seus senhores. Ao contrário, para dentro de sua província, e na guerra defensiva, prefiram os casados aos solteiros nos postos militares; porque por defenderem a mulher, filhos, e honra dêles, costumam os homens obrar maiores feitos, que por benefício de sua própria vida.

O mesmo, que aconselhara aos reis para com os vassalos, aconselhara aos vassalos para com os reis. Assim nas eleições, assim nas pretenções.

¿ Passa v. m. por isto ? Que me ia eu agora me tendo em políticas, e cousas de estado sem me sentir ! Lá se avenham os que mandam o mundo. Com licença de v. m. quero fazer minha volta, e vir-me do pégo para a terra.

Esquisitices e tratamentos

A cousa com que mais atentado sou, é uns que dão em nomearem as mulheres por circunlóquios, chamando-lhes ora a minha vélha, a minha companheira, a minha hóspeda, a minha obrigação, a mãe dos meus filhos, e cousas assim, que em qualquer tom que sejam ditas, parecem pouco graves, e, a meu juizo, indignas

de se acharem na bôca de nenhum sisudo. A mulher de que o homem se preza, e o homem de que a mulher se honra, ¿porque não hão-de ser por seus nomes nomeados ? Digo delas para êles outro tanto.

Os parentes, se se casam, costumam chamar-se pelos graus de seu parentesco, as mulheres aos maridos, e os maridos às mulheres. Eu sou amigo da verdade ; e antes aconselhára a cada um que dissesse minha mulher, e meu marido, que minha prima, nem minha sobrinha, nem meu tio, nem meu primo. Todavia não é costume condenável, se o não fôsse com tal excesso que désse a ocasião, que deu outro, que de contínuo nomeava a mulher por sua prima, a que um criado seu, havendo de lhe escrever, lhe pôs no sobrescrito : À senhora prima de meu senhor ; porque lhe não sabia o nome.

Se hei-de levar ao cabo minhas impertinências, também quero falar alguma cousa sôbre o estilo de se falarem entre si os casados. O *tu* é Castelhano ; e por mais que êles o achem carinhoso, como lá dizem, é palavra muito de praça, e que ao mais não deve de quebrar a menagem da câmara para fóra. O *vós* é francês, que com um *vous*, receberam a mesma raínha Sabá, se cá tornára. Tenho-o por demasiado vulgar. O *êle*, e *ela*, um—¿ouve, senhor? ¿Que diz, senhora? é têrmo bem português, assaz honesto, e bem soante. As senhorias, e excelências, a quem pertencem, gravidade induzem; mas parece um certo modo de esquivança tratar um homem sua mulher como se o não fôra. Fiquem-se para os príncipes, e reis as altezas, e majestades; e proíbam-se-lhes também aqueles afagos humanos entre os mais afectos que lhes não podem ser comuns. Por

onde já dizia D. João o segundo, que por só três dias folgara de poder ser homem.

Tratem-se, a meu rôgo, os nossos casados com aquele modo que melhor companhia faça guardar ao amor, e á estimação; que é uma excelente conserva para a vida dos honrados. Sem embargo, os mais moços tem privilégio para poderem saír tamalavez da severidade destas regras.

LI

Conselhos às senhoras

Ora muito há que lhes não digo nada às casadas, às quais tenho para encomendar uma acção não inútil, antes de grande conveniência. Há muitas, que de desgostos que não podem remediar, tomam em si o castigo; cousa totalmente indigna, como injusta. Umas, por serem mal casadas, se desmancham em si mesmo, e desfiguram, com o que vem a ser pior casadas. Aquelas a quem lhes morrem os filhos, aquelas a quem lhes não nascem, vivem não sòmente desconsoladas, no ânimo; mas o dão a entender no trajo, e rostro; de que os maridos prudentes, e que mais as estimam, se entristecem, e vivem afligidos; e os de leve condição tomam motivo para procederem mais levemente, achando fácil a desculpa, que não tem, no esquisito modo das mulheres. Nascem desta desordem outras maiores, em grande ofensa da paz; porque de ordinário os homens não são da condição de um meu amigo, que dizia a sua mulher noutro tal caso: Senhora, desenganai-vos, que por mais

que me façais, nem vos hei-de querer mal. nem me haveis de parecer mal.

Deve-se à fé, e igualdade no matrimónio contraída, grande satisfação ; e assim como entre os bem casados é digno de muita dôr, faltar a algum dêles a vida ; assim é digno de muito sentimento faltar a alegria de algum. Já deixo dito que as almas dos casados são comuns ; seus gostos, e pezares. Não haja parte que se queira levantar com a parte alheia. Nenhum chore, nem se alegre, mais do que pode tocar afecto à sua ametade.

Pois a propósito destas que de tristes se desconcertam, farei lembrança de outras que igualmente são reprensíveis por, de muito alegres, se concertarem mais do necessário. Já disse àcêrca das galas, e adornos ; e não sei se de nojo, ira, ou esquecimento tardei até agora em falar de umas que põem no rostro.

A mulher que põe no rostro, põe nêle sua injúria, e tira dêle sua vergonha ; não beleza, nem mocidade põe por certo ; porque não só ofende o siso, mas os anos, e o parecer. Todos entendem logo que pouco se fia em si aquela que de tam baixas cousas se ajuda. Sempre se teve por cobarde o que muito se armava. Quantas, em vez de agradarem aos que as vêem, por essa própria diligência escandalizam e vão como convidando o riso, e a mofa da gente que pretendiam admirar, e afeiçoar, pode ser ! Êste abuso é digno de que o marido, logo que o conhecer, o atalhe por todos os meios ; porque a idade o não emenda, antes o acrescenta. Tenho por certo que tam ruim conta dá de seu juízo o marido que sofre posturas a sua mulher, como dá de seu entendimento a mulher que as usa. Uma convidava a seu marido que se sentasse junto dela ; e êle dizia : Deixai-me, que de uma doença me ficou grande entejo aos doces da botica.

Outro dizia por uma sua parenta, que com muitos anos sôbre si, trabalhava pelos lançar fóra do parecer: Minha tia fulana não quere senão esperdiçar desenganos. E na verdade assim é, porque a graça da mocidade se não alcança, e se perde a gravidade da velhice. Os rostros se desfiguram com os martírios que nêles fazem os unguentos; e as pobres são escravas de sua presunção. A que aludia um discreto, dizendo por outro tal: Muito ruim cativeiro se dá aquela senhora ao seu rostro. Mas com muito mais graça que todos o disse (como sempre) o cardial Çapata, que visitando uma senhora romana de maior idade, e muito dada a êste mau costume, como ela lhe perguntasse que novas havia em Italia, e êle visse tam maltratado seu rostro pela fôrça das posturas, dizem que lhe respondeu: *Ilustrissima señora, mui malas nuevas tenemos; porque segun las cosas corren, yo estoy viendo Soliman apoderado de Civita vieja.*

E porque, escrevendo eu a v. m., e regulando estas amoestações, ou conselhos, segundo as pessoas de seu porte, das quais costumam saír sempre (pelo menos sempre deviam saír) as que ocupam grandes logares na paz, e na guerra, não será sem fruto deixar advertido a tôdas as mulheres, que o chegarem a ser de ministros, e pessoas que tem à sua conta os negócios públicos, alguma cousa tocante à conservação dêsse estado.

LII

As ministras

Dão muitas destas senhoras mulheres de ministros, com grande risco de seus maridos, e casas, em quererem ser elas ministras também como êles. A três pontos se reduzem êstes inconvenientes : Interceder pelos que pretendem, negociar com os despachados, revelar segredos aos negociantes.

Não sei qual é pior. Afirmo que tudo é péssimo para a opinião dos ministros, cujas mulheres se deixam levar do aplauso, interêsse, e ambição. Tenho em meu poder a cópia duma carta de Carlos V para D. Filipe seu filho, quando em uma de suas jornadas o deixava governando, e instruía dos sujeitos que lhe dava por ministros ; e chegando a um, de quem não tinha tôda a satisfação, diz estas palavras : *Fulano era el mejor de todos, si fuera eunuco ; porque la mujer deshace en aquel hombre las mejores partes que he visto.*

Nas mulheres de ministros de justiça é mais perigoso êste costume. Mas porque os de estado são pessoás maiores, quando neles se acha êste defeito, é mais notável ; ou quiçá que o não é tanto nos primeiros, por ser mais ordinário. Ao que aludia um cortesão, que, pegando-se o fogo em casa de um ministro de justiça pouco escrupuloso, ia dizendo pelo caminho: Acudamos, senhores, á nossa fazenda, que se nos queima.

Queixava-se um requerente a outro de que um seu juiz, sendo pobre, gastava como rico: e nomeando suas

ostentações, rematava com dizer: ¿ Pois isto, senhor, de que sai? E outro lhe respondia: Do que entra. Tornava o queixoso, e dizia: Senhor, não fizeram isso seus passados ; e outro respondia : Não, senhor, mas fazem-no nossos presentes.

Costumam as mulheres de alguns ministros, pela própria razão que se houveram de abster, e ajudar com grande tento a levar aquela carga a seus maridos, ocasionar-lhes seu precipício, carregando-os de novo com suas desordens, e vindo depois com êles a terra.

Deve o marido começar por si mesmo no cuidado que é bem que tenha de sua conservação. E pois é certo que ao próprio sangue, em que nossa vida consiste, lançamos das veias, se se corrompe, porque não apodreça o outro que nos fica, quanto mais se deve sangrar a ambição, ou interêsse, se na mulher fôr conhecido, que em breve tempo ameaça corrupção à saúde do corpo, e da família: morte da casa, do ofício, e da conveniência ?

Confesso que fôra lícito à senhora mandar sua encomenda, fazer ao marido esta, e aquela lembrança por um, ou por outro pretendente, e ainda favorecer a algum que o merecesse, dando-lhe uns longes de seu negócio, com que lhe pudesse dar remédio. Mas como estas cousas sejam de seu natural perigosas, poucas vezes acontece que nelas se obre sòmente o lícito. Contentára-me com que a pena do desconcêrto se ficára com o autor dêle ; mas não é assim ; antes, da inconsideração da mulher é o marido sempre (sem ser o fiador) o principal pagador.

Havia em Castela um ministro dos que vou dizendo ; era pouco limpo, ainda que mui asseado ; mercadejava a mulher, e ganhava sempre : êle dizia, quando

lhe gabavam suas alfaias: *Muchas gracias à la industria de dona Clara.* E o certo era, que a indústria era clara com que D. Clara se aproveitava de sua indústria.

Passando ás Índias um mercador, lhe foi dada certa encomenda da mulher de um ministro; e acertou o pobre de se perder, e perdê-la, com todo seu cabedal. Tornou a Espanha, e à côrte; e não lhe sendo recebida em desconto a perdição, houve tal violencia no caso, que lhe fizeram pagar aquela encomenda com ganhos, e cabedais, como que não pudesse ser perdida como as outras. Voltou a Sevilha, e topando a outro mercador seu amigo, lhe perguntou aonde ia, e havendo-lhe dito que à igreja maior, a segurar com Deus, e com os homens de negócio, certa grande partida de fazenda que esperava de fóra, então lhe disse o queixoso: *Andad, señor, y no hagais tal; mejor es encomendarla a mi señora D. fulana, que toda la saca a puerto de salvacion.*

Mas porque toquei arriba ácêrca dos segrêdos que as mulheres costumam revelar dos ofícios de seus maridos; a propósito virá agora tratar desta matéria, assaz essencial para o descanso do matrimónio.

LIII

Segredos

Vi, senhor N., e ouvi já grandes disputas (e tive já bôa parte nelas) sôbre se se deve dizer à mulher, ou não, tudo o que se sabe. Eu, que fui sempre amigo de vêr amar com singeleza, muito tempo tive para mim,

que a mulher honrada havia de ser uma boceta, em que se guardassem os secretos mais íntimos de seu marido ; e que êsse era dos maiores bens do casamento, achar um homem na mulher um coração fiel, com quem poder repartir dos cuidados, e ânsias, que às vezes não cabem no coração do homem, com a mesma confiança que se não saíssem de seu ânimo ; e que tudo o contrário era um amar fraudulentamente.

Isto era o que eu cuidava ; mas não é isto o que hoje creio, nem o aconselharei a meus amigos: antes me tem mostrado a experiência, e maior observação, que alcancei com os maiores anos, e com os novos casos, que contra êsse mesmo amor, e legalidade, que à mulher própria se deve, irá aquele que lhe fiar segredos, e paixões à sua capacidade aventajados.

Parece-me a mim agora isto como quem põe meada grande em dobadoura pequena, que em lhe puxando pelo fio, traz o fio a meada, e a dobadoura, tudo a terra. Senhor meu, se carregarmos uma caravela com o lastro de um galeão, metê-la hemos no fundo. Os segredos que se fizeram para os grandes corações, fiquem-se nêles. E traga-se sempre presente aquele notável dito do outro : Nunca me arrependi do que não disse.

Porém, pois em tudo vou pondo dos meus unguentos, saiba-se que não julgo as mulheres por de todo indignas de que se lhes confie alguma matéria importante. E assim, se houvéssemos de medir pela razão êste negar, ou fiar segredos, diria : Que as paixões próprias eram, e são, dignas de lhes serem comunicadas. Os pontos da honra, os mistérios do ofício, as confianças do rei, as resoluções da república, estas deve reservar o casado em seu peito indispensàvelmente.

Se eu posso dar regras, melhor regra será esta : Po-

de-se dizer à mulher o que a mulher pode remediar com suas fôrças, ou com o conselho ; o que não pode remediar, não convém que se lhe diga. Confesso houve, e haverá no mundo mulheres de grande coração, donde fôra bem empregada tôda a confiança ; contudo isto são como uns baratos, que dá a natureza, quando se acha rica, e sobeja, que não devemos de esperar haja repartido com tôdas ; e apenas podemos crer que com algumas os repartisse.

LV

Casamentos dos filhos

Uma das cousas, em que os casados mais necessitam de advertência é nos casamentos dos filhos. V. m. ainda está longe ; porém, como nisto falamos por uma só vez, não será justo que, havendo-me lembrado de tanta impertinência, me esqueça de cousa tam importante.

Anda uma prática entre os homens, que afirma que o tempo do casamento dos filhos é quando houver melhor ocasião. Esta regra, a meu juízo, é bem falível ; porque, dado que haja bôa ocasião para casar, e má disposição para casar, em tal caso o acêrto seria duvidoso, e as mais vezes não seria. Deve-se entender isso da ocasião depois da disposição, e quando a vontade dos filhos estivesse conforme para receber êsse estado. Porque ainda que das conveniências dêle se podia esperar que o proveito trouxesse o gôsto ; todavia a von-

tade, que é nesta demanda o autor ou réu, raras vezes se governa por essas regras ; e de casamentos sem vontade não há que esperar contentamento.

Seja livre a eleição do estado dos filhos ; mas de tal sorte livre, que seus pais os estejam sempre inclinando a aquele que lhes convém. Sejam então seus conselheiros, não seus senhores.

Mas filhas é grandíssimo perigo ; porque havendo trazido a vaidade humana umas leis (certo tiranas) contra a honra, portes, e virtude, e só em favor do interêsse ; sucede de ordinário que nas casas ilustres, e grandes, onde há muitas filhas, apenas pode haver dote com que casar uma como convém. Ficam logo as outras condenadas a perderem por fôrça a liberdade, e haverem de tomar estado que não desejam, e violentíssimamente sofrem.

O remédio dêste dano é quási sem remédio ; porque seria necessário emendar primeiro tôda a república, e os maus costumes dela. Se nos houvéssemos de governar por exemplos passados, vimos que muitos grandes homens, achando-se ricos de filhas, se fizeram maiores nas descendências, e a elas não violentaram. Recolheram na religião as que a pediam : casaram as que o desejavam. Nêste caso, parece que o pai de muitas filhas se pode contentar não abaixando, sem que procure subir ; que mais claramente é dizer-lhe, poderia casar suas filhas com pessoas que lhas pedissem para se honrar com tais mulheres ; e não querendo achar para genros homens com que se honrasse. Basta que se não desonrasse com êles. Isto não é sempre nem para todos ; nem lhes nego a todos que procurem o melhor ; mas amoesto que se acomodem com o possível.

Guardaram esta matéria de estado muito notáveis

pessoas dêste reino, que pudera nomear, se não fôra aqui escandalosa a comparação : fazendo memória de algumas desigualdades, que depois igualou o tempo, e a fortuna.

A valia dos príncipes, a grande riqueza, o valor notável da pessoa nas armas, ou nas letras, quando seja acompanhado de limpeza de sangue, realçam as qualidades dos homens de sorte que os fazem merecedores de se poderem aparentar com os maiores ; e a êstes dão confiança para se deixarem aparentar com êles.

Dizia um grande senhor em duas palavras tudo o que aqui há que dizer : Que com seus filhos haviam de ir rogar seus pais, para serem bem casados ; e para suas filhas haviam de ser rogados, para serem bem casadas. E outro, não menos entendido, costumava dizer : Que as bôas partes eram chapins da qualidade, que faziam crescer as pessoas de sorte que muitas vezes igualavam os pequenos com os grandes.

Falta-me aqui por advertir alguma cousa a umas certas mães, e não sei se a alguns pais, que dão seus geitos às filhas para que se casem ; particularmente a aquelas de bom frontispício, largando-lhes para êsse efeito um pouco a rédea do recato.

Digo de mim, que sou austeríssimo nesta matéria. Se a houvesse de julgar conforme meu natural, não acabára nunca de condená-la. Vemos contudo pelo contrário tantos exemplos, que parece tem já tirado o horror que nela acharam outros. Fóra de Espanha é tam ordinária esta arte (em Flandres especialmente) que os galanteios são permitidos, e devidos, e chega a tanto, que os pais, e mães vem a ser os mestres das filhas, a quem aconselham os termos porque se devem haver com seus amantes até os obrigar a que lhes sejam maridos.

De má vontade direi (mas enfim o digo) que se pode dissimular a uma filha, quando se saiba é bem vista de tal pessoa, que lhe estará bem para marido. Mas devem ser tais os modos porque esta dissimulação possa ser lícita, que tenho o achá-los por impossível. Aconselhará neste caso o ânimo de cada um.

Vem agora aqui o casar a furto, que chamamos, e contra a vontade dos pais. Isto é em duas maneiras: em acção, ou em paixão, em acção casando o filho, em paixão sendo a filha casada.

Ao homem que seu filho se casasse bem, ainda que contra vontade de seus pais da mulher com que casasse, aconselhára que o sofresse, que de secreto o ajudasse, e se não desse por contente, nem descontente da acção daquele filho. Receitaria neste caso uma ausência, que é cousa utilíssima para negar ao juízo público a tristeza, ou alegria, quando delas não convém testemunho. E se fôsse antes do sucesso, seria maior prudência.

Ao homem que sua filha lhe fôsse levada para casar com o filho alheio, se assim fôsse que nisso não perdesse, aconselharia que se fôsse após dela, e se vencesse no pezar que lhe daria essa desobediência; que nos mais é teima, e raiva, e nos menos verdadeira dôr.

Destas abominações entre os pais dos que assim se casam, nascem de ordinário inimizades, brigas, contendas; e mais de ordinário públicos ditos, remoques, e desonras; desenterram-se avós, publica-se o que se não sabia, vão os escândalos de monte a monte; então no cabo de todos seus defeitos, verdadeiros, ou mentirosos, virem á praça, ei-los amigos.

O casar bem dos filhos pode absolvê-los da culpa de ser o desgôsto dos pais; que obrigados eram a ter gôsto do aumento dos filhos. Finalmente o modo sem-

pre era bem que fôra bom ; mas lá diz o rifão castelhano : *Hayase el milagro, hagalo el diablo.* O casar mal, e a desgôsto dos pais, é o último desconcêrto, e o que mais vezes se vê. Tem só o remédio na preservação ; porque para o êrro não há mèzinhas. Advirtam-se assim os pais de darem com tempo estado aos filhos ; e pelo menos, quando não possa ser com a brevidade que se deseja, mostrem-lhes que disso se trata. Com esta esperança os entretenham.

Acontece haver homens, que por se gozarem de sua casa inteira, ouvem mal, e respondem pior aos casamentos dos filhos ; e não poucas mulheres há que por não verem a nora enfeitada junto a si, ou a filha descoberta, e próximo o perigo de serem avós antes de tempo, enxotam de casa as bôas ocasiões das bôdas dos filhos, que dão em ser tam melindrosas, e desconfiadas, que poucas vezes tornam onde uma vez as desprezaram. Vale-se de tam indignos defeitos o marido sisudo, e a mulher honrada. Queiram para os filhos quando sejam pais, aquilo que, quando eram filhos, quiseram para si.

LIV

Sogras, noras, genros, e cunhados

Não é pouco, nem pouco proluxo, o que se tem discursado. Cada ponto quisera já que fôra o último ; mas com licença de v. m. não me haverei de despedir sem falar em sogros, e sogras, noras, e genros, cunhados, e cunhadas.

Êstes soem ser uns mal-estreados parentescos. Certo que já me pus a filosofar comigo sòmente, sôbre a causa desta desavença ; e outra não posso achar, salvo aquela que em outra diferente causa deu o mestre dos políticos, dizendo : Que aos grandes eram agradáveis as obrigações, enquanto as podiam pagar ; mas como cresciam mais, ainda em vez de amor causavam ódio.

Julgo que é tamanha a dívida que se tem aos sogros, e êstes aos genros, uns a outros os cunhados, tanto o amor que se deve a pessoas tam conjuntas, que porque se não pode pagar, se converte em aborrecimento.

Bem o mostra o estilo, que nos ensina, vendo chamar pais aos sogros, filhos aos genros, aos cunhados irmãos. Quanto é aqui, assaz está expressa a obrigação ; mas assaz mais expressa a ingratidão dêstes, e aqueles, pelo que estamos vendo.

Queixava-se uma senhora viúva da grande amizade que tinha um seu filho com certo fidalgo, em que a ela parecia não ganhava êle muito ; de que recebia desgôsto. Entrou-lhe por casa um criado pedindo alviçaras ; e perguntando-lhe de que ? respondeu : De que meu senhor quebrou já com fulano, porque lhe casa com uma filha.

Como me não encarreguei de dar a razão, só procurarei dar o remédio para que nunca tal abuso se pratique.

Diga-me v. m. Se um homem lavrasse com grandes despesas uma quintã, durasse nesta obra muitos anos, gastasse nela seu tempo, e sua fazenda, lhe saisse em tudo perfeita, e logo, ela acabada, se fôsse a casa de v. m. e lhe desse aquela propriedade, lhe vinculasse outras, e de tudo o metesse de posse, ¿ que faria v. m. ? ¿ Que digo eu ? v. m. ? ¿ Que faria a mais ingrata pessoa

do mundo, senão venerar, amar, regalar, e servir a aquele homem, confessar-se por seu escravo, por seu devedor, por seu perpétuo amigo ?

Pois que faz menos, ou que não merece mais, aquele que cria por tantos anos a filha, a doutrina, guarda, e aperfeiçôa ; e depois repartindo com ela seus bens, e entregando ametade da sua alma, mete todo êste tesouro na mão a outro homem, a quem porventura antes nada devia ?

Trarei para exemplo de bons sogros o que sucedeu quási entre nós, e quási em nossos tempos. E foi, que havendo um homem rico casado uma sua filha com um fidalgo honrado, e querendo casar outra com outro, em nada maior que o primeiro; êste segundo não quis fazer o casamento sem que lhe dessem em dote mais dez mil cruzados do que ao outro havia dado; e como o sogro dissesse, que teria grande causa de queixa o primeiro genro, dando êste mais ao segundo, e lhe não valesse esta razão para efectuar o último casamento ; houve enfim de convir nêle, e efectuá-lo com tal galantaria, e primor, que no próprio dia, que assinou as escrituras ao segundo genro, mandou outros dez mil cruzados ao primeiro, dizendo-lhe, que não queria que houvesse alguém que cuidasse o estimava a êle menos.

Por certo que não vi, nem ouvi cousa mais galante, e honrada. E porque se veja que também há genros que o sabem ser como devem, contarei a v. m. outro caso que bem o prova.

Havia, não há muitos anos, em certo logar uma pessoa riquíssima, com uma só filha herdeira para casar: afeiçoou-se sua mãe a um seu natural de bôa qualidade, mas não muita fazenda; mandou-lhe dizer que estava tam satisfeita de sua pessoa, que lhe queria dar as me-

lhores duas peças que tinha em sua casa; quais eram, sua filha por mulher, e com ela tudo quanto tinha. Respondeu-lhe o genro, que não seria razão que a quem tanto lhe queria, e a quem êle devia tanto, despojasse de todos os seus bens em uma só hora; que a filha receberia por espôsa, com condição que lhe não havia de dar mais da ametade do que lhe prometia.

Bem vejo que êstes exemplos são muito bons para escritos, mas não são tais para praticados; e disso mesmo é a minha queixa. Enfim eu satisfaço a minha obrigação, mostrando como não é impossível esta devida amizade. Malditos sejam os interesses! Que êles tem a culpa de que ela não prevaleça: porque de ordinário acontece que aqueles queixumes de sogros, e genros, tudo funda em — sim me deu, não me deu. Grande descanso viera ao mundo, se todos nos contentáramos com o possível; mas isto é querer outro mundo.

Tenho por bôa a amizade, e a companhia dos cunhados, quando êles sejam para amigos, e companheiros; quando o não sejam, nem por isso os excluo do trato, e conversação. Deve-se neste caso fazer distinção dos maus aos ignorantes. Ainda que o cunhado não seja águia, se deve admitir; e antes a êstes com maior causa, porque os outros se lhes não atrevam. Mas ainda que seja águia aquele que mal procede, se deve desviar com todo o cuidado; se quer porque não pareça que em suas obras se consente.

Já ouvi murmurar, e não sei certo se murmurarei eu também, de alguns que casando se apartam dos amigos que tinham antes, e de todo se entregam á parentela de suas mulheres. Isto é condenável; e se vê mais certamente naqueles que a elas se entregam.

Andava um noivo sempre entre dous cunhados seus, que nem largava, nem o largavam. Passava às vezes por um seu amigo do tempo de solteiro, a quem tratava com estranheza. Êle queixoso lhe disse um dia : Peza-me, senhor fulano, que a senhora D. fulana tenha tam pouca confiança da fé de v. m. que o não deixe andar pela cidade sem familiares.

Também não será razão que nos passe por alto a prática de um acidente, não poucas vezes sucedido entre casados; como agora digamos uns descontentamentos, ou arrufos, que passam com nome de escândalos entre a mulher, e seus parentes, agora sejam do marido, agora seus próprios.

Tudo isto costuma proceder de leves causas. E como ordinàriamente as vinganças das mulheres não são grandes, por isso são mais as queixas, que dão causa a desconfianças, e ruins vontades, com grande cargo do primor, e às vezes da consciência; porque debaixo de um, eu sou sua amiga, está enroscado um ódio como uma serpente.

Há homens que tem por grande siso o não terem parte nestas contendas. Tal não aprovo, porque, além de que ao marido por sua dignidade toca a justificação das acções de sua mulher, ou a emenda, também lhe pertence a direcção delas ; e mais na sua amizade, ou inimizade : assim como ao rei pertence a guerra, ou paz feita por seu vassalo. Fôra de parecer que nos casos miúdos (que êstes são os mais) um pouco se dissimulára. Porque, senhor N., aí há um desconcertar de braço, ou pé, com que é fôrça acudir ao algebrista, e outro que quanto mais bólem com êle mais o desmancham. É carne quebrada, que ela por si mesmo solda quando lhe parece.

Quando a dúvida passasse muito adiante entre a mulher, e seus parentes, e parentas, e pudesse ser pública, e escandalosa, ou assim o ameaçasse; obrigado seria o marido a interpôr-se em meio, e acordar tudo.

Isto se faz melhor, tratando-se com o próprio marido da parente (se o tem) ou já ofendida, ou já agressora. E ainda que seja levantando-lhe um par de testemunhos a ambas as agravadas, e dizendo a cada uma que a outra a roga (cousa de que elas muito se satisfazem) é conveniente acomodá-las, e fazê-las amigas.

Mulheres há, e não poucas, que nisto são tenazes, e duríssimas de reduzir de seus pontos, ou caprichos. Sem embargo, razão é que os maridos as encaminhem á razão, e lhes façam certo que elas é bem que sigam o seu parecer dêles; pois á sua conta dêles está sua honra, e crédito delas.

Quando, feita a diligência prudente, e necessária, não bastasse, tam pouco serei de opinião que um homem esteja mal com sua mulher porque ela não está bem com a outra.

CONCLUSÃO

Ora, Senhor N., quando comecei a escrever a v. m. foi com ânimo de não passar de uma carta; e acho-me agora com um processo escrito. Eu de meu natural sou miúdo, e prolixo; o estar só, e a melancolia, que de si é cuidadosa, me fizeram armar tam largas rêdes, para colhêr dentro delas todos os casos, e todos os avisos. Praza a Deus que nos não hajamos cansado debalde; como seria, se no cabo de v. m. haver ouvido muito,

e de haver eu dito muito, daqui não tirássemos algum proveito.

Rematarei com as generalidades que, a meu parecer, avultam bem a grandeza das casas ; isto como conclusão do muito que nestes pontos havia que dizer.

Bem vejo eu que se chegar e ser lido de alguma casada, ou casado (e mais ainda dos que estiverem para o ser) acharão medonho êste caminho, por onde pretendo guiá-los à prometida casa do descanso. Porque dirão êles o estão vendo cheio de abrolhos, e cautelas, que apenas parece poderá passá-lo a consideração, quanto mais a obra.

Dir-lhe hei a tôdas, que nesta carta sucede o que nas cartas de marear, que quem as vir assim cruzadas de linhas, e riscos, que se comem uns aos outros, parece que de tal confusão não pode haver quem se desempece ; e na verdade não é assim ; porque aqueles linhas tôdas são umas próprias, e apenas passam de quatro principais ; mas para fazer mais fácil o nosso uso, se multiplicam.

Quem com bom juízo considerar esta máquina de cousas, as verá tam semelhantes, atadas, e dependentes umas de outras, que não lhe parecerão muitas, mas uma só. E porque, como vêmos, a corda de poucos fios se quebra fàcilmente, se com ela apertam muito ; por isso é necessário tecer e torcer de muitos avisos, e remédios esta corda, de que está pendurada a honra, vida, e salvação dos casados ; porque com as fôrças do vício se nos não rompa. E como tôdas elas costumam quebrar pelo mais fraco, e esta fraqueza é própria da mulher ; por essa mesma razão convêm fortificá-la de sorte, com tanta cautela, e arte, que por mais que tire a ocasião, sempre se conserve sã, e inteira.

Mas se contudo parecer às mulheres excessivamente rigorosa esta minha doutrina, certifico-lhes que meu ânimo não foi êsse, senão encaminhar tudo à sua estimação, regalo, e serviço.

E porque assim se veja mais certamente, haja quem queira de mim outra carta para as casadas ; e então se verá quam bem advogo por sua parte, quando pelo que aos maridos deixo dito as mulheres se não dêem por satisfeitas.

Senhor meu. Casa limpa. Mesa asseada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Um que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Côche a ponto. Cavalo gordo. Prata muita. Ouro o menos. Jóias que se não peçam. Dinheiro o que se possa. Alfaias tôdas. Armações muitas. Pinturas as melhores. Livros alguns. Armas que não faltem Casas próprias. Quinta pequena. Missa em casa. Esmola sempre. Poucos vizinhos. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada. Marido cristão ; é bôa vida, e bôa morte.

Tôrre Vélha, em 5 de março de 1650.

D. Francisco Manuel.

ÍNDICE

CARTAS DE AMOR

	PAG
Prólogo	VII
Carta primeira	3
Carta segunda	11
Carta terceira	25
Carta quarta	33
Carta quinta e última	41

CARTA DE GUIA DOS CASADOS

Prefácio biográfico	55
Advertência	102
Carta a D. Francisco de Melo	105
Aos leitores	107
Preâmbulo	111

PAG.

I — Vantagens do casamento..... 114
II — A proporção do casamento 115
III — O amor 117
IV — A idade da noiva 119
V — Parentescos 120
VI — Casamento por conveniência 121
VII — Várias castas de mulheres 123
VIII — Maneira de conservar a bondade das que são bôas 131
IX — Criados e criadas 132
X — A espôsa 143
XI — Costumes da Côrte..... 144
XII — Govêrno doméstico 147
XIII — O trajar..... 150
XIV — Regalos caseiros..... 151
XV — Visitas..... 152
XVI — Murmurações..... 154
XVII — Amizades..... 155
XVIII — Freqüência do Paço..... 155
XIX — Festas 157
XX — Cachorrinhos e outros bichos 158
XXI — Mulheres caseiras 159
XXII — Mulheres ídolos, varonis e sábias.. 160
XXIII — Mulheres palreiras, descompostas e muito risonhas 164
XXIV — Leituras..... 166
XXV — Beatarias e crendices..... 167
XXVI — Frades e freiras..... 169
XXVII — Atavios 172
XXVIII — Facilidades dos maridos..... 173
XXIX — Govêrno da casa 175
XXX — Ocasiões de perigo 178

PAG.

XXXI — Cautelas 179
XXXII — Galantarias honestas 182
XXXIII — Louçanias 183
XXXIV — Afeminação, desleixo, e requebros indecentes 184
XXXV — Piéguices paternais com os filhos . 185
XXXVI — Amas 188
XXXVII — Bastardos 189
XXXVIII — Freiráticos e ciúmes 194
XXXIX — Jôgo 194
XL — Amigos 196
XLI — Horas de recolher 197
XLII — Se deve louvar-se a espôsa 198
XLIII — Remoques perigosos, e impertinência 200
XLIV — Maridos calaceiros de criadas ... 202
XLV — Avisos 203
XLVI — Mesa 206
XLVII — Comédias e romarias 209
XLVIII — Quintas 210
XLIX — Viagens 213
L — Esquisitices e tratamentos 215
LI — Conselhos às senhoras 217
LII — As ministras 220
LIII — Segredos 222
LIV — Casamentos dos filhos 224
LV — Sogros, noras, genros e cunhados. 228
Conclusão 233

A Colecção "ONTEM E HOJE"

pelo interêsse indiscutível que os seus volumes despertam constitue, como a sua congénere francesa «Hier et aujour d'hui», um grande sucesso da livraria portuguesa

VOLUMES JÁ PUBLICADOS NESTA COLECÇÃO

N.º 1 — *Uma das Maravilhosas «Madame Tallien»*, por Paulo Reboux. — (Volume ilustrado com 5 gravuras).

N.º 2 — *Lénine*, por João Jacoby. — (Volume ilustrado com 13 gravuras).

N.º 3 — *Heroínas Portuguesas*, por Rocha Martins — *D. Filipa de Vilhena, Mariana de Lencastre* (defensora de Monção), e a *Duquesa de Ficalho*. — (Volume ilustrado com 5 gravuras).

N.º 4 — *Os Grandes Estadistas Nacionais*, por Rocha Martins — *João das Regras, Conde de Castelo Melhor* e *Marquês de Pombal*. — (Volume ilustrado com 6 gravuras).

N.º 5 — *Amores à Margem da História*, por Rocha Martins. Volume ilustrado com 3 gravuras).

N.º 6 — *Os Dramas da Liberdade*, por Rocha Martins.

N.º 7 — *Maria Antonieta em Versalhes*, por Pedro de Nolhac.

N.º 8 — *Os segredos da Bastilha*, por Funck-Brentano.

N.º 9 — *O cavaleiro de Oliveira*, por Aquilino Ribeiro.

N.º 10 — *Heróis portugueses no Brasil*, por J. de Barros.

N.º 11 — *História de Portugal*, I Vol. por Ângelo Ribeiro.

N.º 12 — » » » II Vol. pelo Dr. Newton de Macedo.

N.º 13 — » III Vol. por Ângelo Ribeiro.

N.º 14 — » » » IV Vol. por Hernâni Cidade.

N.º 15 — *Bocage*, por Hernâni Cidade

Preço de cada volume com capa ilustrada 7$50

NOVOS VOLUMES A PUBLICAR:

A condessa da Ega, por Aquilino Ribeiro.

Madame de Pompadour, por Tinayre (Marcela).

A Revolução de 1820 e os seus Homens, por João de Barros, etc., etc.